

10/04/2019

Grande Imprensa

CORREIO BRAZILIENSE - DF

[Promessa de fazer mais com a mesma verba](#)

[Vamos pacificar o MEC](#)

[Suplente foi apenas pretexto](#)

[Os desafios de Abraham Weintraub](#)

FOLHA DE S. PAULO - SP

[MEC na encruzilhada](#)

[Universidades são antros de comunistas?](#)

[Espelho](#)

[Dodge pede que fundo bilionário da Lava Jato seja repassado à educação](#)

[Novo ministro da Educação diz que vai acalmar ânimos e ressalta ser gestor](#)

[Weintraub vai demitir secretários do MEC e trazer ex-integrante da gestão Temer](#)

[Demitido por Bolsonaro, Vélez diz que entrega MEC com a casa em ordem](#)

O ESTADO DE S. PAULO - SP

[Cem dias sem MEC, mas a educação não parou](#)

[Fãs e amigos da onça](#)

[O problema é de gestão](#)

[O FMI e o Brasil emperrado](#)

[Arranque](#)

[Ministro defende tirar Bolsa Família de aluno agressor](#)

[Males do aparelhamento](#)

[Grupo militar muda decreto de alfabetização do MEC](#)

O GLOBO - RJ

[No topo do MEC](#)

[Alfabetização é centro de nova disputa no ministério](#)

[100 dias dos novos governos](#)

VALOR ECONÔMICO - SP

[Weintraub promete "pacificar MEC" e diz que pasta tem rumo](#)

[Unifesp busca R\\$ 1 bi com setor privado](#)

[Atmo compra escola](#)

Imprensa Estadual

ESTADO DE MINAS - MG

[Os desafios na educação](#)

["Não sou radical, sou aberto ao diálogo"](#)

JORNAL DO COMÉRCIO - RS

[Raquel Dodge pede que fundo da Lava Jato seja repassado à Educação](#)

O POPULAR - GO

[Bolsonaro indica que MEC pretende desestimular interesse por política](#)

Agências de notícias e sites

JORNAL BOM DIA (RS)

[Ciências Biológicas da URI lidera projeto de combate ao uso de bebidas alcoólicas](#)

JORNAL DIA A DIA

[Reitor do Mackenzie se encontra com conselheiros da Câmara de Educação Superior do](#)

[Conselho Nacional de Educação \(CNE\), em Brasília](#)

PLANETA UNIVERSITÁRIO

[Uniso recebe aprovação para o Doutorado Profissional](#)

UFSC

CLIPPING



[Inscrições abertas para Encontro Latinoamericano de Agricultura Urbana e Periurbana](#)

AGÊNCIA FOLHA

[Novo ministro da Educação indica que levará braço-direito da Casa Civil para o MEC](#)

AGÊNCIA GLOBO

[Promessa do MEC para os cem dias, decreto da alfabetização é o centro de nova disputa entre olavetes e militares](#)

CORREIO WEB

[Novo ministro quer pacificar MEC e quem não concordar será retirado](#)

ECOAMAZÔNIA

[Grupo de Estudos Amazônicos debate agricultura familiar e sistemas Agroflorestais](#)

G1

[Novo ministro da Educação toma posse e diz que está aberto ao diálogo](#)

METRÓPOLES

[MEC : militares mudam alfabetização antes da posse de Weintraub](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Novo ministro quer pacificar MEC e quem não ficar satisfeito será retirado](#)

Agências de notícias e sites

ADUFG

[Inovação, goianidades e outras tradições](#)

BAHIA NOTÍCIAS

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavençasFoto:](#)

[Divulgação](#)

BITA

[Produção acadêmica do novo ministro do MEC são de periódicos com avaliação baixa](#)

CONEXÃO SALVADOR

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

JORNAL DA USP - SP

[Universidades propõem à Capes a reorganização da pós-graduação](#)

O ESTADO - CE

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

O TEMPO - MG

[Pesquisa da UFMG identifica alteração em gene resistente contra a malária](#)

PORTAL ALAGOINHAS

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

REVISTA NEWS

[Unisinos é a melhor universidade privada do estado em ranking de impacto](#)

SALVADOR DEZ NET

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

SUPERNOTÍCIA - MG

[Pesquisa da UFMG identifica alteração em gene resistente contra a malária](#)

AGÊNCIA ESTADO

[O nome muda, as prioridades não](#)

AGÊNCIA FOLHA

[Sai um olavete aloprado, entra um olavete turbinado no MEC](#)

[Dodge pede que fundo bilionário da Lava Jato seja repassado à educação](#)

G1

[Bolsonaro empossa Abraham Weintraub como novo ministro da Educação](#)

PORTAL ÉPOCA

[BOLSONARO USA O NOME DE AYRTON SENNA E JOGA NO LIXO](#)

REUTERS BRASIL

CLIPPING



[Em evento com Bolsonaro, líder de prefeitos cobra mais recursos da União e defende apoio à reforma da Previdência](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Objetivo é acalmar os ânimos, diz novo ministro ao tomar posse no MEC](#)
[Raquel defende recursos de acordo entre Petrobras e Lava Jato na educação](#)

Imprensa Estadual

AGORA SÃO PAULO - SP

[Novo ministro tem carreira curta e pouca produção acadêmica](#)

FOLHA DE PERNAMBUCO - PE

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

J. DO COMMERCIO - AM

[Pesquisa sobre fábricas chinesas em Manaus recebe menção honrosa no Prêmio Capes](#)

MEIO NORTE - PI

[Ufpi : doutorado em Ciências Agrárias e Farmacêuticas](#)

ZERO HORA - RS

[O QUE ESPERAR DA TROCA NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO](#)

DIÁRIO DA AMAZÔNIA - RO

[MEC](#)

ESTADO DE MINAS - MG

[Entenda como cortes na Fapemig afetam até pesquisa contra a dengue na UFMG](#)

[MUDANÇA PARA TENTAR ENCERRAR CRISE NO MEC](#)

J. DO COMMERCIO - PE

[Diálogo é um desafio para o novo ministro](#)

[Recomeço no MEC](#)

JORNAL DE BRASÍLIA - DF

[MEC](#)

O POVO - CE

[Deputado quer convocar novo ministro](#)

Agências de notícias e sites

BEM PARANÁ

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

CLIC RBS

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

INDÚSTRIA E COMÉRCIO - PR

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

JORNAL DIA A DIA

[Reitor do Mackenzie se encontra com conselheiros da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação \(CNE\), em Brasília](#)

MIX VALE

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

PORTAL DO HOLANDA

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

PORTAL ÉPOCA

[Com novo ministro, guerra de olavetes e militares deve continuar no MEC](#)

PORTAL O DIA

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

REVISTA GESTÃO UNIVERSITÁRIA

[Pró-Reitores do Centro-Oeste se reúnem para debater a pós-graduação](#)

AGÊNCIA ESTADO

[O MEC é o retrato do Governo](#)

AGÊNCIA GLOBO

[MEC não repassou R\\$ 3 bilhões em recursos do Fies a instituições de ensino superior](#)

CORREIO WEB

[Escolha de Abraham Weintraub para o MEC fortalece Onyx Lorenzoni](#)

G1

[Novo ministro da Educação toma posse nesta terça e já participa da primeira reunião ministerial](#)

[Amapá teve redução de 13,7% no número de escolas com EJA na última década](#)

[Professores de três universidades estaduais da Bahia iniciam greve por tempo indeterminado](#)

[Vélez cai e economista assume o MEC; Viúva afirma que militares atiraram apesar de apelos. Jornais de terça \(9\)](#)

GAZETA DE VOTORANTIM

[Uniso recebe aprovação para o Doutorado Profissional](#)

METRÓPOLES

[Escolha para o MEC fortalece Onyx](#)

PORTAL EXAME

[Como Abraham Weintraub no MEC pode fortalecer Onyx e a Previdência](#)

PORTAL ISTOÉ

[Vélez não conseguiu organizar as coisas, diz Mourão](#)

[Pelo Twitter, Vélez agradece a Bolsonaro e deseja sorte ao sucessor no MEC](#)

PORTAL VEJA

[Bolsolavismo vence outra vez](#)

[Após demissão, Vélez diz que confia em Bolsonaro e deseja sorte a sucessor](#)

R7

[Os desafios que o novo ministro de Bolsonaro vai enfrentar no MEC](#)

[Escolha para o Ministério da Educação fortalece Onyx Lorenzoni](#)

[Novo ministro da Educação toma posse nesta terça-feira](#)

TERRA

[Escolha para o MEC fortalece Onyx Lorenzoni](#)

[5 questões urgentes da educação brasileira que o novo ministro Abraham Weintraub vai enfrentar](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Análise : Com MEC paralisado, inexperiência do novo ministro pesará mais](#)

[Onyx se fortalece com escolha de Weintraub para ministro da Educação](#)

[5 questões urgentes da educação brasileira que o novo ministro Abraham Weintraub vai enfrentar](#)

CORREIO BRAZILIENSE - DF - POLÍTICA

Promessa de fazer mais com a mesma verba

Novo ministro da Educação, Abraham Weintraub afirma que, com o valor gasto na área, os resultados deveriam ser melhores e que cumprirá plano de governo sem elevar despesas

PODER

Abraham Weintraub tomou posse no Ministério da Educação (MEC), ontem, com a promessa de fazer mais pelo ensino com a mesma verba. Ele fundamentou o discurso num levantamento da Secretaria do Tesouro Nacional. O estudo aponta que, embora o

Brasil ocupa o 63º lugar no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, que analisa 70 países, gasta 6% do Produto Interno Bruto com o sistema público de ensino, mais que a média da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), de 5,5%, e dos Estados Unidos, de 5,4%.

“Minha função como ministro será cumprir o que foi prometido no plano de governo, sucintamente, mas com o mesmo que a gente já gasta”, afirmou. No discurso, ele aproveitou para tentar mostrar que tem a capacidade exigida pelo cargo. Ressaltou sua experiência como professor universitário e em gestão e destacou que, nos últimos 16 anos, o MEC teve 11 ministros, 70% professores universitários e 65% com filiação partidária. “Sou professor concursado da Universidade Federal de São Paulo. Eu não tenho filiação partidária. Eu não acho errado. Eu tenho convicções políticas, mas não estou acima do mandato que o presidente recebeu do povo”, frisou. “Estamos aqui para servir o povo. Não apenas os que trouxeram esse governo, mas toda a nação.”

Weintraub também é simpatizante do escritor Olavo de Carvalho, guru de Bolsonaro e responsável pela nomeação de Ricardo Vélez Rodríguez, o antecessor. O novo gestor do MEC — que acredita na existência de um “marxismo cultural”, pseudociência também difundida por Carvalho — criticou o filósofo e educador Paulo Freire, considerado patrono da educação brasileira. Na visão do novo ministro, se Freire é uma “unanimidade”, então, a situação da educação deveria estar melhor. “Se o Brasil tem uma filosofia da educação tão boa e Paulo Freire é uma unanimidade, por que a gente tem resultados tão ruins? Comparativamente, a gente gasta, em patamares do PIB, igual a países ricos”, ressaltou. “O pagador de imposto paga leite mais caro, o caminhoneiro paga o diesel mais caro, para pagar impostos, ter vários serviços, entre eles, educação. Com o que a gente gasta em relação ao PIB, tem que entregar mais.”

O novo ministro assumiu uma pasta que, sob a batuta de Vélez, ficou paralisada por disputas internas entre militares e olavistas e teve mais de 10 demissões. Além de se envolver em diversas polêmicas, o então ministro não tinha tato político para lidar com parlamentares. A expectativa é de que agora o número de cargos ocupados por militares diminua.

Weintraub minimizou a crise instaurada no MEC. Insistiu que a saída de chefes do primeiro escalão do governo federal é “natural”. “O ministro Vélez é uma pessoa muito inteligente, amável, agradável, mas, dadas a todas as circunstâncias, que não cabe mais discutir, a gente não estava conseguindo entregar o planejado no ritmo esperado.”

Bolsonaro

O presidente Jair Bolsonaro, por sua vez, falou da importância que dá à educação. “O que tira um homem ou uma mulher da situação crítica e financeira que se encontram é o conhecimento. Por isso, esse ministério é importante, como os demais”, afirmou.

Ele garantiu que o novo ministro terá carta branca para escolher “todo o seu primeiro escalão” e fez uma projeção: “Se Deus quiser, em 2022, nós possamos ter uma garotada que não esteja ocupando os últimos lugares do Pisa (programa internacional de avaliação de estudantes). Que saiba fazer uma regra de três simples, interpretar textos, responder perguntas básicas de ciência”, frisou. “Nós queremos uma garotada que comece a não se interessar por política, como é atualmente, dentro das escolas, mas comecem, realmente, a aprender coisas que possa levá-la, quem sabe, ao espaço.”

R\$ 120 bilhões

Orçamento previsto para a pasta em 2019

topo ↕

CORREIO BRAZILIENSE - DF - POLÍTICA

Vamos pacificar o MEC

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirmou que está aberto ao diálogo e que a proposta para a pasta é de pacificação, mas avisou que, quem não se adaptar, será exonerado.

“A gente vai pacificar o MEC. Estamos decretando que o MEC tem um rumo, uma direção, e quem não estiver satisfeito com ela, por favor, avise, que será retirado”, disparou.

Na cerimônia de transmissão de cargo, o antecessor, Ricardo Vélez Rodríguez, disse que era “uma honra entregar a gestão, pois o novo ministro encontrará a casa em ordem, funcionando a contento”.

“Quando o presidente me falou que chegou ao fim minha missão, não fiquei triste, entendi que foi cumprida. Entendi que estamos entregando algo que está construído e em andamento”, destacou. Ele ainda brincou dizendo que, nos últimos três meses, “engordou cinco quilos” por conta do restaurante da pasta. Questionado pelo Correio se ele tem planos de ocupar outros cargos, ele se limitou a dizer que, por enquanto, tirará um tempo para descansar.

Cid Gomes

Na substituição da placa com foto, Vélez confidenciou a Weintraub que foi o ministro que menos tempo ficou na pasta. O sucessor, por sua vez, apontou para a foto de Cid Gomes, ministro da Educação no segundo governo de Dilma Rousseff, em 2015. E disse: “Na verdade, foi ele quem ocupou menos tempo”, brincou. Vélez ficou três meses e sete dias, e Cid, um mês e 17 dias.

Declaração "equivocada"

A declaração do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, de que o Brasil deveria entregar melhores resultados na área porque gasta 6% do Produto Interno Bruto com o sistema público de ensino — mais do que a média da OCDE, de 5,5%, e dos Estados Unidos, de 5,4% — foi classificada por especialistas como equivocada.

“Além de ser diferente gastar 6% do PIB do Brasil com educação do que gastar 6% do PIB da Bélgica com o setor, os países da comunidade europeia, por exemplo, não têm os problemas históricos da educação brasileira”, afirmou Célio da Cunha, fundador do movimento Todos pela Educação e professor do programa de pós-graduação em educação da Universidade Católica de Brasília (UCB).

Cleyton Gontijo, professor da Universidade de Brasília (UnB), concorda. “Só podemos comparar coisas que são próximas. Não se pode comparar um percentual de PIB e um investimento em educação, quando, do outro lado, você já tem toda uma rede de estrutura física e de professores qualificados”, destacou. “No caso do Brasil, o investimento é insuficiente face à nossa realidade educacional.”

A experiência adquirida por Weintraub como gestor no Banco Votorantim por 18 anos

pode ajudar a construir uma base sólida para o ministério. “Existem muitas funções importantes que ainda não foram preenchidas. Espero que ele use essa experiência geral na gestão para isso”, frisou Célio da Cunha.

topo ↕

CORREIO BRAZILIENSE - DF - BRASÍLIA - DF

Suplente foi apenas pretexto

Empossado o ministro da Educação, Abraham Weintraub, o presidente Jair Bolsonaro terá que correr para tentar apaziguar novamente o partido do seu ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Os demistas consideram que o veto dos evangélicos ao senador Izalci Lucas (PSDB-DF) por causa do suplente, Luiz Felipe Belmonte, não passou de uma desculpa para que o ministro Onyx pudesse emplacar seu número dois no primeiro escalão do governo e, de quebra, recuperar a estrutura ideológica de Olavo de Carvalho na pasta.

As desconfianças cresceram quando os deputados do DEM souberam das mensagens trocadas por parte dos evangélicos chamando os adeptos da União do Vegetal de “maconheiros”. O Centro Espírita União do Vegetal (UDV), do qual o advogado Belmonte faz parte, não tem nada a ver com maconha. Seus rituais são feitos a partir de um chá aprovado nos Estados Unidos e no Canadá e que já passou por testes toxicológicos nos quais a presença de drogas em sua composição foi totalmente descartada. Belmonte não é, nem nunca foi “maconheiro”, como os evangélicos tentaram fazer colar na imagem do suplente de Izalci. Agora, diante disso, o climão está criado. Já tem gente dizendo que Bolsonaro pode até conseguir aprovar a reforma da Previdência. Mas montar uma base para o que der e vier vai ser difícil.

A capa do Correio

A publicação da foto de Arthur Weintraub, em vez de Abraham, na capa da edição de ontem, terminou por provocar uma brincadeira de Abraham em sua posse como ministro da Educação. “Às vezes, sou confundido com meu irmão, Arthur, mas é fácil saber quem é quem. Eu sou o mais bonito. Mamãe sempre falava isso”. Bolsonaro, que discursou em seguida, não deixou barato: “Não sei quem é o mais bonito, mas numa disputa do mais feio, ia ser difícil decidir por um dos dois. Tem que manter a linha. Discurso e prática”, brincou.

topo ↕

CORREIO BRAZILIENSE - DF - EDITORIAL

Os desafios de Abraham Weintraub

Ricardo Vélez está fora do comando do Ministério da Educação. Depois de quase 100 dias à frente da pasta, o colombiano naturalizado brasileiro deixou a certeza de que, além de ignorar os desafios do setor, desconhecia a língua, a história e a cultura do país. Ao assumir, não disse a que veio. Parecia, a exemplo de Dom Quixote, lutar contra moinhos de vento. As metas eram combater o marxismo e a ideologia de gênero. E, com isso, recolocar as famílias e os estudantes nos trilhos. Que trilhos? Ninguém sabe.

Abraham Weintraub, o novo titular, sai das entranhas do Palácio do Planalto. Secretário executivo da Casa Civil, era o braço direito do ministro Onyx Lorenzoni. Graduado em Economia pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Weintraub é professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Atuou durante três décadas no mercado financeiro. Fez parte da equipe de transição de Jair Bolsonaro, oportunidade em que apresentou proposta na área da Previdência — tema da sua dissertação de mestrado e de livros que publicou.

Não se trata, como prova o currículo, de especialista em educação. Mas espera-se que se cerque de equipe apta a assessorá-lo na formulação de uma agenda que contemple as reais urgências do talvez mais importante ministério do governo. Dele depende a revolução que traçará o futuro do país. O maior desafio: melhorar a aprendizagem dos alunos. Avaliações comprovam que metade das crianças concluem o terceiro ano de estudos sem se alfabetizar e apenas 9% dos que saem do ensino médio correspondem às expectativas mínimas no domínio da matemática. Esse é o inimigo a atacar. O país tem material humano de excelência e experiências exitosas no setor. Aproveitá-los é imperioso.

O MEC tem urgências inadiáveis. Entre elas, três sobressaem. Uma: implantar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define o conteúdo essencial a ser ministrado nos ensinos fundamental e médio. Outra: aprovar a reformulação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), mecanismo que promove a redistribuição dos recursos vinculados à educação, levando em conta o desenvolvimento social e econômico das regiões. Em 2022 vence o prazo do fundo. Há que substituí-lo com aprimoramentos, o que demanda tempo. Mais uma: qualificar os professores para a educação do século 21.

Não é pouco. Weintraub assume um ministério em frangalhos. Tem carta branca para preencher cargos. Mas não tem carta branca para errar. Temas marginais ligados a ideologias são secundários. Há que concentrar as forças na montagem da equipe e no plano de trabalho focado nas reais necessidades do setor. Em 2020, encerra-se o mandato de Jair Bolsonaro. Nesse ano, serão divulgados os resultados das avaliações da aprendizagem. O ministro, com larga experiência no setor privado, sabe trabalhar com metas. Elas são bem-vindas no MEC.

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - EDITORIAL

MEC na encruzilhada

Após indesculpável demora, Bolsonaro interfere em pasta decisiva para futuro do país

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) fez na segunda-feira (8) o que se sabia há semanas que faria: demitir o desastrado Ricardo Vélez Rodríguez da pasta da Educação. Se surpresa houve, foi na escolha do substituto, o economista Abraham Weintraub, que chega com a ingrata tarefa de pacificar o MEC.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/04/mec-na-encruzilhada.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - OPINIÃO

Universidades são antros de comunistas?

Motivo para desequilíbrio não é um complô, mas uma razão bem mais trivial

É verdade que o pensamento de esquerda predomina nas universidades. Isso não é exclusividade do Brasil, mas uma tendência geral no Ocidente.

Nos EUA, onde existe medida para quase tudo, a proporção dos professores universitários (todas as áreas) que se declaram liberais ou de extrema esquerda em relação aos que se dizem conservadores ou de extrema direita atingiu o pico de cinco para um em 2011.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2019/04/universidades-sao-antros-de-comunistas.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - PAINEL

Espelho

Dirigentes de instituições de ensino analisam cada vírgula de discursos do novo ministro Abraham Weintraub (Educação). Fala de setembro na qual ele afirmou que o país “gasta [em educação e saúde] como os ricos e tem o resultado dos pobres” despertou temor de que siga a cartilha Paulo Guedes (Economia) e aposte em cortes.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://painel.blogfolha.uol.com.br/2019/04/10/articulacao-para-tirar-coaf-de-moro-e-passar-para-guedes-ganha-corpo-no-congresso/>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - PODER

Dodge pede que fundo bilionário da Lava Jato seja repassado à educação

Procuradora-geral se manifestou em ação do STF que suspendeu fundo

Brasília

Em manifestação ao STF (Supremo Tribunal Federal), a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, opinou por repassar ao Ministério da Educação o dinheiro de multas pagas pela Petrobras nos Estados Unidos.

A força-tarefa da Lava Jato em Curitiba pretendia criar uma fundação para gerir esses recursos.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/dodge-diz-ao-stf-que-dinheiro-de-acordo-da-petrobras-com-eua-deve-ir-para-educacao.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

Novo ministro da Educação diz que vai acalmar ânimos e ressalta ser gestor

No discurso de posse, Weintraub disse ter capacidade e currículo para comandar o MEC

Brasília

Empossado nesta terça-feira (9) como ministro da Educação, o economista Abraham Weintraub disse que terá a missão de "acalmar os ânimos" na pasta, palco de crises que desencadearam a demissão de seu antecessor, Ricardo Vélez Rodríguez.

No discurso de posse, Weintraub afirmou que tem capacidade e currículo para enfrentar a missão de comandar o MEC. O presidente Jair Bolsonaro (PSL) comandou a cerimônia de posse no Palácio do Planalto.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/novo-ministro-da-educacao-diz-que-vai-acalmar-animos-e-ressalta-ser-gestor.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

Weintraub vai demitir secretários do MEC e trazer ex-integrante da gestão Temer
O único mantido pelo ministro será o titular da pasta de Alfabetização, Carlos
Nadalim
Brasília

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, vai trocar todos os secretários do MEC, com exceção do titular da pasta de Alfabetização, Carlos Nadalim. Já é certa a volta de Silvio Cecchi para a subpasta de Regulação do Ensino Superior. Ligado ao MDB, ele ocupou o mesmo cargo na gestão Michel Temer.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/weintraub-vai-demitir-secretarios-do-mec-e-trazer-ex-integrante-da-gestao-temer.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

Demitido por Bolsonaro, Vélez diz que entrega MEC com a casa em ordem
Ministro teve passagem turbulenta marcada por atritos entre bolsonaristas e
militares
Brasília

Demitido nesta segunda (8) do cargo de ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez despediu-se dizendo que entrega o posto "com a casa em ordem".

O economista Abraham Weintraub assumiu nesta terça (9) como ministro em cerimônia no Palácio do Planalto com a presença do presidente Jair Bolsonaro.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/demitido-por-bolsonaro-velez-diz-que-entrega-mec-com-a-casa-em-ordem.shtml>

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPAÇO ABERTO

Cem dias sem MEC, mas a educação não parou
PRESIDENTE EXECUTIVA DO TODOS PELA EDUCAÇÃO

Após o fiasco do agora ex-ministro Ricardo Vélez Rodríguez, uma mudança de rumo na pasta da Educação é consenso no debate público brasileiro. A sociedade espera uma gestão pragmática, capaz de avançar uma agenda informada pelas evidências e experiências educacionais de êxito. Um plano que dê continuidade às políticas importantes e também introduza medidas estruturantes para tornar viável o necessário salto de qualidade. Aguardamos, assim, as ações do novo ministro, Abraham Weintraub. Que ele se concentre no que deve ser a sua principal missão: melhorar a aprendizagem dos nossos estudantes da educação básica.

Tal foco é primordial, uma vez que a educação básica é um verdadeiro cipoal de responsabilidades, envolvendo União, Estados e municípios; Executivo, Legislativo, sistema de Justiça; governo, sociedade e iniciativa privada. Sem falar nas famílias, nas comunidades, nos gestores, professores e alunos, que fazem a educação “acontecer”. Dada essa intrincada trama, se o sistema educacional estiver desorganizado, os resultados das políticas públicas para melhoria da aprendizagem costumam a chegar – isso

quando chegam – às escolas. Embora não tenha a atribuição de gerir redes de escolas (responsabilidade dos Estados e municípios), quem organiza, dá rumo e ritmo às políticas educacionais é o Ministério da Educação (MEC). É aí que está, portanto, a razão da importância estratégica da pasta em qualquer governo que queira deixar um legado ao desenvolvimento do Brasil.

Apesar dessa relevância, estamos há cem dias sem Ministério da Educação. Nesse período de vácuo, outras instituições não ficaram paradas e o Todos Pela Educação tem apoiado algumas delas, entre as quais está o Congresso Nacional. A Casa já retomou o avanço de pautas importantes, como a discussão sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) e a instituição de um Sistema Nacional de Educação (SNE). Ademais, neste 100.º dia de governo será lançada

uma nova Frente Parlamentar Mista da Educação. Organizada em dez comissões temáticas, a frente tratará de assuntos centrais para o ensino básico, como os dois citados, e também a valorização dos profissionais da educação, primeira infância e educação infantil e ensino médio e ensino técnico e profissional. Apoiada em trabalhos técnicos de organizações como o Todos Pela Educação, a iniciativa fará o controle das ações do Executivo e proposições de encaminhamentos legais.

Como a discussão do novo Fundeb não avançava no MEC, e pela óbvia relação desse instrumento com o Orçamento, o Ministério da Economia tomou para si a tarefa de produzir uma tomada de posição do Executivo federal. Para auxiliá-lo vêm sendo feitas apresentações de estudos e propostas organizadas por diversas instituições, como o Banco Mundial, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o Todos Pela Educação e o Insper, entre outros. Por sua vez, o Conselho Nacional de Educação (CNE) está dedicado a outro assunto inadiável: a construção de referenciais nacionais da atuação docente. Em linha com as mais bem-sucedidas experiências internacionais, o documento trará as competências profissionais essenciais a uma boa prática pedagógica, servindo de base para a construção de novos currículos de formação de professores e para induzir maior coerência e articulação entre as diversas políticas voltadas para a carreira docente.

Nos Estados e municípios, as organizações representativas também têm tomado a frente em temáticas educacionais prioritárias. O Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (Consed), com base nos temas da iniciativa suprapartidária Educação Já! (coordenada pelo Todos Pela Educação em 2018), produziu um documento de prioridades para o MEC e para a estruturação de grupos de trabalho. Por sua vez, os secretários municipais de Educação, organizados pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), vêm realizando encontros para a troca de experiências sobre a implementação da Base Nacional Comum Curricular, a melhoria da alfabetização na idade certa e a oferta de educação infantil de qualidade. Tópicos semelhantes também estão na pauta da Confederação Nacional dos Municípios (CNM). A instituição anunciou ontem, na XXII Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios, um acordo com o Todos Pela Educação para a produção e disseminação de conhecimento técnico e informações sobre mecanismos de financiamento e Fundeb, Sistema Nacional de Educação (SNE), educação infantil e primeira infância. O tema aparece ainda em ações do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que tem promovido estudos para encontrar alternativas à judicialização excessiva na disputa por vagas em

creches.

A sociedade civil também não está parada. Há enorme movimentação para apoiar uma agenda com foco nas pautas centrais da educação. No Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife) vem sendo amadurecida a articulação entre as organizações do terceiro setor educacional a fim de aumentar a cooperação e o impacto coletivo; com seu importante trabalho de advocacy, o Movimento pela Base Nacional Comum Curricular segue assegurando as fundamentais conquistas dos últimos anos; já a Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (Raps) e o movimento RenovaBR vêm realizando formações para os parlamentares (de variados partidos), apoiados por diversas instituições, entre elas, o Todos Pela Educação.

Trocando em miúdos: se o MEC parou, a educação, não. Ainda há tempo para a pasta assumir o seu papel central na promoção de melhorias na educação básica. Do contrário, perderá, pela primeira vez na História do Brasil democrático, o protagonismo nas políticas educacionais.

Há movimentação intensa para apoiar uma agenda com foco nas pautas centrais

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPAÇO ABERTO

Fãs e amigos da onça

COPRESIDENTE DO CONSELHO DE ECONOMIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA DA FECOMÉRCIO/SP E-MAIL: CONTATO@PAULODELGADO.COM.BR

Ainda não estamos na fase da traição e do abuso da confiança que marca nosso presidencialismo. Mas já vemos atrasos e danos. Para analisar de forma desengajada é preciso se convencer de que adesão ou oposição automática são burrices da vida política. É a comodidade da ideologia que leva o governo à impertinência de preferir a dificuldade de governar para uns à felicidade que é poder governar para todos.

“Jogue fora a luz, a definição. Diga lá o que você vê na escuridão.” A surpreendente falta de energia da economia, mesmo com inflação controlada, com crônico baixo crescimento, pouca capacidade de atrair investimento e de diminuir a desconfiança de quem dá emprego, não permite à família planejar o seu futuro e pode identificar uma estagnação estrutural ou ausência de foco na compreensão da nação que realmente somos. Mãos à obra, é impossível dirigir o Estado na forma como ele foi desenhado.

Embora o processo político nunca cumpra uma trajetória linear, a análise dos cem dias de governo não deve ser uma anamnese, essa mania de ouvir eleitor sobre dores que não sente, como quem faz exame médico só porque tem plano de saúde. A endoscopia invasiva da pesquisa produz um resultado muito parecido com as próprias perguntas. O momento não é de guerra fria, é de guerra quente e visível. Especialmente em razão do baixo equilíbrio institucional alcançado até aqui e da permanência dos traços de personalidade eleitoral do presidente.

Parece claro o seu desinteresse em convergir para uma posição de centro, relacionar-se melhor com a cúpula dos Poderes, diminuir o noticiário negativo e, assim, melhor acomodar as forças parlamentares e partidárias, que continuam desorganizadamente em ação. Como não conseguiu ver andar nenhum dos seus projetos e medidas provisórias enviados ao Congresso, é compreensível que use microblogs como tábua de salvação,

desvinculados de qualquer estratégia coletiva de governo. O consolo é que a fase atual é de desapontamento, não de frustração.

O governo tem uma confusa matriz decisória, com a dupla Guedes-Moro, seus principais animadores políticos. O presidente tem uma mentalidade defensiva, reforçada pela linguagem agressiva e politicamente debilitante. Não temos na sua figura um liberal à la Thatcher que possa deter, pela autoridade e pela convicção, o custo da sabotagem política à abertura econômica. O que se vê na Bolsa, no dólar, nos indicadores de confiança e na paralisia econômica são consequências do caótico e desconhecido centro de decisão, com diferentes atores tentando se afirmar sobre um pano de fundo, interno e externo, em que alguns alinhados se comportam como porca que come sua ninhada.

Pelo que tenho visto, está mantida a tradição brasileira da paz violenta em todos os setores, marcada pela predominância da rixa política sobre a busca do desenvolvimento econômico. Brigar ajuda a ocultar os reveses de governo insincero no desejo de mudança. Para os militares, seus movimentos imprudentes na política externa podem estar deixando claro que ele tem uma perspectiva ingênua da instrumentalidade das Forças Armadas, tanto como capacidade permanente de dissuasão infalível, na sociedade civil, quanto como potencial ilimitado de condução de poder, na sociedade global.

A comunicação direta com seu público alimenta um mandato de fã. Melhor seria apostar na influência da persuasão na sociedade organizada e no establishment econômico, pois, agenda liberal em economia burocratizada, sem os princípios da ordem espontânea, não funciona. Outro ponto dispersivo é a ilusão belicosa de afirmar identidade própria usando o contrapensamento. Não é de pregadores morais que o Brasil sente falta, é de líderes. Um MEC ácido e um Itamaraty impalatável são leões sem dentes, apenas passatempos nacionais.

A lógica do conflito sempre serviu a governos que querem atribuir a outros a responsabilidade por seus problemas. No caso atual está estimulando o surgimento de ativos esconderijos parlamentaristas. Não vejo vantagem em tirar do Congresso o seu maior orgulho, que sempre foi o de apoiar o governo.

Os parlamentares lutam para construir uma identidade, mas o destaque é para o celular, o ogro do político atual. O Congresso quer dosar oxigenação online com amorismo presencial e Paulo Guedes foi a primeira grande vítima desse charlatanismo. Uma base desprestigiada teve calada desafetos ensaiados por 20 anos. Há muita coisa velha fantasiada de nova. Todavia podemos dizer que, se nada está em rota de aprovação, nada, também, sofreu nenhum abalo fatal. O maior problema é o presidente continuar ambíguo em relação à defesa da modernização previdenciária tornando fracas as chances de a reforma ter a amplitude imaginada pela equipe econômica.

Nessa mistura de tensões e perspectivas sobressaem mais inércia e jogos ocultos do que crise política. Como o presidente foi eleito para dificultar a vida dos políticos tradicionais, parece que decidiu que o custo político da agenda das reformas deve ser assumido por cada poder separadamente. Melhor se dar conta de que, se o governo se movimentar de flanco, resta ao Congresso o rompimento frontal. Desde Otelo é o desprezo que leva ao ciúme.

O jogo oculto é poder estar em curso uma estratégia de impasse dentro da ideia de renovação por caos e uma certa indiferença estudada aos procedimentos protocolares. O conformismo da sociedade, conectada às bobagens das redes sociais, ajuda. E o prestígio mundial da autonegação da política pode dar curso a um experimento desaconselhável. Aventura de amigos da onça que querem ver o presidente romper os dois pilares da lealdade em combate: desconsiderar a distribuição ordenada do poder na hierarquia e considerar coragem, e não erro inominável, atentar contra os próprios.

Prestígio mundial da autonegação da política pode levar a experimento desaconselhável

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - NOTAS E INFORMAÇÕES

O problema é de gestão

É pouco provável que o presidente não soubesse que Vélez não tinha nenhum sinal de tarimba como administrador público, especialmente na educação.

O presidente Jair Bolsonaro decidiu afinal demitir o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez. Foi o segundo ministro a cair em três meses – o primeiro foi Gustavo Bebianno, da Secretaria-Geral da Presidência. Segundo Bolsonaro, a decisão foi tomada por uma “questão de gestão”, já que Vélez “lamentavelmente não tinha essa expertise com ele”. Traduzindo: para o presidente, seu escolhido para o Ministério da Educação, uma das pastas mais importantes do governo, não tinha a experiência necessária para desempenhar tão relevante função, e disso resultou uma gestão insatisfatória.

Ora, a inexperiência de Ricardo Vélez era de conhecimento geral no instante em que seu nome foi anunciado para ocupar o cargo de ministro da Educação. É pouco provável que o presidente da República não soubesse que Ricardo Vélez não tinha em seu currículo nenhum sinal de tarimba como administrador público, especialmente em área tão complexa como a educação.

Contudo, Ricardo Vélez não foi escolhido para ser propriamente um gestor da educação. Seu papel, como estava claro desde o início, era implementar a agenda ideológica apresentada por Bolsonaro na campanha eleitoral. De acordo com essa agenda, é preciso acabar com o “marxismo cultural” que, segundo os bolsonaristas, está entranhado nas universidades e escolas públicas. “Jair Bolsonaro prestou atenção à voz entrecortada de pais e mães reprimidos pela retórica marxista que tomou conta do espaço educacional”, discursou Ricardo Vélez ao tomar posse, em janeiro.

Para assessorá-lo, o ministro trouxe ex-alunos seus, igualmente despreparados. À medida que a inaptidão de Ricardo Vélez e de sua equipe cobrava seu preço na forma de desorganização, demissões em série e paralisia decisória, outras forças trataram de disputar o poder no Ministério da Educação, tornando insustentável a permanência de um ministro que, de tão desprestigiado, só soube pela imprensa que seria demitido, já que o presidente Bolsonaro preferiu contar a jornalistas, e não a ele, sobre sua decisão, na semana passada.

Para o lugar de Ricardo Vélez, o presidente Bolsonaro escolheu o economista Abraham Weintraub, que era secretário executivo da Casa Civil e se tornou conhecido por ajudar a formular um esboço da reforma da Previdência. Assim como o antecessor, o novo ministro não tem qualquer experiência de gestão no setor público e em educação. Na

posse, foi apresentado por Bolsonaro como alguém que, por sua “dedicação e patriotismo”, será capaz de “fazer os nossos jovens melhores que seus pais e avós”. Sem modéstia, o próprio ministro Weintraub disse, “não para me vangloriar, mas para acalmar os ânimos”, que seu diferencial é sua autoproclamada capacidade de gestor.

Com essa escolha para o Ministério da Educação, o presidente julga resolver a “questão de gestão” que oficialmente custou o cargo a Vélez. Mas o problema é o que o presidente entende por “gestão”. Ao colocar na Educação mais um ministro com pouco vínculo com a área e nenhuma passagem pelo serviço público em geral, Bolsonaro deixa claro que uma boa “gestão”, para ele, não é a formulação de sólidas políticas educacionais nem a administração da complexa estrutura de ensino, e sim a disposição de combater “comunistas” – que, segundo disse o agora ministro em outra ocasião, “estão no topo do País”.

O caso do Ministério da Educação mostra que o problema de gestão não é deste ou daquele ministro, mas do próprio presidente – que, afinal, escolhe seus ministros e se orgulha de fazê-lo sem interferência política. A administração do governo, que depende diretamente da direção determinada pelo presidente, ziguezagueia ao sabor das crenças pessoais de Bolsonaro e de seus principais conselheiros, quase sempre divorciadas da realidade do País. Por sorte, há entre os assessores do presidente, especialmente na equipe econômica, funcionários que têm demonstrado boa capacidade de trabalho e consciência de suas responsabilidades.

Há poucos dias, em tom de blague, Bolsonaro disse que não nasceu para ser presidente. As sucessivas crises num governo tão novo, com a queda de dois ministros em três meses, a desarticulação política e a paralisia de diversos setores, estão aí a sugerir que talvez ele tenha razão.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - NOTAS E INFORMAÇÕES

O FMI e o Brasil emperrado

Com novo presidente e novo comando econômico, o Brasil continua correndo no pelotão de trás dos emergentes.

Com novo presidente, novo comando na área econômica e novas promessas de mudanças, o Brasil continua emperrado e correndo no pelotão de trás dos emergentes, com perspectiva de crescer 2,1% neste ano, segundo as novas projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI). Uma estimativa menos sombria havia sido anunciada em janeiro, poucas semanas depois de instalada a nova administração em Brasília. O crescimento econômico brasileiro chegaria, segundo se calculava, a 2,5%. Apesar da redução de 0,4 ponto porcentual, o desempenho previsto pelo Fundo é ainda um pouco melhor que o apontado no fim da última semana por economistas do mercado: expansão de 1,97%, de acordo com a última pesquisa Focus do Banco Central (BC). O próprio BC agora estima um avanço de apenas 2%.

Em sua Perspectiva Econômica Mundial, o FMI rebaixou as projeções para os países mais avançados e para a economia global neste ano, mas a piora das expectativas em relação ao Brasil tem razões especiais. Pelas novas contas, o produto bruto mundial deverá aumentar 3,3% em 2019, 0,2 ponto menos do que se calculava em janeiro.

A piora do cenário foi atribuída a vários fatores, com destaque para as tensões

comerciais entre China e Estados Unidos, incertezas quanto ao divórcio entre o Reino Unido e a União

Europeia, o enfraquecimento de algumas potências da Europa e algum aperto das condições financeiras. O quadro, calcula-se, deverá melhorar já no próximo semestre.

Todos esses fatores afetam o Brasil, mas o País tem algumas travas particulares, como um enorme desajuste das finanças públicas, a provável piora dos termos de troca (preços de exportação e importação) e muita rigidez estrutural. A reforma da Previdência continua sendo prioritária, mas, mesmo se concretizada, resolverá apenas parte dos problemas financeiros do governo. O avanço dessa reforma é um pressuposto embutido nas estimativas do FMI para a economia brasileira. É condição indispensável para a previsão de uma lenta melhora das contas públicas e de inflação na meta ou abaixo da meta nos próximos anos.

Mesmo com o pressuposto favorável em relação à reforma da Previdência, as estimativas de crescimento econômico do Brasil apontam um desempenho muito modesto no médio e no longo prazos. Pelas contas do Fundo, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro crescerá 2,1% em 2019 e 2,5% em 2020, menos que o das economias emergentes. Para esse conjunto, a expansão prevista é de 4,4% neste ano e de 4,8% no próximo. China e Índia continuam sendo os principais motores desse grupo, enquanto o desempenho do Brasil e de alguns outros países de baixo dinamismo derrubam a média.

Mas o detalhe mais significativo, na avaliação das perspectivas brasileiras, é o crescimento de pífos 2,2% estimado para 2024, segundo ano do próximo mandato presidencial. Estimativas para um prazo tão longo envolvem riscos de grandes erros, dirão os mais otimistas e menos dispostos a levar a sério os avisos. Têm razão quanto à possibilidade de erro, mas é preciso entender o alerta embutido naquele número.

A advertência é clara: para ganhar dinamismo, o Brasil precisa de várias mudanças além da reforma da Previdência e de um ajuste das contas públicas. O texto menciona algumas ações necessárias, como investimentos em infraestrutura e maior eficiência da intermediação financeira. Poderia ter citado muitas outras, como maior esforço de inovação tecnológica, maior integração nos mercados globais e maior empenho na formação de mão de obra mais educada e produtiva.

São itens citados em outros documentos. Em outras palavras, é preciso tornar o País mais produtivo e competitivo para elevar seu potencial de crescimento. Sem isso, o Brasil continuará crescendo menos que Chile, Colômbia, Paraguai, Peru e Uruguai e muito menos que China e Índia, como indica o FMI. Nada disso será conseguido sem bons projetos de investimento nem com o Ministério da Educação condenado a uma guerra santa contra a ameaça imaginária de um mal definido marxismo cultural.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - COLUNA DO ESTADÃO

Arranque

Técnicos do MEC afirmam que o maior desafio do novo ministro Abraham Weintraub será arbitrar a divisão entre militares e olavistas. Na posse, o atual mandachuva da pasta disse que o direcionamento será só o de Jair Bolsonaro.

Alinhado. Pesou na escolha do substituto de Weintraub na Casa Civil, Vicente Santini,

o bom trânsito que mantém com o núcleo dos militares. Não para menos: ele é filho de um general.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - POLÍTICA

Ministro defende tirar Bolsa Família de aluno agressor

Abraham Weintraub disse que, por ora, não mudará programas do MEC e manterá cronograma do Enem

BRASÍLIA

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, defende que professores agredidos em sala de aula chamem a polícia e que “no limite” os pais dos agressores percam os benefícios do Bolsa Família e até a tutela do menor. “Tem de cumprir as leis, senão caminhamos para a barbárie. Hoje há muito o ‘deixa disso’, o ‘coitado’. O coitado está agredindo o professor”, disse, em entrevista ao Estado. Ele afirmou que está atento a “sabotagens” no MEC, mas nega que haverá perseguições. “Não sou caçador de comunistas.” Weintraub disse ainda que, por ora, não fará mudanças no Fies (programa de financiamento estudantil) nem no Prouni (que concede bolsas de estudo) e que, apesar dos tropeços, o cronograma do Enem será mantido – e Bolsonaro não lerá as questões antes da prova. Também negou ser “olavista”. “Olavo de Carvalho tem ótimas ideias, mas não concordo com tudo.”

Novo ministro da Educação, Abraham Weintraub afirma que ficará vigilante a “tudo que sair” da pasta, como livros didáticos, e estará atento a “sabotagens”. Ele nega, porém, que haverá perseguição no MEC. “Não sou caçador de comunistas”, disse ao Estado. Ele afirmou que trabalhará para entregar o que está no plano de governo e não fará, por ora, mudança no Fies ou no ProUni. “Chega de solavanco.”

Tema do programa de Bolsonaro, a disciplina nas escolas é alvo de preocupação. Ele defende que professores agredidos em sala de aula chamem a polícia e que os pais sejam processados e, “no limite”, percam o Bolsa Família e a tutela das crianças infratoras. “Temos de cumprir leis ou caminhamos para barbárie. Hoje há muito o ‘deixa disso’, ‘coitado’. O coitado está agredindo o professor”, disse, frisando que ainda não há medidas previstas para enfrentar o problema.

Weintraub diz que o cronograma do Enem será cumprido e que Bolsonaro não lerá antes as questões da prova. “Se sair um Enem todo errado, sou o culpado e tem de me dar reprimenda ou me tirar do cargo.”

Sua indicação é uma vitória de Olavo de Carvalho?

Bolsonaro é uma bandeira. Atrás dela, há vários grupos: monarquistas, militares, evangélicos, liberais, olavistas. Eu e meu irmão (Arthur, assessor da Presidência) temos bom trânsito em todos. Não estou no grupo (de olavistas). Olavo tem ótimas ideias, mas não concordo com tudo. Falar que não tem grande papel na mudança de pensamento no Brasil é loucura.

E se Olavo criticar uma escolha do senhor para o MEC? Paciência. Não senti pressão nenhuma até agora. O presidente me deu carta branca para formar o time. Ele me pediu para entregar tecnicamente os melhores resultados. Não estou lá para fazer barulho.

Qual o principal problema a ser enfrentado na Educação?

Há várias coisas da agenda com atraso no cronograma. Vélez saiu por isso. Não porque foi pego em escândalo ou por não ter capacidade intelectual.

O senhor defende o enfrentamento ao “marxismo cultural”. Como propõe fazer isso?

No curto prazo, tomando cuidado com tudo o que sair do MEC, como livros didáticos. Estamos preocupados com vazamentos, com sabotagens. Mas não estou indo caçar ninguém. Não sou caçador de comunistas. Não gosto do comunismo, mas aceito o comunista. Quero a redenção dele.

O que isso quer dizer?

Quero convencer pela lógica. A pessoa não é má pura e simplesmente. Está envolvida numa mentira e aquilo é uma realidade para ela. Precisamos explicar que é uma ideologia errada.

A estratégia de impedir a volta do PT passa pela Educação? Sem dúvida. Uma pessoa que sabe ler e escrever e tem acesso à internet não vota no PT. A matemática é inimiga do obscurantismo. Não sou contra petista. Tenho amigos que são petistas. Pessoas boas que não conseguem se livrar.

O sr. é favor de rever a ditadura militar nos livros didáticos?

O momento é de entregar resultado. Não quero entrar na discussão. Evidentemente que houve ruptura em 1964. Mas foi dentro de regras. Houve excessos? Houve. Pessoas morreram? Sim. É errado? É e infelizmente ocorreu. Mas em um dia de protesto na Venezuela morreu mais gente do que no período. As coisas precisam ser contextualizadas. Houve contrarrevolução. Está documentado. E tem que ser escrito, dito. Por que não? Quando comparamos com o que houve na América Latina não concordo em chamar de ditadura. Houve regime de exceção.

Há problemas graves de aprendizado nas escolas. A prioridade é enfrentar o marxismo cultural? Quem é o patriarca da educação moderna brasileira? Paulo Freire. Deu certo? O Brasil gasta como países ricos em termos de PIB e nossos indicadores estão muito abaixo da média. A gente gasta bem e os indicadores são ruins.

É por causa de Paulo Freire? Falar que é uma explicação única seria burrice. Deixa eu sentar lá. Cada dia sua agonia.

Manterá o decreto com o método fônico na alfabetização? Estou fechando o time e gostaria de ter a opinião da pessoa para a área. O método fônico não estava no plano de governo. Sinto-me à vontade para mudar se for o caso.

A Base Nacional Comum Curricular será modificada? Acabará? Modificar. Acabar, não. O plano de governo não fala em acabar. Chega de solavanco.

O programa fala sobre manter a disciplina nas escolas. Quais serão as medidas para isso?

No curto prazo, não faremos nada nesse aspecto. Mas sou a favor de seguir a lei. Se o aluno agride, o pai é responsável. O professor tem de fazer boletim de ocorrência. Chama polícia, os pais vão ser processados e, no limite, tem de tirar o Bolsa Família dos pais e até a tutela do filho. A gente não tem de inventar a roda. Tem que cumprir a Constituição e as leis ou caminhamos para barbárie. Hoje, há muito o “deixa disso”, “coitado”. O coitado está agredindo o professor. Se o professor alegar que não tem apoio do Estado, um recado: o Estado somos nós. “Ah, mas é o PCC (Primeiro Comando da Capital) que está fazendo.” Tem que chamar prefeito, secretário de Educação e enfrentar o problema. Não tem que sentar e achar que nunca vai mudar.

A gráfica do Enem falhou. O cronograma será mantido?

A população não tem que ficar sendo alarmada enquanto a gente acha que consegue entregar no prazo. Vamos resolver.

E se o presidente pedir para ver as questões do Enem? Falarei que garanto que não haverá problema. Se sair um Enem todo errado, todo torto, sou o culpado e o presidente tem de me dar uma reprimenda ou me tirar do cargo. É assim que funciona. O presidente tem 22 ministros. Não deveria perder tempo com isso.

Qual é o seu plano para as universidades federais?

O Brasil gasta muito e a produção científica com resultados objetivos para a população é baixa. Precisamos escolher melhor nossas prioridades. Não sou contra estudar filosofia, mas imagina a família de agricultores que o filho retorna da faculdade com título de antropólogo? Acho que ele traria mais bem-estar para ele e para a comunidade se fosse veterinário, dentista, professor, médico.

Qual sua visão sobre política de cotas, ProUni e Fies?

Tem de manter. No curto prazo, não podemos bagunçar muito. Estamos mexendo com a vida das pessoas. Temos de fazer movimentos que não impactem de forma dura e negativa. O pagador de impostos tem de ser respeitado.

O sr. pretende respeitar o primeiro colocado na lista tríplice para reitor das universidades? Está dentro da lei?

Agressão

“Se o aluno agride, o professor tem de fazer boletim de ocorrência. Chama a polícia, os pais vão ser processados e, no limite, tem que tirar o Bolsa Família dos pais e até a tutela do filho.”

O senhor pode escolher qualquer um dentro da lista. Perfeito. Está respondido. Vou escolher o que achar mais conveniente. Dentro da lei.

“O presidente me deu carta branca para formar o time. Ele me pediu para entregar tecnicamente os melhores resultados.”

[topo](#)

O ESTADO DE S. PAULO - SP - POLÍTICA

Males do aparelhamento

E-MAIL: VERA.MAGALHAES@ESTADAO.COM TWITTER:
[@VERAMAGALHAES](https://twitter.com/VERAMAGALHAES) POLITICA.ESTADAO.COM.BR/COLUNAS/VERA-MAGALHAES/

Tarefas da Educação são tão urgentes que, se Weintraub quiser números melhores que antecessores, terá de deixar de lado a guerra cultural, sob pena de ir à deriva.

Ofiasco da curta passagem de Ricardo Vélez Rodríguez pelo Ministério da Educação poderia ter ensinado uma importante lição ao governo de Jair Bolsonaro, que hoje completa 100 dias: o aparelhamento ideológico, sempre tão combatido e associado à esquerda pelo hoje presidente ao longo de sua carreira na oposição, é, de fato, deletério para a administração pública.

Balcanizado entre “olavetes”, militares e evangélicos, com um núcleo técnico espremido nessa maçaroca ideológica, o MEC produziu uma sucessão de episódios grotescos numa pasta que, no curto mandato de Michel Temer, tinha colhido avanços concretos na área mais crucial para que o País almeje algum futuro mais promissor.

O substituto de Vélez na pasta, Abraham Weintraub, é identificado

com a mesma matriz ideológica que endossou a nomeação do seu antecessor. Tem um histórico de declarações voltadas a defender o combate ao tal “marxismo cultural” como missão da Educação. Encontrará agora, no entanto, um transatlântico para pilotar e um iceberg no caminho, que o desastre Vélez tratou de aproximar.

As tarefas da Educação são tão concretas e urgentes que, se Weintraub quiser entregar números melhores que os antecessores – os tais “esquerdistas” – terá de se dedicar a elas, e não à guerra cultural, sob pena de ir à deriva.

O ministro parece ter se dado conta da diferença entre a realidade que enfrentará. Tanto que seu discurso de posse foi focado na defesa de uma gestão técnica na pasta. Repetiu o mesmo à Coluna. Questionado sobre se readmitirá os “olavetes” demitidos por Vélez e promoverá um expurgo dos militares, negou que pretenda fazê-lo. Também refuta a análise de que sua assunção representará uma derrota para os militares. “O momento é de serenidade, pacificação e GESTÃO”, me disse ele, assim mesmo em maiúsculas, numa troca de mensagens ontem.

Se conseguir livrar o MEC do aparelhamento sempre tão condenado pela direita, mas praticado sem moderação quando ela assumiu o poder, estará no caminho virtuoso.

O mesmo deveria ser feito urgentemente na Apex, agência que tem a missão de promover as exportações brasileiras, mas se transformou num antro de intrigas e favorecimentos da corte olavista, em que diretores que gozam da intimidade do chanceler Ernesto Araújo recebem dele prerrogativas à revelia da direção do órgão.

A Apex é financiada com recursos de uma fonte que os bolsonaristas adoram fustigar: a chamada “farra do Sistema S”. Recebe fartos repasses – algo como R\$ 500 milhões ao ano para custear feiras e viagens de seus diretores –, oriundos da contribuição compulsória das empresas. Como está parcialmente paralisada pela guerrilha interna,

tem muito dinheiro “entesourado” em caixa e pouca ação prática.

A Apex já era um prêmio de consolação para aliados no governo Dilma Rousseff. Um dos seus presidentes foi o fiel Alessandro Teixeira, um dos coordenadores da campanha da petista. Na gestão Temer, passou para o guarda-chuva do Itamaraty apenas para engrossar o poder de José Serra na pasta. Agora, vira parquinho ideológico da juventude olavista.

Pelo receituário liberal do governo, uma agência financiada dessa forma e gerida na base do compadrio deveria ser extinta, em nome da eficiência. Ou ter sua gestão profissionalizada, com mandatos para os diretores e metas a serem atingidas.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - METRÓPOLE

Grupo militar muda decreto de alfabetização do MEC

O decreto sobre a nova política de alfabetização no País foi finalizado ontem por um grupo comandado pelo brigadeiro Ricardo Machado Vieira, secretário executivo da Ministério da Educação (MEC). Ele mudou todos os pontos que tinham sido criticados por especialistas. Foi retirada a orientação para que escolas adotem o método fônico de alfabetização, como defendia o grupo ligado ao escritor Olavo de Carvalho dentro da pasta. Militares e os chamados “olavistas” travam uma disputa há meses no MEC.

O texto foi mudado no último dia da gestão de Ricardo Vélez Rodríguez. O novo ministro Abraham Weintraub tomou posse ontem e é admirador de Olavo. A indicação representou uma derrota dos militares, que defendiam um ministro de perfil mais técnico e sem interferências ideológicas. A política de alfabetização havia sido colocada como prioritária para os cem dias do governo de Jair Bolsonaro, marca que será alcançada hoje.

Métodos. O novo texto fala em uso de “metodologias variadas”. No mês passado, o Estado teve acesso a uma minuta de decreto que dizia que os pilares do programa eram “consciência fonêmica, instrução fônica sistemática, fluência em leitura oral, vocabulário e compreensão de texto”.

Além disso, a versão retificada do decreto afirma que o processo de aprendizagem da leitura e escrita se dá nos dois primeiros anos do ensino fundamental – o que é considerado adequado nos países com melhores sistemas educacionais – e não com “priorização no 1.º ano”, como dizia a minuta anterior.

Também foi retirada a parte que indicava que crianças da educação infantil deveriam iniciar o processo de alfabetização, outro ponto muito criticado. Agora, a introdução no mundo letrado é orientada a partir da pré-escola (4 e 5 anos).

topo ↕

O GLOBO - RJ - SOCIEDADE

No topo do MEC

Ministro diz que vai pacificar pasta e demitir quem pisar fora da linha

BRÁSÍLIA - Com um discurso curto e direto, o novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirmou na transmissão de cargo, ontem, que vai “pacificar” a pasta. E avisou: quem não se alinhar às diretrizes da cúpula “está fora”.

O economista disse que tal postura não significa ser “autoritário” e voltou a afirmar que

está “aberto ao diálogo” para melhorar a educação do país.

— A gente está aberto a diferentes posições. Podem ser olavistas (aliados ao ideólogo de direita Olavo de Carvalho), podem ser militares, pode ser gente de esquerda disposta ao diálogo. Diálogo pressupõe que a pessoa respeite as leis, seja tolerante e aceite uma discussão racional e acadêmica. Falta de educação, gritaria, ameaça de morte, a gente... (Se) descumpriu a lei, a gente não discute.

Weintraub afirmou que está “desembarcando com um time” no MEC, sem dar nomes, e que deseja ouvir a todos de forma “desarmada” A primeira missão, segundo ele, é acabar com os conflitos internos.

As disputas por espaço e influência no MEC levaram a uma paralisia na pasta, a mais de uma dezena de demissões e à queda de Ricardo Vélez Rodríguez do cargo de ministro.

— A gente vai pacificar o MEC. E como funciona a paz? A gente está decretando a partir de agora que o MEC tem um rumo, uma direção, e quem não estiver satisfeito com ela, por favor, avise, porque vai ser tirado.

O novo ministro defendeu que é obrigação das pessoas que aceitam fazer parte do “time” seguir as orientações de quem está no “topo”, ainda que as diretrizes sejam contrárias às suas convicções pessoais.

— Tem espaço para todo mundo conversar com a gente. Pisou fora da linha, começou a plantar coisa, começou a brigar internamente, está fora na hora.

SEM MAIS GASTOS

Mais cedo, em cerimônia no Palácio do Planalto, o presidente Jair Bolsonaro garantiu que o ministro terá “carta branca” para montar a equipe:

— O que a gente quer do Abraham é que ele faça dos nossos jovens, dos nossos filhos e netos, melhores que seus pais e avós. (...) E eu sei que não lhe faltará empenho, dedicação, patriotismo, entrega. E ele tem carta branca para escolher o seu primeiro escalão, porque nós temos que esperar que esse time da Educação jogue pra frente.

Weintraub tentou garantir que “entregará resultados”. Ao rebater indiretamente declarações de analistas preocupados com a falta de experiência do novo ministro na área educacional, afirmou ter capacidade de gestão. “A gente vai chegar lá”, disse, e mencionou a carreira acadêmica na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), uma “universidade bem renomada”, onde é professor concursado.

Seu objetivo, disse, é “entregar o que foi prometido no plano de governo, mas com o mesmo que a gente já gasta” Segundo ele, o Brasil gasta muito em comparação com o Produto Interno Bruto (PIB), mas fica nos piores lugares nos testes internacionais.

Segundo o Tesouro Nacional, o país investe 6% do PIB em educação pública ao ano — índice superior à média da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Mas, quando se analisa o investimento por aluno, a cifra é metade do praticado nas nações do grupo.

topo ↕

O GLOBO - RJ - SOCIEDADE

Alfabetização é centro de nova disputa no ministério

Olavetes e militares enviam ao Planalto versões diferentes de decreto sobre o tema; uma delas retira ênfase no método fônico

Em meio à troca de ministros, com a saída de Ricardo Vélez Rodríguez e a chegada de Abraham Weintraub, o único projeto do Ministério da Educação (MEC) para os cem primeiros dias da gestão Bolsonaro, completados hoje, entrou no centro de uma nova disputa na pasta. Duas versões da Política Nacional de Alfabetização circulam no governo e, com a mudança na condução da pasta, ainda não se sabe qual texto vingará.

A confusão é tanta que uma versão em papel — e não pelo sistema eletrônico do governo — do decreto com a nova política chegou à Casa Civil. O texto é atribuído aos militares na pasta e contraria termos defendidos pelo secretário de Alfabetização do MEC, Carlos Nadalim, seguidor do ideólogo da direita Olavo de Carvalho. Nadalim foi o responsável pela elaboração da minuta que até então era considerada a oficial.

Ele defendeu pessoalmente seu texto na Casa Civil na última segunda-feira. Ontem, circulava um novo decreto, que trazia outras definições, diferentes das apresentadas por Nadalim.

A ênfase no método fônico, um dos pontos centrais para Nadalim, teria sido um dos termos retirados. Desde quando foi anunciada, a metodologia foi questionada por educadores que pregam que o melhor modelo é uma mescla de diferentes métodos.

Nadalim é seguidor do ideólogo de direita Olavo de Carvalho. O grupo autodenominado “olavetes” tem criticado o secretário-executivo empossado há cerca de dez dias pelo presidente Jair Bolsonaro, o tenente-brigadeiro do ar Ricardo Machado Vieira, que representa a ala militar na pasta e estaria à frente da nova versão do texto.

Na noite da última segunda-feira, Nadalim buscou saber na Casa Civil o que havia acontecido. Lá, recebeu a sinalização de que seu texto seria considerado.

No entanto, com a substituição de ministros, as versões do projeto — tanto o de Nadalim quanto a nova versão com mudanças — terão que passar pelo novo dirigente do MEC. Weintraub, alinhado às ideias de Olavo de Carvalho, mas que sustenta ser um perfil técnico, tomou posse dizendo que conversará com todos e que não tolerará brigas internas.

Auxiliares pretendem levar o tema do decreto da alfabetização hoje a Weintraub. Nadalim foi questionado pelo GLOBO sobre sua ida à Casa Civil para tentar resolver a questão da nova versão do texto, mas limitou-se a dizer que não tinha “nada a declarar”. A Casa Civil e o MEC foram procurados, mas não retornaram até a conclusão desta edição.

topo ↕

O GLOBO - RJ - ESPECIAL

100 dias dos novos governos

LARGADA PARA A CORRIDA DE 4 ANOS

Educação

A completa paralisia administrativa na área da Educação, que teve efeitos negativos concretos em programas, levou à queda do ministro Ricardo Vélez Rodríguez nesta

semana. Consumido por disputa entre grupos de militares e de apoiadores do ideólogo Olavo de Carvalho, travado por quase duas dezenas de demissões em postos-chave como decorrência da guerra interna, e abalado por declarações polêmicas de Vélez, o Ministério da Educação foi mal nesses primeiros cem dias.

Para o Todos Pela Educação, a gestão ficou comprometida. A entidade avalia, no entanto, que é possível corrigir o rumo. “O governo deveria dar continuidade a políticas que apontam o caminho correto. Se queremos resultados radicalmente diferentes num setor tão estratégico, é preciso reestruturar o pacto federativo na educação, revisar os mecanismos de financiamento e promover alterações profundas na formação de professores.” A atuação ideológica da pasta, talvez a mais forte promessa de Bolsonaro, revelou-se na criação de uma comissão que vai inspecionar as questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), medida criticada por especialistas. O objetivo, segundo nota técnica do Inep, responsável pelo exame, é retirar “abordagens controversas com teor ofensivo a segmentos e grupos sociais, símbolos, tradições e costumes nacionais”.

A gráfica responsável por imprimir as provas do Enem decretou falência, e até agora o ministério não indicou como deve resolver a questão. Ainda não há ameaça à realização do exame, mas a demora preocupa.

Outra polêmica na seara administrativa foi o esvaziamento do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), retirando os testes de alfabetização este ano, para serem retomados apenas na próxima edição das provas, em 2021. Após repercussão negativa, Vélez Rodríguez voltou atrás, revogando a portaria que havia sido publicada pelo Inep e pedindo a demissão do presidente da autarquia, Marcus Vinicius Rodrigues.

Vélez, que chegou a defender que alunos de escolas lessem o lema de campanha de Bolsonaro e fossem gravados, foi substituído por Abraham Weintraub.

topo ↕

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL

Weintraub promete "pacificar MEC" e diz que pasta tem rumo

Na sua posse como ministro da Educação, o economista Abraham Weintraub prometeu "pacificar" a pasta "por meio do diálogo". Ele entrou no lugar de Ricardo Vélez Rodríguez, que, além de colecionar declarações polêmicas, acabou tragado por uma disputa de poder entre as alas militar e olavista do ministério.

"A gente vai pacificar o MEC. Estamos decretando a partir de agora que o MEC tem um rumo e uma direção. Quem não está satisfeita com ela avise, porque será retirado", disse Weintraub, ao lado de Vélez, na cerimônia de transmissão de cargo.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www.valor.com.br/brasil/6205073/weintraub-promete-pacificar-mec-e-diz-que-pasta-tem-rumo>

topo ↕

VALOR ECONÔMICO - SP - EMPRESAS

Unifesp busca R\$ 1 bi com setor privado

Com uma queda de 74% nos repasses públicos para investimento nos últimos três anos, a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) está buscando recursos privados para financiar uma ampla expansão de seus campi da Vila Marina e de Santo Amaro, em São

Paulo. O projeto é orçado em R\$ 1 bilhão e tem por objetivo construir um complexo com hospitais, prédios acadêmicos, restaurante e moradia universitária que poderão ser compartilhados com a iniciativa privada.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www.valor.com.br/empresas/6205175/unifesp-busca-r-1-bi-com-setor-privado>

topo ↕

VALOR ECONÔMICO - SP - EMPRESAS

Atmo compra escola

A Escola Lourenço Castanho, de São Paulo, anunciou ontem, em reunião interna, que foi vendida para a Atmo Educação. O valor da transação não foi divulgado. Pelo acordo, a totalidade das cotas da escola serão transferidas à Atmo em operação que deverá ser concluída em cinco anos.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www.valor.com.br/empresas/6205149/curta>

topo ↕

ESTADO DE MINAS - MG - NACIONAL

Os desafios na educação

Ricardo Vélez está fora do comando do Ministério da Educação. Depois de quase 100 dias à frente da pasta, o colombiano naturalizado brasileiro deixou a certeza de que, além de ignorar os desafios do setor, desconhecia a língua, a história e a cultura do país. Ao assumir, não disse a que veio. Parecia, a exemplo de Dom Quixote, lutar contra moinhos de vento. As metas eram combater o marxismo e a ideologia de gênero. E, com isso, recolocar as famílias e os estudantes nos trilhos. Que trilhos? Ninguém sabe.

Abraham Weintraub, o novo titular, sai das entranhas do Palácio do Planalto. Secretário-executivo da Casa Civil, era o braço direito do ministro Onyx Lorenzoni. Graduado em economia pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Weintraub é professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Atuou durante três décadas no mercado financeiro. Fez parte da equipe de transição de Jair Bolsonaro, oportunidade em que apresentou proposta na área da Previdência – tema da sua dissertação de mestrado e de livros que publicou.

Não se trata, como prova o currículo, de especialista em educação. Mas espera-se que se cerque de equipe apta a assessorá-lo na formulação de uma agenda que contemple as reais urgências do talvez mais importante ministério do governo. Dele depende a revolução que traçará o futuro do país. O maior desafio: melhorar a aprendizagem dos alunos. Avaliações comprovam que metade das crianças concluem o terceiro ano de estudos sem se alfabetizar e apenas 9% dos que saem do ensino médio correspondem às expectativas mínimas no domínio da matemática. Esse é o inimigo a atacar. O país tem material humano de excelência e experiências exitosas no setor. Aproveitá-los é imperioso.

O MEC tem urgências inadiáveis. Entre elas, três sobressaem. Uma: implantar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define o conteúdo essencial a ser ministrado nos ensinos fundamental e médio. Outra: aprovar a reformulação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), mecanismo que promove a redistribuição dos recursos vinculados à educação, levando em conta o

desenvolvimento social e econômico das regiões. Em 2020, vence o prazo do fundo. Há que substituí-lo com aprimoramentos, o que demanda tempo. Mais uma: qualificar os professores para a educação do século 21.

Não é pouco. Weintraub assume um ministério em frangalhos. Tem carta branca para preencher cargos. Mas não tem carta branca para errar. Temas marginais ligados a ideologias são secundários. Há que concentrar as forças na montagem da equipe e no plano de trabalho focado nas reais necessidades do setor. Em 2022, encerra-se o mandato de Jair Bolsonaro. Nesse ano, divulgar-se-ão os resultados das avaliações da aprendizagem. O ministro, com larga experiência no setor privado, sabe trabalhar com metas. Elas são bem-vindas no MEC.

topo ↕

ESTADO DE MINAS - MG - NACIONAL

"Não sou radical, sou aberto ao diálogo"

Abraham Weintraub assume o MEC exaltando sua capacidade de gestão para entregar resultados e o fato de não ser filiado a partido **EDUCAÇÃO**

Brasília – O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse durante a cerimônia de sua posse no Palácio do Planalto que não é “radical” e tem “capacidade de gestão para entregar resultados”. O nome dele foi anunciado na segunda-feira pelo presidente Jair Bolsonaro, depois de sucessão de crises e trapalhadas no ministério em apenas três meses sob o comando do colombiano Ricardo Vélez Rodríguez. Segundo o presidente, havia um problema de gestão no ministério e estava “bastante claro” que não estava “dando certo”. “Tenho capacidade de gestão para entregar o resultado. Não falo isso para me vangloriar. Dificilmente falo com a imprensa”, afirmou.

Segundo ele, “o foco é principalmente com a população, com quem está na ponta, com o pagador de impostos. Tem de entregar melhor o serviço”.

“Por que a gente tem resultados tão ruins em educação? Com o que a gente gasta em relação ao PIB (Produto Interno Bruto), temos de entregar mais. Os indicadores do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) colocam o Brasil bem abaixo da média”, declarou. Weintraub disse ainda no discurso de posse que o diferencial dele em relação a ministros anteriores é que não é filiado a partido político, mas um técnico, professor licenciado da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ele afirmou que de 11 ministros anteriores, 65% eram filiados a partidos. “Não tenho filiação partidária. Não que ache errado ou certo. Tenho convicções políticas e elas guiam os meus passos, mas eu, Abraham, não estou acima do mandato que o presidente recebeu”, afirmou.

O novo ministro também afirmou que não é um “radical” e se definiu como alguém “de diálogo”. “Objetivo é acalmar os ânimos, colocar a bola no chão, pôr para rodar, republicanamente, respeitando diferentes opiniões”, disse. “Tem gente que fala que sou muito radical. Não sou radical, sou aberto ao diálogo. Você não pode descumprir a lei, você não pode pregar a violência e esperar a tolerância. Enquanto você não ameaçar a vida, a integridade física de alguém, eu estou aberto ao diálogo”, avaliou.

Weintraub afirmou que o “foco principal” do trabalho deve ser a “população” e que o Estado deve entregar um “produto melhor”. Defendeu o cumprimento de leis e ações para todos os brasileiros, não apenas os que votaram em Bolsonaro para presidente.

“Quando as leis são desrespeitadas é o caos que impera. A gente está aqui para servir ao povo e não apenas aos que trouxeram este governo a ocupar o cargo atual”, avaliou. O novo ministro disse que tem por missão “entregar” o que foi prometido no plano de governo, que é ter melhores resultados na educação com o mesmo valor investido atualmente.

Abraham Weintraub foi integrante da equipe de transição do governo do presidente Bolsonaro, e ocupou o cargo de secretário executivo da Casa Civil, sob o comando de Onyx Lorenzoni. O novo ministro é professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), mestre em administração na área de finanças pela Fundação Getulio Vargas (FGV) e graduado em ciências econômicas pela Universidade de São Paulo (USP – 1994). Atuou como economista-chefe e diretor do Banco Votorantim, e como sócio na Quest Investimentos.

BOLSONARO

O presidente Jair Bolsonaro discursou na cerimônia de posse do ministro. Segundo ele, a escolha de Weintraub foi feita entre mais de 10 “bons currículos” e que viu no indicado a maioria dos pré-requisitos necessários para o cargo. “Ele é aquele que não tinha deficiência ou era melhor em cada um desses itens [pré-requisitos para o cargo], por isso eu escolhi o nosso Abraham.” Bolsonaro afirmou que Weintraub terá liberdade para escolher sua equipe na pasta. Nos últimos meses, houve troca em pelos mais de 10 cargos do alto escalão do ministério e órgãos vinculados na gestão de Véllez. “Ele [Weintraub], assim como os demais ministros que estão aqui, têm carta branca para escolher todo o seu primeiro escalão”, disse.

O presidente ressaltou que acredita no “empenho, dedicação e patriotismo” do novo ministro e definiu o que espera de resultado na educação até o fim do seu mandato. “No final do nosso mandato, se Deus quiser, em 2022, nós possamos ter uma garotada que não esteja ocupando os últimos lugares do Pisa, uma prova internacional que se faz com a molecada desde a nona série do ensino fundamental, na faixa dos 15 anos de idade. Nós queremos que não mais 70% dessa garotada não saiba fazer regra de três simples, não saiba interpretar texto, não saiba perguntas básicas de ciências”. Em um ranking de 70 países, o Brasil ocupa a 63ª posição em ciências; a 59ª posição em leitura e a 65ª posição em matemática no Pisa.

[topo](#)

JORNAL DO COMÉRCIO - RS - GERAL

Raquel Dodge pede que fundo da Lava Jato seja repassado à Educação

Em manifestação ao Supremo Tribunal Federal (STF), a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, opinou por repassar ao Ministério da Educação o dinheiro de multas pagas pela Petrobras nos Estados Unidos.

A força-tarefa da Lava Jato em Curitiba pretendia criar uma fundação para gerir esses recursos. A manifestação da procuradora-geral foi enviada ao Supremo nesta segunda-feira, no âmbito de uma ação ajuizada por ela contra a fundação da Lava Jato.

A fundação está suspensa por decisão do relator do processo no STF, o ministro Alexandre de Moraes. Segundo Dodge, o acordo firmado entre a Petrobras e as autoridades norte-americanas permite que os R\$ 2,5 bilhões sejam destinados à União, contanto que não ingressem indiscriminadamente no caixa único, porque o acordo veda que a União aplique os recursos na própria Petrobras, direta ou indiretamente.

"É importante realçar que há mecanismos de ingresso desses valores no orçamento da União, em ações orçamentárias específicas e que não impliquem em transferência, direta ou indireta, para a Petrobras, como, por exemplo, ações orçamentárias a favor do Ministério da Educação", afirma Dodge.

Para ela, o dinheiro pode servir "para incremento de recursos financeiros nos programas de apoio ao desenvolvimento da educação básica; apoio a infraestrutura para a educação básica, aquisição de veículos para transporte escolar da educação básica, dentre outros serviços públicos que constituem dever constitucional do Estado brasileiro, segundo a Constituição".

topo ↕

O POPULAR - GO - BRASIL

Bolsonaro indica que MEC pretende desestimular interesse por política

Na posse do novo ministro da Educação, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) indicou como um dos objetivos da pasta desestimular o interesse de crianças e adolescentes por política nas escolas. O projeto Escola Sem Partido foi uma das bandeiras de Bolsonaro na campanha eleitoral.

Em seu discurso, o presidente defendeu que é preciso buscar a "inflexão" na área da educação, e também melhorar os índices educacionais até 2022, quando termina o seu mandato. Ele citou como foco o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), prova feita de três em três anos. A última avaliação ocorreu no final de 2016 e o Brasil teve queda nas áreas avaliadas.

O País ficou na 63ª posição em ciências, na 59ª em leitura e na 66ª colocação em matemática. "Queremos uma garotada que não esteja ocupando os últimos lugares no Pisa. Queremos que não mais 70% dessa garotada não saiba fazer uma regra de três simples, não saiba interpretar textos, não saiba perguntas básicas de ciências. Nós queremos uma garotada que comece a não se interessar por política, como é atualmente dentro das escolas, mas comece realmente a aprender coisas que possam levar, quem sabe, ao espaço no futuro", declarou o presidente. Bolsonaro lembrou que conheceu o novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, em 2017, quando o economista organizou uma viagem à Ásia para que ele, seus filhos

e o então deputado Onyx Lorenzoni (DEM/RS) conhecessem o sistema de educação em países como Japão e Coreia do Sul. O presidente destacou os países como expoentes da pesquisa, ciência, tecnologia e inovação. Desde então, Weintraub atuou na campanha de Bolsonaro e, após a posse, assumiu a secretaria-executiva da Casa Civil, chefiada por Onyx.

topo ↕

JORNAL BOM DIA (RS) - TEMPO REAL

Ciências Biológicas da URI lidera projeto de combate ao uso de bebidas alcoólicas

O consumo de álcool entre crianças e adolescentes tem crescido no Brasil e também no Rio Grande do Sul nos últimos anos. De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016, 55% dos alunos do 9º ano, entre 13 e 14 anos, já experimentaram bebida alcoólica. Para combater essa situação, os Ministérios da Educação e da Saúde, através do Programa Saúde na Escola, estão desenvolvendo uma campanha de prevenção ao uso de drogas.

No Rio Grande do Sul, o Ministério Público, através do Centro de Apoio Operacional da Infância, Juventude, Educação, Família e Sucessões e da Promotoria da Infância e da Juventude, lançou no final de fevereiro deste ano, em edição extraordinária do Fórum Permanente de Combate ao Uso de Bebidas Alcoólicas por Crianças e Adolescentes, a Campanha “Cuidado: O álcool transforma”.

A intenção é alertar crianças e jovens sobre os prejuízos do consumo de bebidas alcoólicas, bem como chamar atenção para todos os aspectos desta questão que requer atenção de todos (família, escola, pais, filhos, professores e sociedade).

Por isso, o PIBID Biologia (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) da URI vem liderando junto à Escola Estadual de Educação Básica Irany Jaime Farina, onde o Programa é desenvolvido, um projeto que irá tratar sobre esse tema. Durante o mês de março, a equipe PIBID, juntamente com a direção e professores da Escola e entidades parceiras (Educação Permanente da 11ª Coordenadoria Regional de Saúde, UBS Progresso, Brigada Militar, Polícia Rodoviária Estadual, entre outras) planejou um processo de formação que estará sendo desenvolvido nos meses de abril e maio, abrangendo a escola e a comunidade em que está inserida.

Essa é apenas uma das atividades desenvolvidas pelo Curso de Ciências Biológicas. Os futuros acadêmicos que podem ingressar via vestibular de verão terão a possibilidade de envolver-se no PIBID Biologia, um Programa Federal da **CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** que destina bolsas para estudantes que estejam cursando a primeira metade de curso de licenciatura.

topo ↕

JORNAL DIA A DIA - TEMPO REAL

Reitor do Mackenzie se encontra com conselheiros da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE), em Brasília

No dia 3 de abril, Benedito Guimarães Aguiar Neto, reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), e presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) participou de uma reunião com os conselheiros da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE), em Brasília (DF), a convite do presidente da Câmara, Antônio de Araújo Freitas Júnior, para conversas sobre o futuro e desafios da universidade brasileira.

O reitor apresentou uma visão panorâmica da preocupante situação da educação básica e superior no país e entregou proposta para melhoria da educação brasileira, baseada em documento já entregue ao MEC pelo CRUB.

O documento engloba a revisão dos propósitos do ENADE, corrigindo o protagonismo adquirido na avaliação do Instituto de Ensino Superior (IES); resgate da autonomia diante dos Conselhos de Classe na regulação do ensino superior; revisão da resolução CNE 01/2018 que permite a oferta de cursos de Pós-graduação Lato Sensu por instituições que não sejam de Ensino Superior e defesa da criação de programa de valorização dos cursos de licenciatura. Foi também reforçada a importância de construção de um modelo semelhante ao FIES para as licenciaturas no setor privado.

Sobre o Mackenzie

A Universidade Presbiteriana Mackenzie está entre as 100 melhores instituições de

ensino da América Latina, segunda a pesquisa QS Quacquarelli Symonds University Rankings, uma organização internacional de pesquisa educacional, que avalia o desempenho de instituições de ensino médio, superior e pós-graduação.

Sobre o CRUB

O CRUB é uma entidade sem fins lucrativos, criada há 52 anos para refletir estrategicamente sobre o sistema universitário, propondo medidas para seu pleno desenvolvimento e acesso à educação em todos os níveis. Defende a manutenção integral, na Lei Orçamentária Anual para 2019, das verbas referentes à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**.

topo ↕

PLANETA UNIVERSITÁRIO - TEMPO REAL

Uniso recebe aprovação para o Doutorado Profissional

A Uniso obteve a aprovação para a implantação do Doutorado Profissional em Processos Tecnológicos e Ambientais, o único da Região e um dos primeiros do País autorizados na área interdisciplinar, o que coloca o Curso entre os melhores. O relatório referente à aprovação do Doutorado Profissional foi publicado na sexta-feira (5/4), pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, órgão responsável pela avaliação das propostas de implantação de cursos de Pós-Graduação.

O professor Daniel Bertoli Gonçalves, Coordenador do Programa, comenta que os avaliadores destacaram a produtividade científica dos docentes e mestrandos, uma das mais altas do País.

Ele lembra que o curso de Mestrado Profissional também se destaca com a nota 4 alcançada em apenas três anos de funcionamento. A maior parte dos cursos recebeu nota 3, conferida aos programas em fase de consolidação.

Com 32 mestres formados, 34 mestrandos e 13 professores, o Programa tem área de concentração em "Inovação, Tecnologia e Ambiente" e três linhas de pesquisa: "Processamento e caracterização de materiais e produtos", "Desenvolvimento e controle de processos produtivos" e "Processos Ambientais", que são subsidiados por três grupos de pesquisa.

A partir de uma abordagem interdisciplinar gerada pela convergência das áreas de exatas, biológicas, ensino e saúde, o Programa está totalmente dedicado à resolução dos desafios tecnológicos, produtivos e ambientais, especialmente da Região de Sorocaba.

Conforme explica o professor Daniel Bertoli, o foco principal é formar pesquisadores profissionais para atuarem em setores de Pesquisa & Desenvolvimento das empresas, uma carência dos diversos setores da economia regional. "Grande parte das empresas da Região não trabalham no desenvolvimento de produtos, tecnologias ou processos, por falta de conhecimento, know-how e mão de obra especializada", comenta.

Apesar do formato profissionalizante, os cursos possuem a mesma rigorosidade de um mestrado ou doutorado acadêmico. A criação do curso passa pela avaliação criteriosa da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, que desde o ano passado, tornou mais rígidas as regras para criação e avaliação da pós-graduação stricto sensu. Para a aprovação, são analisadas as condições de infraestrutura,

a qualidade do corpo docente e a relevância da produção científica, dentre outros critérios.

A primeira turma do Doutorado Profissional deverá começar no segundo semestre de 2019, com inscrições para o processo seletivo a partir de maio. Informações sobre o Programa: <http://pta.uniso.br/>.

Programas de Pós-Graduação

Com essas aprovações, a Uniso passa a oferecer formação completa nos quatro Programas de Pós-Graduação stricto sensu: Mestrado e Doutorado em Comunicação e Cultura, Mestrado e Doutorado em Ciências Farmacêuticas, Mestrado e Doutorado em Educação, e o Mestrado e Doutorado Profissional em Processos Tecnológicos e Ambientais, todos reconhecidos pelo MEC. Conheça os programas:

<http://posgraduacao.uniso.br/mestrado-e-doutorado>.

Nota máxima no MEC

A qualidade da Pós-Graduação e da Pesquisa está entre as dimensões que garantiram à Uniso a nota máxima atribuída pelo MEC na avaliação de recredenciamento institucional no sistema de Ensino Superior, realizada em setembro de 2018.

A Uniso recebeu a nota 5 e se tornou a única universidade da Região com a nota máxima, incluindo as públicas. Esse conceito distingue a instituição não apenas em nível regional: No Estado de São Paulo, ela está entre as cinco universidades que possuem essa nota, dentre 38 instituições privadas, comunitárias e públicas. Em âmbito nacional, a Uniso passa a figurar entre as 22 universidades com conceito máximo, de um total de 201.

Para ampliar a divulgação dos projetos científicos da Universidade também foi criado, há um ano, o projeto Uniso Ciência, que possui um jornal no formato tabloide, de periodicidade trimestral, um blog e a revista semestral bilíngue Science@Uniso, que teve a sua segunda edição lançada no dia 10 de dezembro. Confira as publicações: em: <http://uniso.br/unisociencia>.

topo ↕

UFSC - TEMPO REAL

Inscrições abertas para Encontro Latinoamericano de Agricultura Urbana e Periurbana

O IV Encontro Latinoamericano de Agricultura Urbana e Periurbana (ELAUP), a ser realizado de 6 a 8 de novembro de 2019, na UFSC, será um espaço acadêmico para professores, pesquisadores e gestores públicos e de projetos na América Latina e no Caribe apresentarem suas pesquisas, as experiências em andamento e discutirem os aportes teóricos e metodológicos provenientes das ciências sociais, econômicas e ambientais.

O Encontro é promovido pelo Projeto “Políticas públicas, mercados institucionais e agricultura urbana/periurbana”, apoiado pela **Capes** e que reúne equipes de três instituições: Unesp/Presidente Prudente, UFRN e UFSC.

A equipe de professores e alunos do Laboratório de Estudos do Espaço Rural (LabRURAL) da UFSC é a responsável pela organização local. Os resultados esperados são o fortalecimento das redes de pesquisa na América Latina e a produção de novos

estudos que aprofundem o debate sobre as relações entre os usos agrícolas e o planejamento e o desenvolvimento das áreas urbanas e periurbanas.

O evento dá direito a certificado de 24 horas. As inscrições devem ser feitas até o dia 3 de maio.

Professores e pesquisadores = R\$ 250

Estudantes de graduação e pós-graduação = R\$ 150

Público em geral = R\$ 100

Agricultores urbanos e periurbanos = Gratuita

Mais informações no site labrural.ufsc.br/ivelaup e no cartaz.

topo ↕

AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL

Novo ministro da Educação indica que levará braço-direito da Casa Civil para o MEC

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, indicou a aliados que vai nomear o secretário-executivo adjunto da Casa Civil, Antônio Paulo Vogel, como seu número 2 na pasta, informa Julia Chaib.

A informação foi repassada pelo ministro a integrantes do próprio MEC e da Casa Civil e foi confirmada ao

Weintraub informou nesta terça (9) ao tenente-brigadeiro Ricardo Machado, atual secretário-executivo do MEC, que precisaria do cargo. O militar foi nomeado há apenas três semanas em meio a uma intensa crise na pasta.

Aliados do escritor Olavo de Carvalho, com quem o novo ministro simpatiza, afirmaram que Bolsonaro escolheu Weintraub após ele se comprometer a realocar ex-alunos do polêmico escritor na cúpula da pasta. Foi a demissão dos olavistas que deflagrou a queda de braço que terminou por derrubar Ricardo Vélez da pasta.

Havia, por isso, a expectativa de que Eduardo de Melo, que hoje comanda a TV Escola, fosse alçado à Secretaria Executiva do MEC. O que, ao que parece, não vai se confirmar.

topo ↕

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

Promessa do MEC para os cem dias, decreto da alfabetização é o centro de nova disputa entre olavetes e militares

Texto atribuído ao grupo ligado à caserna foi mandado para a Casa Civil e secretário do MEC, seguidor de Olavo de Carvalho, tenta emplacar sua versão original

BRASÍLIA — Em meio à troca de ministros, com a saída de Ricardo Vélez Rodríguez e a chegada de Abraham Weintraub, o único projeto do Ministério da Educação (MEC) para os cem primeiros dias da gestão Bolsonaro, completados nesta quarta-feira, entrou no centro de uma nova disputa na pasta. Duas versões da Política Nacional de Alfabetização circulam no governo e, com a mudança na condução da pasta, ainda não

se sabe qual texto vingar.

A confusão é tanta que uma versão em papel — e não pelo sistema eletrônico do governo — do decreto com a nova política chegou à Casa Civil. O texto é atribuído aos militares na pasta e contrariou termos defendidos pelo secretário de Alfabetização do MEC, Carlos Nadalim, seguidor do ideólogo da direita Olavo de Carvalho. Nadalim foi o responsável pela elaboração da minuta que até então era considerada a oficial. Ele defendeu pessoalmente seu texto na Casa Civil nesta segunda-feira.

A ênfase no método fônico, um dos pontos centrais para Nadalim e criticado por educadores, que não apoiam a imposição de uma única metodologia, teria sido um dos termos retirados. Nadalim é seguidor do ideólogo de direita, Olavo de Carvalho. O grupo autodenominado de "olavetes" tem criticado o secretário-executivo empossado há cerca de dez dias pelo presidente Jair Bolsonaro, coronel Ricardo Machado Vieira, que representa a ala militar na pasta.

Na noite desta segunda-feira, Nadalim buscou saber na Casa Civil o que havia acontecido. Lá, recebeu a sinalização de que seu texto seria considerado. No entanto, com a substituição de ministros, o projeto deverá passar pelo novo dirigente do MEC. Weintraub, alinhado às ideias de Olavo de Carvalho, mas que sustenta ser um perfil técnico, tomou posse dizendo que conversará com todos e que não vai tolerar brigas internas.

Auxiliares pretendem levar o tema do decreto da alfabetização nesta quarta-feira a Weintraub. Nadalim foi questionado pelo GLOBO sobre sua ida a Casa Civil para tentar resolver a questão da nova versão do texto, mas limitou-se a dizer que não tinha "nada a declarar". A Casa Civil e o MEC foram procurados, mas não retornaram até o fechamento da edição.

topo ↕

CORREIO WEB - TEMPO REAL

Novo ministro quer pacificar MEC e quem não concordar será retirado
Abraham Weintraub se refere a disputa interna que ocorre na pasta
Agência Estado

"A gente vai pacificar o MEC. Como funciona a paz? A paz a gente está decretando a partir de agora, que o MEC tem um rumo e uma direção. E quem não estiver satisfeito com ela, por favor, avise que vai ser retirado", afirmou o ministro.

O discurso durou pouco mais de oito minutos e teve um tom constante de crítica às disputas internas na pasta. O Estado mostrou que a disputa entre grupos olavistas e militares contribuiu para a queda do ex-ministro Ricardo Vélez Rodríguez. Em grupos privados e nas redes sociais, integrantes do grupo do filósofo e escritor Olavo de Carvalho acusaram militares de tentarem expurgá-los do Ministério da Educação para frear as investigações da "Lava Jato da Educação", um pente-fino anunciado pelo governo nos contratos firmados nas gestões passadas.

Os "olavistas" acusavam coronéis e generais da reserva com cargos na pasta de isolarem o então ministro Vélez Rodríguez e "sabotaram" ações no setor defendidas na campanha de Jair Bolsonaro. Em seu breve discurso, o novo ministro afirmou que não haverá espaço para contestar as diretrizes do governo Bolsonaro.

"Eu posso ter posição diferente do presidente Bolsonaro. Eu tenho duas alternativas: ou eu obedeço ou eu caio fora", afirmou o ministro. "A pessoa pode ter a convicção pessoal que for. Eu tenho as minhas convicções pessoais. Mas a partir do momento que eu entro no governo, eu tenho que me pautar pelas convicções que são feitas pelo topo", completou.

Para o ministro, a pasta deve haver só uma direção. "Não existe hipótese que aqui dentro vai ter discordância".

Antes dele, ex-ministro da Educação Ricardo Vélez Rodríguez defendeu sua gestão a frente da pasta e criticou a imprensa. Em um discurso de 20 minutos, Velez afirmou que "organizou a casa" e deixou um caminho a ser trilhado pelo novo titular. O ex-ministro afirmou que pagou um preço por propor mudanças profundas no MEC.

"O senhor vai encontrar a casa em ordem. As cinco secretarias funcionando a contento", afirmou completando: "Paguei um preço, mas não me arrependo. Nunca esmoreci para tirar do MEC as más práticas."

O ex-ministro fez questão de ressaltar que a Lava-Jato da Educação anunciado pelo governo no início do ano, mas que até o momento não apresentou resultados práticos está "ativo" e que as primeiras remeças de documentos e nomes foram remetidos ao Ministério da Justiça.

O discurso foi marcado pela defesa dos poucos mais de três meses em que esteve na pasta. Velez citou cada um dos generais que faz parte do corpo do MEC e foi interrompido apenas uma vez.

topo ↕

ECOAMAZÔNIA - TEMPO REAL

Grupo de Estudos Amazônicos debate agricultura familiar e sistemas Agroflorestais

Agricultura Familiar e Sistemas Agroflorestais na Amazônia. Este foi o tema da 59ª Reunião do Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos (GEEA), com palestra proferida pelo pesquisador do Inpa Johannes van Leeuwen, formado na Universidade Agrária de Wageningen, Holanda, com graduação em Silvicultura Tropical e um mestrado amplo e 'pesado' com dissertações em Silvicultura Tropical, Melhoramento de Plantas e Sociologia Rural da Zona Tropical, e uma especialização em Biometria.

Confira o RESUMO da palestra ocorrida na última quinta-feira (04), seguida de debate com os participantes, feito pelo próprio pesquisador Johannes van Leeuwen. Na oportunidade, Johannes recebeu um certificado de participação entregue pelo secretário-executivo do GEEA, o pesquisador do Inpa Geraldo Mendes.

Na palestra, argumentou-se que os agricultores familiares sabem cuidar das árvores, mas falta acesso a mudas no momento certo, e uma possível forma de remediar isso foi apresentada. O assunto é de suma importância, uma vez que a Amazônia tem grande potencial para o cultivo de árvores, enquanto as culturas anuais costumam ser problemáticas.

Com os pesquisadores João Batista Moreira Gomes e José Maria Thomaz Menezes, o palestrante criou em 1992 o Núcleo Agroflorestal do INPA. Outro participante de longa data é o Dr. Raimundo Cajueiro Leandro, que desde a aposentaria de José Maria coordena o Núcleo em Rondônia.

Árvores são fundamentais para o ecossistema terra: fixam carbono, mitigando o efeito estufa; regulam a ciclagem d'água, reduzindo eventos climáticos extremos; mantêm e melhoram a fertilidade do solo; e permitem alta biodiversidade, agilizando a adaptação do ecossistema a mudanças.

A Amazônia conhece diversos Sistemas AgroFlorestais (SAF's), entre os quais o pomar caseiro atrás da casa de todo agricultor; a produção de guaraná nos densos plantios arbóreos dos índios Sateré Mawé; o consórcio cacau x seringa na várzea alta, datando do primeiro ciclo da borracha; e de data mais recente cacau e café com espécies madeiras em Rondônia e pasto com tucumã em Amazonas.

O Núcleo optou para uma forma radical de pesquisa participativa, acompanhando e avaliando, em áreas de pequenos produtores, plantios agroflorestais piloto, delineados por pesquisadores e produtores juntos. Nessa metodologia, o Núcleo se limita a fornecer assessoria técnica e parte das mudas, enquanto as decisões finais e sua execução estão completamente com o agricultor. Isso ocorreu para forçar adaptações à realidade do campo e mostrar as possibilidades e dificuldades da promoção agroflorestal.

O Núcleo desenvolveu o “Diagnóstico e Delineamento Agroflorestal” que, de forma participativa, identifica no estabelecimento agrícola os locais, onde as mudas possam ser instaladas com grande chance de ter bom desenvolvimento. Resultaram as opções para promover o plantio de árvores, a maior parte descrita a seguir.

Em áreas de terra firme, recém-desmatadas para instalar mandioca ou abacaxi, foram instaladas SAF's para a produção de frutas. Num hectare, um plantio combinou castanha com laranja, guaraná, cupuaçu e quantidades menores de outras espécies. Depois de 25 anos, é o exemplo de um SAF bem-sucedido: um castanhal com um estrato inferior de guaraná, cupuaçu e açai-do-amazonas.

Diversos agricultores têm igarapés com áreas que inundam durante a enchente anual. Nestes casos, mudas de espécies de várzea e igapó permitiram a recuperação da vegetação ciliar e a melhoria da pesca. Outros produtores pediram este tipo de mudas para plantar ao redor de viveiros de piscicultura.

Os agricultores da várzea têm dificuldade de acesso à madeira, tanto para construção quanto para lenha. Neste caso, o Núcleo forneceu mudas de sete espécies madeiras, que enriqueceram com sucesso culturas perenes, como cupuaçu e goiaba.

Em Rondônia, um agricultor recebeu mudas para plantar em seu cafezal recém-receitado. Quatro anos depois, o cafezal foi transformado em pasto arborizado. Uma forma baratíssima de instalar árvores no pasto.

Com a chegada da Internet, este tipo de apoio pode ser dado de forma mais eficiente. Na África, apesar das condições bem diferentes, um movimento bem-sucedido de

revegetação trabalhou com Clubes de (agricultores) interessados. Um tal Clube: (1) levanta a necessidade em material de plantio e informação; (2) acompanha o uso do material recebido; (3) estimula o cuidado com árvores com competições e prêmios. Trabalhando assim, os custosos deslocamentos serão substituídos em grande parte por troca de mensagens e envio de material.

O palestrante enfatizou a necessidade de maior entrosamento entre pesquisa e produção. Infelizmente, se priorizam publicações em vez da resolução de problemas, para ter maior ‘produção’ acadêmica no sistema Lattes. Problema também constatado por Cláudio de Moura Castro (antigo Diretor Geral da CAPES) em suas colunas na Veja e seu livro “Crônicas de uma educação vacilante”.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

**Novo ministro da Educação toma posse e diz que está aberto ao diálogo
Abraham Weintraub substitui Ricardo Vélez Rodríguez, demitido após uma
gestão marcada por polêmicas.**

O novo ministro da educação tomou posse nesta terça-feira (9) prometendo diálogo. Mas, horas depois, mudou o tom. E disse que vai demitir quem não estiver afinado com o governo.

O economista Abraham Weintraub substitui Ricardo Vélez Rodríguez, demitido na segunda-feira (8), depois uma gestão marcada por polêmicas. O novo ministro já estava no governo; era o secretário executivo da Casa Civil. Ao longo de sua carreira, fez críticas a ideologias de esquerda. No discurso de posse, depois de ver suas posições políticas criticadas por especialistas em educação, disse que chega aberto para o diálogo.

“Colocar a bola no chão, pôr para rodar, republicaneamente, respeitando diferentes opiniões. Tem gente que fala que eu sou muito radical, eu não sou radical”, disse.

O presidente Jair Bolsonaro afirmou que Weintraub terá carta branca para escolher a equipe. Ele destacou o desempenho ruim dos alunos brasileiros em programas de avaliação internacionais e disse que espera uma melhora dos resultados.

“Nós queremos que não mais 70% dessa garotada não saiba fazer uma regra de três simples, não saiba interpretar textos, não saiba perguntas básicas de ciências. Nós queremos uma garotada que comece a não se interessar por política, como é atualmente dentro das escolas, mas comece realmente a aprender coisas que possam levá-la, quem sabe, ao espaço do futuro”.

No fim do dia, durante a cerimônia de transmissão de cargo, o novo ministro voltou a falar em diálogo, mas num tom diferente. E chegou a dizer que quem não estiver afinado com as diretrizes do governo será excluído.

“A gente vai pacificar o MEC. Como funciona a paz? A paz a gente está decretando agora que o MEC tem um rumo, uma direção, e quem não estiver satisfeito com ela, por favor avise, que vai ser tirado. Pisou fora da linha, começou a plantar coisa, começou a brigar internamente, está fora na hora”.

topo ↕

METRÓPOLES - TEMPO REAL

MEC : militares mudam alfabetização antes da posse de Weintraub

O decreto havia sido colocado como prioritário para os cem dias do governo de Jair Bolsonaro, que se completam nesta quarta-feira (10)

O decreto sobre a nova política de alfabetização no país foi finalizado ontem por um grupo comandado pelo brigadeiro Ricardo Machado Vieira, secretário-executivo da Ministério da Educação (MEC). Ele mudou todos os pontos que tinham sido criticados por especialistas. Foi retirada a orientação para que escolas adotem o método fônico de alfabetização, como defendia o grupo ligado ao escritor Olavo de Carvalho dentro da pasta. Militares e os chamados “olavistas” travam uma disputa há meses no MEC.

O texto foi mudado no último dia da gestão de Ricardo Vélez Rodríguez. O novo ministro Abraham Weintraub tomou posse nesta terça-feira (9/4) e é também ligado a Olavo. A indicação representou uma derrota dos militares, que defendiam um ministro de perfil mais técnico e sem interferências ideológicas. A política de alfabetização havia sido colocada como prioritária para os cem dias do governo de Jair Bolsonaro, que se completam nesta quarta-feira (10).

O novo texto fala em uso de “metodologias variadas”. No mês passado, o Estado teve acesso a uma minuta de decreto que dizia que os pilares do programa eram “consciência fonêmica, instrução fônica sistemática, fluência em leitura oral, vocabulário e compreensão de texto”.

Além disso, a versão retificada do decreto afirma que o processo de aprendizagem da leitura e escrita se dá nos dois primeiros anos do ensino fundamental – o que é o considerado adequado nos países com melhores sistemas educacionais – e não com “priorização no 1º ano”, como dizia a minuta anterior.

Também foi retirada a parte que indicava que crianças da educação infantil deveriam iniciar o processo de alfabetização, outro ponto muito criticado. Agora, a introdução no mundo letrado é orientada a partir da pré-escola (4 e 5 anos).

O brigadeiro Vieira, que foi colocado no MEC para tentar sanar a crise atual, ouviu representantes do Conselho Nacional de Educação (CNE) e de secretários municipais e estaduais de educação. Eles saíram muito satisfeitos do encontro ontem, quando foi apresentada a nova versão. O secretário de Alfabetização do MEC, Carlos Nadalin, que defende a alfabetização fônica, não participou da decisão.

Segundo educadores, não é função do MEC indicar o método e, sim, deixar a decisão para escolas e professores. Uma linha de especialistas também vê o método fônico – que associa as letras a fonemas – como tecnicista e ultrapassado. Escolas de elite particulares do país, em geral, mesclam métodos, mas priorizam um modelo global de alfabetização, em que não há um ensino sistemático das letras.

Não se sabe se brigadeiro deve continuar no MEC. O novo decreto já foi enviado à Casa Civil.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Novo ministro quer pacificar MEC e quem não ficar satisfeito será retirado

Brasília

Durante a transmissão de cargo, o novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, fez

um discurso duro e direto contra a disputa interna na pasta entre grupos "olavistas" e grupos militares. O ministro disse que chega para "pacificar", mas estava decretando "um novo rumo" dentro da instituição e que, "quem não ficar satisfeito", será retirado.

"A gente vai pacificar o MEC. Como funciona a paz? A paz a gente está decretando a partir de agora, que o MEC tem um rumo e uma direção. E quem não estiver satisfeito com ela, por favor, avise que vai ser retirado", afirmou o ministro.

O discurso durou pouco mais de oito minutos e teve um tom constante de crítica às disputas internas na pasta. O Estado mostrou que a disputa entre grupos olavistas e militares contribuiu para a queda do ex-ministro Ricardo Velez Rodrigues. Em grupos privados e nas redes sociais, integrantes do grupo do filósofo e escritor Olavo de Carvalho acusaram militares de tentarem expurgá-los do Ministério da Educação para frear as investigações da "Lava Jato da Educação", um pente-fino anunciado pelo governo nos contratos firmados nas gestões passadas.

Os "olavistas" acusavam coronéis e generais da reserva com cargos na pasta de isolarem o então ministro Vélez Rodríguez e "sabotaram" ações no setor defendidas na campanha de Jair Bolsonaro. Em seu breve discurso, o novo ministro afirmou que não haverá espaço para contestar as diretrizes do governo Bolsonaro.

"Eu posso ter posição diferente do presidente Bolsonaro. Eu tenho duas alternativas: ou eu obedeço ou eu caio fora", afirmou o ministro. "A pessoa pode ter a convicção pessoal que for. Eu tenho as minhas convicções pessoais. Mas a partir do momento que eu entro no governo, eu tenho que me pautar pelas convicções que são feitas pelo topo", completou.

Para o ministro, a pasta deve haver só uma direção. "Não existe hipótese que aqui dentro vai ter discordância".

Antes dele, ex-ministro da Educação Ricardo Velez Rodriguez defendeu sua gestão a frente da pasta e criticou a imprensa. Em um discurso de 20 minutos, Velez afirmou que "organizou a casa" e deixou um caminho a ser trilhado pelo novo titular. O ex-ministro afirmou que pagou um preço por propor mudanças profundas no MEC.

"O senhor vai encontrar a casa em ordem. As cinco secretarias funcionando a contento", afirmou completando: "Paguei um preço, mas não me arrependo. Nunca esmoreci para tirar do MEC as más práticas."

O ex-ministro fez questão de ressaltar que a Lava Jato da Educação anunciado pelo governo no início do ano, mas que até o momento não apresentou resultados práticos está "ativo" e que as primeiras remeças de documentos e nomes foram remetidos ao Ministério da Justiça.

O discurso foi marcado pela defesa dos poucos mais de três meses em que esteve na pasta. Velez citou cada um dos generais que faz parte do corpo do MEC e foi interrompido apenas uma vez.

ADUFG - TEMPO REAL

Inovação, goianidades e outras tradições

A inovação é uma oportunidade que não bate à porta, ela é força que emerge do assoalho, tomando de sobressalto os incautos, aqueles que pensam que o mundo permanecerá incólume, alheio às mudanças que, desenfreadas, atropelam os que preferem acionar as travas, que como pedras no rio, tentam deter a água. Exercício vão, ainda que exitoso por pouco tempo. E o tempo, aqui, é o tempo da cultura, cujas águas parecem calmas na superfície, escamoteando a corrente forte que opera abaixo dela. Quem mergulha nessas águas pode identificar a força tida nesse rio, que embora na superfície reflita o céu, em seu percurso move terras, criando veios e sustentando vidas, em um exercício veloz de mover seu leito, sobre o qual jamais dorme.

A força da inovação, contudo, não se opõe à tradição, como o pensamento comum supõe: o vocábulo tradição vem do latim traditio, derivado de tradere, que significa entregar, passar adiante. O verbo é formado por trans-, adiante, além, e dare, dar, entregar. Tradição, originalmente, significa passar algo a alguém, normalmente vinculado a costumes, hábitos e outras especificidades socioculturais. Não se opõe, portanto, a ideia de inovação, nem estabelece relação de sinonímia com fixação. Inovação, ela mesma, pode ser uma tradição, como estamos aprendendo com Japão, Alemanha e mesmo com os Estados Unidos, embora este último resvale em um conservadorismo que, este sim, conserva, sem muito êxito, valores e costumes já mofados.

No Brasil, a onda de conservadorismo pode ser um freio no desenvolvimento social, incluindo tudo o que a inovação requer, principalmente no que diz respeito à ciência e à tecnologia, elementos que definem o Zeitgeist contemporâneo. A perspectiva de uma moralidade quase vitoriana embute um viés perigoso para a cultura, justamente por confundir moralidade com conservadorismo, podendo frear oportunidades de discutir e implementar uma tradição moral ajustada a um tempo, ao nosso tempo.

Em Goiás, a inovação encontra cenário similar ao brasileiro, com a dificuldade de estarmos um pouco mais distantes da área mais desenvolvida do país, nos quesitos apontados. Enquanto polos tecnológicos em São Paulo, Pernambuco e Santa Catarina despontam, catapultando a economia e a geração de empregos em passos firmes para a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes, nosso slogan do governo passado, Goiás um estado inovador, não foi muito além de slogan. A atenção voltada para a inovação ainda carece de seriedade e compromisso, haja vista alguns retrocessos empreendidos, com dissolução de ações que contribuem, efetivamente, para o exercício da cidadania e a melhoria da base científica e tecnológica no estado.

Ações empreendedoras e inovadoras, como a implementação de inteligência no estado, principalmente na educação, saúde e segurança, ainda patinam, enquanto a burocracia impera, com sua moralidade retrógrada e ineficiente, casulo de mandatários feudais em seus nichos destituídos de cor, luz e perspectivas. Ainda que alguns projetos de cidade inteligente lancem luz no cenário goiano, será preciso mais que isso para alavancar o estado, tornando-o competitivo. Soluções tecnológicas para problemas sociais são apenas um dos aspectos em que naufragamos. A inexistência de políticas para polos tecnológicos e científico-tecnológicos evidencia o quadro de incompletude que temos. O parque científico-tecnológico da UFG, por exemplo, projetado para ser maior e em articulação com o Estado, vingou solitário, recebendo apoios pontuais e assistemáticos, sem a consistência planejada.

O protagonismo da cena é disputado entre a UFG, considerada a 20ª. melhor universidade do país, segundo o Ranking Universitário Folha 2018, divulgado recentemente, o Instituto ACE GynTec, que movimenta o contexto inovativo do estado, e o município de Aparecida de Goiânia, que este ano se tornará um dos municípios brasileiros de maior rede digital por fibra óptica do país, criando base para revolucionar a cidadania no município. Outras ações pontuais, como as ações do Coletivo Centopeia e de alguns outros espaços de coworking buscam iluminar o céu do estado, ainda que não façam, juntos, uma constelação nominada na astronomia da inovação brasileira.

A UFG, ainda que tenha o peso de uma Universidade Federal e padeça com os cortes orçamentários federais, apresenta a leveza de suas ações pouco burocratizadas e o vigor das pessoas que a conduzem, enfrentando heroicamente as dificuldades que se erguem. A manutenção do projeto do Parque Científico-tecnológico, a criação da UFG Aparecida tematizada na Ciência e na Tecnologia e o apoio a laboratórios destinados à inovação, como o RTI, o FarmaTec, o LabTime e o Media Lab, dá mostras de qual o papel que a instituição quer representar na cena goiana. Seus esforços incluem a oferta de cursos inovadores, como a especialização em Inovação em Mídias Interativas e a especialização em Educação Inclusiva e Tecnologias Assistivas, ambas ofertadas do Media Lab, e se lastreiam por cursos Stricto Sensu, como o PPG em Ecologia e Evolução, que tem conceito 7, concedido pela CAPES e identificador de cursos de referência internacional.

A presença e atuação da UFG faz mexer o fiel da balança, sendo determinante não apenas para a formação profissional, mas essencialmente pela modelização de perfis inovadores, baseados na pesquisa e na formação de novos pesquisadores. Ainda que faltem articuladores institucionais que se nivelem com a robustez da UFG em terras goianas, há de se admitir que ela contribui significativamente para que haja tais articuladores, ainda que a contribuição seja na liberação de seus doutos quadros humanos para o Estado e para os Municípios, como tem ocorrido.

A atuação da UFG, portanto, não se limita a uma amplitude intramuros, antes se lastreia na cena estadual e, como água, penetra o solo do cerrado, tornando-o fértil de mentes inovadoras, capazes de tornar a inovação em mais que uma palavra da moda, em uma verdadeira e nova tradição.

[topo](#)

BAHIA NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavençasFoto: Divulgação

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a

Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias. Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em "outras informações relevantes", o novo chefe do MEC diz: "uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto".

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem. Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles. Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus. Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: "acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal".

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer "briguinhas de casal" tinha "conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual". Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano

Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando "a entender que ele teria cometido crimes graves". Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

BITA - TEMPO REAL

Produção acadêmica do novo ministro do MEC são de periódicos com avaliação baixa

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos — todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de “refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área”.

Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias.

Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em “outras informações relevantes”, o novo chefe do MEC diz: “uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto”.

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a publicação desta reportagem.

Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles.

Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: “acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal”.

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer “briguinhas de casal” tinha “conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual”.

Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando “a entender que ele teria cometido crimes graves”.

Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

CONEXÃO SALVADOR - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças
Conexão Salvador 9 de abril de 2019 Destaque, Geral, Notícias, Política
Comentários desativados em Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos – todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capex** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capex**, a classificação é feita com a finalidade de “refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área”. Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social

que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias. Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em “outras informações relevantes”, o novo chefe do MEC diz: “uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto”.

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem. Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles. Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus. Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: “acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal”.

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer “briguinhas de casal” tinha “conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual”. Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo

de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando “a entender que ele teria cometido crimes graves”. Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

JORNAL DA USP - SP - GERAL

Universidades propõem à Capes a reorganização da pós-graduação Um dos pontos da proposta é tornar o mestrado uma etapa de qualificação para o doutorado

Em uma reunião realizada ontem, dia 8 de abril, foi apresentada aos dirigentes da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**Capes**) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) uma proposta para a reorganização da pós-graduação nas universidades.

Elaborada pelas estaduais paulistas – USP, Unesp e Unicamp – e pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a proposta sugere mudanças que consistem no redesenho da estrutura dos programas de pós-graduação, valorizando a formação no nível de doutorado, a mobilidade nacional e internacional dos estudantes nesse nível e os estágios de pós-doutorado. Um dos principais pontos da proposta é que o mestrado acadêmico passe a ser entendido como etapa de qualificação para o doutorado e tenha sua duração reduzida.

“Estamos trabalhando em um modelo que otimize os recursos investidos na pós-graduação, priorizando o doutorado. A ideia é proporcionar melhores condições ao doutorando para que ele tenha mais tempo para o desenvolvimento de seu projeto e um financiamento mais estável. Com isso, esperamos teses de melhor qualidade, que é sempre o nosso grande objetivo”, explica o pró-reitor de Pós-Graduação, Carlos Gilberto Carlotti Junior.

Agora a **Capes** deve analisar essa proposta inicial e definir quais alterações são viáveis e poderão constar na proposta final que, depois de formatada, será apresentada internamente aos programas de pós-graduação das quatro universidades.

O pró-reitor ressalta que “mesmo após a aprovação da proposta final, os programas não serão obrigados a aderir ao novo modelo. A ideia é termos na USP simultaneamente os dois modelos de pós-graduação: o tradicional e esse novo que dá ênfase ao doutorado”.

No dia 12 de dezembro, um protocolo de intenções assinado pela USP e pela **Capes** deu início ao processo que permitirá a reorganização da oferta dos cursos de pós-graduação de Mestrado e Doutorado.

topo ↕

O ESTADO - CE - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenação de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de “refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área”.

Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias.

Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em “outras informações relevantes”, o novo chefe do MEC diz: “uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a

abordagem de ensino que adoto”.

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem.

Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles.

Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: “acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal”.

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer “briguinhas de casal” tinha “conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual”.

Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando “a entender que ele teria cometido crimes graves”.

Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

O TEMPO - MG - TEMPO REAL

Pesquisa da UFMG identifica alteração em gene resistente contra a malária
Juntamente com o pesquisador ugandês Sam Mbulaiteye, do Instituto Nacional do Câncer (NCI), dos Estados Unidos, a equipe identificou variante no gene ATP2B4
Doença infecciosa transmitida por mosquitos cujas larvas se desenvolvem em reservatórios de água parada, a malária é endêmica em algumas regiões quentes e chuvosas do planeta, como a África subsaariana. Com prevalência associada a populações muito pobres, a malária é também fator de risco para o linfoma de Burkitt – tipo de câncer pediátrico comum naquela porção do continente africano.

“Trata-se de um grave problema de saúde global, ao qual se deve significativa taxa de mortalidade”, comenta o professor Eduardo Tarazona, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG. Juntamente com o pesquisador ugandês Sam Mbulaiteye, do Instituto Nacional do Câncer (NCI), dos Estados Unidos, a equipe de Tarazona liderou a pesquisa que identificou variante no gene ATP2B4, com frequência aumentada na população de Uganda, que torna seus portadores mais resistentes à malária. “A variante é, por consequência, candidata a ser protetiva também contra o linfoma de Burkitt. Essa confirmação, no entanto, ainda depende de pesquisas mais aprofundadas”, avalia Tarazona.

Com fundamento em métodos próprios dos estudos de evolução, a equipe de cientistas analisou os genomas de 1,7 mil indivíduos que habitam a África subsaariana. O estudo resultou no artigo "Genetic signatures of gene flow and malaria-driven natural selection in sub-Saharan populations of the endemic Burkitt Lymphoma Belt", publicado no periódico norte-americano PLoS Genetics, um dos mais prestigiados mundialmente na área de genética.

Segundo Tarazona, o trabalho, multicêntrico e multidisciplinar, é um exemplo da liderança da UFMG em internacionalização. Entre os autores, figuram Mateus Gouveia, ex-doutorando em Genética (UFMG) que realizou estágio sanduíche nos Estados Unidos, Victor Borda, pesquisador peruano que faz doutorado em Bioinformática na UFMG com bolsa da **Capes**, Kelly Nunes, do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva da Universidade de São Paulo (USP), Thiago Leal, pesquisador com pós-doutorado na UFMG, e mais 24 cientistas da Fundação Oswaldo Cruz e de instituições africanas e norte-americanas.

Inspiração em Darwin

Tarazona sublinha que a UFMG é referência mundial em análise de dados e bioinformática, o que justificou o convite para o projeto em parceria com o NCI. “Eles nos convidaram porque temos excelência reconhecida nessa área, tanto pela infraestrutura bioinformática quanto pelo know-how. Nossa colaboração com o instituto americano é longa e duradoura”, observa o professor. Primeiro autor do trabalho, Mateus Gouveia foi chamado a discutir políticas de combate à malária e ao linfoma com o primeiro-ministro de Uganda, um dos países mais afetados pelo problema.

A técnica de mapeamento genético utilizada pela equipe tem fundamento na teoria da seleção natural, desenvolvida no século 19 pelo naturalista britânico Charles Darwin.

“A alta frequência da variante tem sido determinada pela seleção natural positiva. Sua prevalência aumenta na medida em que ela oferece resistência à doença”, explica Tarazona.

De acordo com o professor, a perspectiva evolutiva é cada vez mais adotada por pesquisadores de todo o mundo – inclusive em universidades de países muçulmanos, onde, durante muito tempo, as restrições impostas pelo paradigma religioso confrontaram a ciência. “O enfoque evolutivo viabiliza a identificação de variantes importantes do ponto de vista médico, que predispõem ou protegem a saúde de determinada população”, informa o professor do ICB.

As migrações históricas, de acordo com o cientista, foram responsáveis por levar as variantes de suscetibilidade à malária e ao linfoma de Burkitt para a região investigada. “Existe uma ideia corrente – e equivocada – de que as populações africanas se desenvolveram como tribos isoladas. Na verdade, comércio e migrações intensas transformaram a região”, elucida Tarazona.

O próximo passo, segundo o professor, é compreender detalhadamente o mecanismo por meio do qual a variante opera gerando resistência contra a malária. “Entender o conjunto de processos e vias metabólicas que produzem uma doença e os meios pelos quais os organismos se protegem pode nos conduzir a novos alvos e inspirar outras formas de combater as doenças. Com base nisso, é possível pensar, em longo prazo, possíveis caminhos como terapias ou reposicionamento de fármacos”, projeta Eduardo Tarazona.

topo ↕

PORTAL ALAGOINHAS - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de "refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área". Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias. Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em "outras informações relevantes", o novo chefe do MEC diz: "uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto".

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem. Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles. Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus. Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: "acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal".

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer "briguinhas de casal" tinha "conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual". Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando "a entender que ele teria cometido crimes graves". Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

REVISTA NEWS - TEMPO REAL

Unisinos é a melhor universidade privada do estado em ranking de impacto Avaliação da Times Higher Education foi divulgada nesta quinta-feira

A Unisinos é a melhor universidade privada do estado no ranking de impacto realizado pela Times Higher Education, que é referência mundial na avaliação de reputação acadêmica.

“Sem dúvida, esse ranking é um reconhecimento pelo esforço que a Unisinos vem realizando em excelência, empreendedorismo e inovação acadêmica”, afirma o pró-reitor Acadêmico e de Relações Internacionais, Alsones Balestrin.

Nesta primeira edição do Ranking de Impacto das Universidades, foram utilizados como critérios 11 dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:

- Saúde e bem-estar
- Educação de qualidade
- Igualdade de gênero
- Trabalho decente e crescimento econômico
- Indústria, inovação e infraestrutura
- Redução das desigualdades
- Cidades e comunidades sustentáveis
- Consumo e produção sustentável
- Ação contra a mudança global do clima
- Paz, justiça e instituições eficazes
- Parcerias e meios de implementação

Para o diretor da Unidade Acadêmica de Graduação, Gustavo Borba, o resultado tem grande importância para a Unisinos. “Todo trabalho de ensino e pesquisa que é feito dentro de uma instituição de ensino superior de excelência tem que repercutir de alguma forma nas comunidades e na melhoria da vida das pessoas. E esse ranking traz um pouco disso, mostra efetivamente as externalidades do que se faz dentro da Universidade, ou seja, como que isso impacta socialmente”, explica.

O Ranking inédito que foi divulgado nesta quinta-feira, 4/4, pelo grupo britânico que

classifica anualmente instituições de ensino no mundo, avaliou mais de 450 universidades de 76 países.

“Para nós, da Unisinos, que trabalhamos na consolidação de Programas de Pós-Graduação, cinco dos quais estão no projeto PrInt da **Capes**, é fundamental estarmos bem ranqueados. Esse reconhecimento revela bem o compromisso social da Universidade por meio do impacto de nossas pesquisas na sociedade”, explica a diretora da Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Dorotea Frank Kersch.

topo ↕

SALVADOR DEZ NET - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio. Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social. Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de "refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área". Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação. Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil). Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação. Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora. Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017.

A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos. A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias. Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências. Em "outras informações relevantes", o novo chefe do MEC diz: "uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto". Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem. Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles. Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo

Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL. No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes.

As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos. Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais. Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus. Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: "acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal". Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer "briguinhas de casal" tinha "conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual". Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância. Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BMeF-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim.

A investigação tratou de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado. A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado. Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando "a entender que ele teria cometido crimes graves". Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

SUPERNOTÍCIA - MG - TEMPO REAL

Pesquisa da UFMG identifica alteração em gene resistente contra a malária Juntamente com o pesquisador ugandês Sam Mbulaiteye, do Instituto Nacional do Câncer (NCI), dos Estados Unidos, a equipe identificou variante no gene ATP2B4
Doença infecciosa transmitida por mosquitos cujas larvas se desenvolvem em reservatórios de água parada, a malária é endêmica em algumas regiões quentes e chuvosas do planeta, como a África subsaariana. Com prevalência associada a populações muito pobres, a malária é também fator de risco para o linfoma de Burkitt – tipo de câncer pediátrico comum naquela porção do continente africano.

“Trata-se de um grave problema de saúde global, ao qual se deve significativa taxa de mortalidade”, comenta o professor Eduardo Tarazona, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG. Juntamente com o pesquisador ugandês Sam Mbulaiteye, do Instituto Nacional do Câncer (NCI), dos Estados Unidos, a equipe de Tarazona liderou a pesquisa que identificou variante no gene ATP2B4, com frequência aumentada na população de Uganda, que torna seus portadores mais resistentes à malária. “A variante é, por consequência, candidata a ser protetiva também contra o linfoma de Burkitt. Essa confirmação, no entanto, ainda depende de pesquisas mais aprofundadas”,

avalia Tarazona.

Com fundamento em métodos próprios dos estudos de evolução, a equipe de cientistas analisou os genomas de 1,7 mil indivíduos que habitam a África subsaariana. O estudo resultou no artigo "Genetic signatures of gene flow and malaria-driven natural selection in sub-Saharan populations of the endemic Burkitt Lymphoma Belt", publicado no periódico norte-americano PLoS Genetics, um dos mais prestigiados mundialmente na área de genética.

Segundo Tarazona, o trabalho, multicêntrico e multidisciplinar, é um exemplo da liderança da UFMG em internacionalização. Entre os autores, figuram Mateus Gouveia, ex-doutorando em Genética (UFMG) que realizou estágio sanduíche nos Estados Unidos, Victor Borda, pesquisador peruano que faz doutorado em Bioinformática na UFMG com bolsa da **Capes**, Kelly Nunes, do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva da Universidade de São Paulo (USP), Thiago Leal, pesquisador com pós-doutorado na UFMG, e mais 24 cientistas da Fundação Oswaldo Cruz e de instituições africanas e norte-americanas.

Inspiração em Darwin

Tarazona sublinha que a UFMG é referência mundial em análise de dados e bioinformática, o que justificou o convite para o projeto em parceria com o NCI. “Eles nos convidaram porque temos excelência reconhecida nessa área, tanto pela infraestrutura bioinformática quanto pelo know-how. Nossa colaboração com o instituto americano é longa e duradoura”, observa o professor. Primeiro autor do trabalho, Mateus Gouveia foi chamado a discutir políticas de combate à malária e ao linfoma com o primeiro-ministro de Uganda, um dos países mais afetados pelo problema.

A técnica de mapeamento genético utilizada pela equipe tem fundamento na teoria da seleção natural, desenvolvida no século 19 pelo naturalista britânico Charles Darwin. “A alta frequência da variante tem sido determinada pela seleção natural positiva. Sua prevalência aumenta na medida em que ela oferece resistência à doença”, explica Tarazona.

De acordo com o professor, a perspectiva evolutiva é cada vez mais adotada por pesquisadores de todo o mundo – inclusive em universidades de países muçulmanos, onde, durante muito tempo, as restrições impostas pelo paradigma religioso confrontaram a ciência. “O enfoque evolutivo viabiliza a identificação de variantes importantes do ponto de vista médico, que predispõem ou protegem a saúde de determinada população”, informa o professor do ICB.

As migrações históricas, de acordo com o cientista, foram responsáveis por levar as variantes de suscetibilidade à malária e ao linfoma de Burkitt para a região investigada. “Existe uma ideia corrente – e equivocada – de que as populações africanas se desenvolveram como tribos isoladas. Na verdade, comércio e migrações intensas transformaram a região”, elucida Tarazona.

O próximo passo, segundo o professor, é compreender detalhadamente o mecanismo por meio do qual a variante opera gerando resistência contra a malária. “Entender o conjunto de processos e vias metabólicas que produzem uma doença e os meios pelos

quais os organismos se protegem pode nos conduzir a novos alvos e inspirar outras formas de combater as doenças. Com base nisso, é possível pensar, em longo prazo, possíveis caminhos como terapias ou reposicionamento de fármacos”, projeta Eduardo Tarazona.

topo ↕

AGÊNCIA ESTADO - TEMPO REAL

O nome muda, as prioridades não

As necessidades da Educação brasileira são urgentes e já estão definidas

A decisão foi tomada: sai Ricardo Vélez, entra Abraham Weintraub. Após 100 dias de governo, vemos que o Ministério da Educação não conseguiu começar a trabalhar efetivamente. O MEC precisa sair da paralisia e passar a funcionar em prol dos seus 50 milhões de alunos que estão nas escolas hoje. Já passou da hora de entrar no ritmo das demandas urgentes do nosso País. E é isso que se espera do novo ministro, pragmatismo na condução de ações que levem os alunos a aprenderem mais e consistentemente.

Os principais desafios para obtermos avanços na Educação já estão definidos: alfabetizar nossas crianças, reformular a carreira docente e garantir recursos para estados e municípios possam implementar a nova BNCC. O primeiro foco deve estar na alfabetização. É inaceitável termos crianças que, aos 8 anos de idade, ainda não sabem ler e escrever. Para isso, deve-se desenvolver uma política pública focada em resolver este problema. Acredito que em oito anos, dois mandatos, de uma política muito bem estruturada e dando suporte aos Estados e municípios para implementá-la, é possível garantir que todas as crianças estejam plenamente alfabetizadas na idade correta.

Já a revisão da carreira docente tem que promover a atualização da formação inicial para que o professor domine os conteúdos e as didáticas e seja um real líder na sala de aula. Tais alterações estão em curso na Nova Base Nacional Comum de Formação Docente, encaminhada ao Conselho Nacional de Educação e que aguarda aprovação. O processo precisa ser levado a sério, pois será peça-chave na valorização da carreira e conseguirá atrair novos talentos para essa profissão tão importante.

Por último, destaco um ponto que deve ser revisto com cuidado: o Fundeb. O prazo de vigência do fundo, que concede o repasse de verba para estados e municípios, acaba em 2020. Para ter certeza de que esse recurso terá continuidade e seja bem aplicado, será necessária uma reformulação de regras, visando a uma melhor distribuição, incentivando os entes federativos com desempenho de destaque e eliminando critérios subjetivos.

A lista de prioridades não para por aí e ainda inclui a implementação da Base Nacional Comum Curricular, a atenção à Primeira Infância, a reforma do Ensino Médio e a criação de regras de avaliação da qualidade da gestão. Todos esses pontos são pautas primordiais e precisam sair do papel para que a Educação de fato evolua e tudo depende da intenção e da capacidade de gestão que o novo ministro terá. Espero que ele venha mostrar que somos uma nação preocupada com seu futuro.

topo ↕

AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL

Sai um olavete aloprado, entra um olavete turbinado no MEC

Simão Bacamarte, valei-nos - abrem ainda mais as portas do hospício

Agora que um “olavete” turbinado acaba de ser nomeado para o Ministério da Educação, no lugar de um “olavete” aloprado, só resta torcer para que baixe o espírito

de Simão Bacamarte em Olavo de Carvalho.

Para quem não leu “O Alienista”, de Machado de Assis, breve resumo: Simão Bacamarte, médico de razoável prestígio, resolve dedicar-se ao estudo da psiquiatria. Monta até um hospício, a Casa Verde, na sua cidade (Itaguaí), e vai internando um cidadão depois do outro, até que 75% da população acaba na Casa Verde.

Depois de algumas hilariantes idas e vindas, Simão Bacamarte manda soltar todos os internos, a partir da descoberta de que ninguém tinha uma personalidade perfeita, a não ser ele próprio. Consequência inexorável: Bacamarte conclui ser o único anormal na cidade e decide trancar-se sozinho na Casa Verde até o fim da vida.

A única solução para o hospício em que se transformou uma parte do Brasil dos Bolsonaro é Olavo de Carvalho, a piada que virou guru, aceitar que, como todos estão errados e só ele está certo, ele é anormal e merece trancar-se em algum hospício e jogar a chave fora.

O mais novo delirante na praça é esse Abraham Weintraub, ao qual se atribui a afirmação de que as instituições financeiras, os meios de comunicação e as grandes empresas estão, todos e todas, sob comando de comunistas.

O incrível é que o comunismo não tenha tomado conta do país, se domina tais instituições.

Como escreveu Joel Pinheiro da Fonseca, impecável liberal, se Weintraub se mostrar um líder mais forte que seu antecessor, Vélaz Rodríguez, trocará a inoperância deste por algo pior, “um movimento na direção errada: aparelhar o ministério e tocar sua agenda de combate ‘aos comunistas’”, antagonizar professores e promover a doutrinação oficial em sala de aula. Quem pagará o preço dessa brincadeira serão jovens e crianças brasileiros”.

Pois é, se a caça aos fantasmas (o comunismo que não existe) for levada às últimas consequências, o que fará o novo ministro? Proibirá a execução das músicas desse perigoso poeta comunista que é Chico Buarque de Holanda? Revogará a aposentadoria do mestre marxista que é Fernando Henrique Cardoso? Mandará queimar os livros de Paulo Freire?

Levará a cruzada anticomunista ao setor financeiro e prenderá Lázaro Brandão, os Setúbal do banco Itaú, invadirá a Espanha para encarcerar Ana Botín, a herdeira do Santander?

Casa Verde neles, antes que seja tarde demais.

topo ↕

AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL

**Dodge pede que fundo bilionário da Lava Jato seja repassado à educação
Procuradora-geral se manifestou em ação do STF que suspendeu fundo**

Em manifestação ao STF (Supremo Tribunal Federal), a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, opinou por repassar ao Ministério da Educação o dinheiro de multas pagas pela Petrobras nos Estados Unidos.

A força-tarefa da Lava Jato em Curitiba pretendia criar uma fundação para gerir esses recursos.

A manifestação da procuradora-geral foi enviada ao Supremo nesta segunda-feira (8), no âmbito de uma ação ajuizada por ela contra a fundação da Lava Jato.

A ação rendeu duras críticas de procuradores a Dodge. A fundação está suspensa por decisão do relator do processo no STF, o ministro Alexandre de Moraes.

Segundo Dodge, o acordo firmado entre a Petrobras e as autoridades norte-americanas permite que os R\$ 2,5 bilhões sejam destinados à União, contanto que não ingressem indiscriminadamente no caixa único. Isso porque o acordo veda que a União, como acionista majoritária da Petrobras, aplique os recursos na própria estatal, direta ou indiretamente.

“É importante realçar que há mecanismos de ingresso desses valores no orçamento da União, em ações orçamentárias específicas e que não impliquem em transferência, direta ou indireta, para a Petrobras, como, por exemplo, ações orçamentárias a favor do Ministério da Educação”, afirma Dodge.

Para ela, o dinheiro pode servir “para incremento de recursos financeiros nos programas de apoio ao desenvolvimento da educação básica; apoio a infraestrutura para a educação básica, aquisição de veículos para transporte escolar da educação básica, dentre outros serviços públicos que constituem dever constitucional do Estado brasileiro, segundo a Constituição”.

A procuradora-geral ponderou que é preciso reservar parte dos recursos para eventual indenização de acionistas minoritários da Petrobras no Brasil, “em tratamento de equivalência e reciprocidade em relação ao que já ocorreu sob a jurisdição americana”.

Dodge pediu vista da ação ajuizada por ela a fim de ter mais tempo para analisar as informações já prestadas ao STF pela AGU (Advocacia-Geral da União) e pela 13ª Vara Federal em Curitiba, que havia homologado o acordo entre os procuradores da Lava Jato e a Petrobras.

Ela também rebateu trechos da manifestação da AGU que sugerem que somente ela própria e a CGU (Controladoria-Geral da União) podem fechar acordos de leniência com empresas que tenham se envolvido em irregularidades, visando reparar danos ao erário.

O parecer da AGU foi visto por procuradores como uma crítica à atuação do Ministério Público Federal, que vem assinando acordos desse tipo.

Para Dodge, a AGU, “de modo absolutamente desconectado com os pedidos feitos na ação”, sugeriu que a Petrobras era parte do esquema de corrupção, e não vítima, como sustenta a PGR. “[A AGU] Fez isto com o declarado propósito processual de defender sua prerrogativa e sua legitimidade exclusivas para celebrar acordos de leniência”, criticou a procuradora-geral.

Não há prazo para a ação no Supremo ser concluída. Enquanto não há um desfecho,

com a definição do destino dos recursos, o fundo que a Lava Jato queria criar fica suspenso.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Bolsonaro empossa Abraham Weintraub como novo ministro da Educação Economista assumiu o MEC na vaga de Ricardo Vélez Rodríguez, demitido após três meses de gestão marcados por controvérsias e recuos. Weintraub era o número 2 da Casa Civil.

O presidente Jair Bolsonaro empossou nesta terça-feira (9) o economista Abraham Weintraub como ministro da Educação. O novo titular da pasta substituiu no cargo o professor Ricardo Vélez Rodríguez.

A cerimônia de posse foi realizada no Palácio do Planalto no dia seguinte ao anúncio da demissão de Vélez Rodríguez e da escolha de Weintraub para sucedê-lo à frente do MEC.

A exoneração de Vélez e a nomeação de Weintraub foram publicadas em edição extra do "Diário Oficial da União" de segunda-feira (8).

Foi a segunda demissão na equipe ministerial de Bolsonaro – o primeiro exonerado foi Gustavo Bebianno na Secretaria-Geral da Presidência.

Em seu discurso após ser empossado, o novo ministro da Educação disse que o foco da pasta será "principalmente com a população" e que é preciso "melhorar o serviço" prestado pelo ministério.

Segundo ele, nos últimos 16 anos, 65% dos 11 ministros da Educação que vieram antes dele tinham filiação partidária.

"Eu não tenho filiação partidária. Eu tenho convicções políticas e elas guiam os meus passos, mas eu, Abraham, não estou acima do mandato que o presidente recebeu", afirmou Weintraub.

"O que trago de diferente dos ministros anteriores: não sou filiado a partido político, sou um técnico, professor universitário, de uma universidade de muito renome. [...] Tenho capacidade de gestão para entregar o resultado", complementou.

O novo ministro disse que agora, após a crise no MEC que levou à demissão de seu antecessor, o objetivo é "acalmar os ânimos, colocar a bola no chão".

"Tem gente que fala que sou muito radical. Não sou radical, eu sou aberto ao diálogo. Enquanto você não ameaçar a vida a integridade física de alguém, eu estou aberto ao diálogo", disse o novo chefe do MEC.

Bolsonaro

O presidente também discursou na solenidade. No discurso, Bolsonaro disse que o novo ministro da Educação terá "carta branca" para nomear a sua equipe no ministério.

Ele disse que espera que o "time da educação jogue para frente" para que, ao final do seu mandato, em 2022, o Brasil não esteja ocupando os últimos lugares no Programa

Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa).

"Ele [Abraham], assim como os demais ministros que estão aqui, tem carta branca para escolher todo o seu primeiro escalão. Porque nós temos, no final das contas, que esperar que esse time da Educação jogue para frente. Não só busque a inflexão no tocante à educação, bem como, no final do nosso mandato, se Deus quiser, em 2022, nós possamos ter uma garotada que não esteja ocupando os últimos lugares no Pisa", disse Bolsonaro.

"Nós queremos que não mais 70% dessa garotada não saiba fazer uma regra de 3 simples, não saiba interpretar textos, não saiba responder perguntas básicas de ciências", complementou o presidente.

Perfil

Apoiador de Jair Bolsonaro na campanha eleitoral, Abraham Weintraub trabalhou na equipe de transição do presidente e ocupava, antes de assumir o MEC, a secretaria-executiva da Casa Civil, segundo cargo mais importante na estrutura da pasta.

Assim como o irmão Arthur, que também atua no governo, Abraham foi apresentado a Bolsonaro pelo atual ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, que também estava presente à cerimônia de posse.

Abraham é formado em ciências econômicas pela Universidade de São Paulo (1994). Ele é mestre em administração na área de finanças pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), e professor licenciado da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Na iniciativa privada, trabalhou no Banco Votorantim por 18 anos, onde foi economista-chefe e diretor, e foi sócio na Quest Investimentos.

De acordo com o colunista do G1 Valdo Cruz, a nomeação do economista para o MEC, segundo assessores diretos de Bolsonaro, funciona como uma solução de meio termo para apaziguar os ânimos de militares e do escritor Olavo de Carvalho, que disputavam nos bastidores quem iria fazer o sucessor de Ricardo Vélez Rodríguez.

Gestão Vélez Rodríguez

Colombiano naturalizado brasileiro, Vélez Rodríguez tomou posse no cargo de Ministro da Educação em 1º de janeiro e enfrentava uma "guerra interna" provocada por desentendimentos entre militares e seguidores do escritor Olavo de Carvalho.

Durante a gestão, foram pelo menos 13 demissões no alto escalão do ministério.

Em pouco mais de três meses de gestão, o agora ex-ministro colecionou uma série de polêmicas, entre as quais:

Disse que quer mudar os livros didáticos para revisar a maneira como tratam a ditadura militar e o golpe de 1964.

Anunciou a demissão do secretário-executivo da pasta diante da "guerra" no ministério. Depois trocou os substitutos e também demitiu o presidente do Inep;

Pediu a escolas que filmassem alunos cantando Hino Nacional e enviassem o vídeo ao

MEC. Depois, voltou atrás;

Disse em entrevista que o brasileiro parece um "canibal" quando viaja ao exterior. Depois, disse ter sido "infeliz" na declaração;

Afirmou que a universidade não é para todos.

topo ↕

PORTAL ÉPOCA - TEMPO REAL

BOLSONARO USA O NOME DE AYRTON SENNA E JOGA NO LIXO

Antes do segundo turno, o candidato do PSL atraiu a irmã do grande piloto de Fórmula 1 para falar de educação, fingiu que entendeu, mas, depois de eleito, trata o tema com desleixo – a prova é a escolha de Weintraub para o MEC

Viviane Senna, irmã do tricampeão mundial de Fórmula 1 morto em 1994, dirige, desde os anos 90, o Instituto Ayrton Senna, voltado para a área da educação e reconhecido por sua excelência. Antes do segundo turno da eleição de 2018, Viviane aceitou o convite do então candidato Jair Bolsonaro para visitá-lo em sua casa no Rio de Janeiro e falar sobre os desafios da educação no Brasil. Acompanhada por Mozart Neves Ramos, diretor do instituto, Viviane encontrou na casa de Bolsonaro Joice Hasselmann, a então deputada federal eleita pelo PSL-SP. A foto tirada naquele dia melhorou a imagem do candidato do PSL e os visitantes saíram de lá com a impressão de que não se tratava de oportunismo eleitoral. Bolsonaro parecia genuinamente interessado no tema da educação.

Já eleito, Bolsonaro fez mais alguns acenos a Viviane, ensaiou colocar Ramos à frente do Ministério da Educação (MEC), mas, na última hora, voltou atrás. Acabou escolhendo o agora famoso Ricardo Vélez – aquele que chamou os brasileiros de canibais ladrões, teve a ideia de fazer os estudantes repetirem o refrão da campanha do PSL todos os dias, etc, etc, etc. Com a queda de Vélez na segunda-feira, 8 de abril, Bolsonaro tinha a chance de se redimir e escolher um nome com reconhecido saber na área da educação, com experiência na formulação de políticas públicas, alguém sem ideias malucas. Era o que precisávamos para recuperar o tempo perdido com Vélez.

Ao apontar para o MEC o economista Abraham Weintraub, Bolsonaro manteve a aposta na mesma direção, na direção errada. Ex-secretário-executivo da Casa Civil e um dos principais assessores do ministro Onyx Lorenzoni, Weintraub é próximo do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), aquele que usa o boné em favor de Donald Trump. Weintraub não é especialista em educação e declarou recentemente que, no Brasil, instituições financeiras, grandes empresas e a imprensa estão na mão dos comunistas. Parece fake news, mas infelizmente não é. A declaração está registrada em vídeo. Para quem o conhece, o novo ministro da Educação parece ser um Vélez com maior capacidade de gestão, o que é uma péssima notícia. Vélez era despreparado, mas não conseguia colocar nada em prática. Alguém com ideias ruins e poder de execução pode fazer um estrago muito maior.

Viviane, do Instituto Ayrton Senna, visitou Bolsonaro durante a campanha do ano passado com o intuito de ajudar, como disse para uma reportagem de ÉPOCA no final de 2018. Em todas as campanhas dos últimos anos, ela fez encontros semelhantes com todos os candidatos que a convidaram. Seguindo um desejo de seu irmão, Viviane segue a premissa de que todas as crianças e os jovens devem receber uma educação de alta qualidade, independentemente de classe social. Essa é uma ideia poderosa num lugar

como o Brasil, que disputa os primeiros lugares no ranking mundial da desigualdade e registra uma baixíssima mobilidade social de uma geração para outra – ou seja, quem tem pais pobres também tem uma grande chance de continuar na base da pirâmide.

Como os países se organizam com o objetivo de preparar as crianças e os jovens para o futuro é talvez o fator mais determinante para garantir, no longo prazo, o bem-estar individual e a prosperidade de toda a sociedade. Com Weintraub, Bolsonaro deixa claro que está pouco ligando. Dá a nítida impressão de que queria apenas pegar uma carona no nome de Ayrton Senna. Resta torcer para que Weintraub pare de ver vermelhos em todos os lugares, inclusive nas sedes do Bradesco e do Itaú Unibanco, e consiga enxergar a realidade da educação.

topo ↕

REUTERS BRASIL - TEMPO REAL

Em evento com Bolsonaro, líder de prefeitos cobra mais recursos da União e defende apoio à reforma da Previdência

BRASÍLIA (Reuters) - O presidente da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), Glademir Aroldi, defendeu nesta terça-feira que o governo Bolsonaro se empenhe em garantir uma maior distribuição de recursos da União para as prefeituras brasileiras e se colocou a favor da aprovação da reforma da Previdência, que, segundo ele, pode ajudar a economizar no mínimo 20 por cento das despesas das cidades com esse tipo de despesa.

Em forte discurso, aplaudido diversas vezes, Aroldi cobrou a concretização do lema de campanha do Bolsonaro —“Mais Brasil, Menos Brasília”. Ele lembrou que desde a Constituição de 1988 foram criadas contribuições cujos recursos não foram compartilhados com Estados e municípios, apesar de ter havido o aumento da responsabilidades dos municípios. Segundo ele, esse modelo está “falido”.

“Esperamos que o ‘Mais Brasil’ seja uma inflexão política”, disse Aroldi, na XXII Marcha em Brasília em Defesa dos Prefeitos, ao destacar que o ministro da Economia, Paulo Guedes, criou uma “expectativa enorme” para os gestores locais de que as atribuições da União, dos Estados e dos municípios será na mesma proporção.

Em seu discurso no evento, o presidente Jair Bolsonaro anunciou que o governo vai apoiar a majoração do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) por meio de emenda constitucional. Segundo o presidente, o assunto já foi conversado com o ministro da Economia, Paulo Guedes.

Outro ponto citado pelo líder dos prefeitos foi a distribuição mais justa de novos recursos da cessão onerosa dos royalties do petróleo do pré-sal, que seria uma “injeção na veia” de recursos para o caixa das prefeituras ainda este ano.

O presidente da CNM defendeu também a aprovação de uma emenda constitucional que institua o caráter permanente do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), que se encerra este ano.

PREVIDÊNCIA

Aroldi disse que a reforma da Previdência é uma “pauta estruturante” e disse que espera que seja fechado, ao fim do encontro, uma posição da confederação favorável à

proposta.

“Como agentes locais, gestores públicos, se nós quisermos terminar o mandato com um pouco mais de equilíbrio, essas mudanças são necessárias sim”, disse.

Para Aroldi, muitos dos pontos da reforma da Previdência estão contemplados na proposta do governo. Mas ele fez ressalvas a dois pontos já criticados na reforma, que preveem mudanças na aposentadoria rural e no Benefício de Prestação Continuada (BPC).

O presidente da entidade disse ser uma boa intenção o aceno do ministro da economia, Paulo Guedes, de colocar como opcional para o beneficiário a mudança nas regras do BPC e destacou que esse pagamento tem impacto em muitos municípios brasileiros.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Objetivo é acalmar os ânimos, diz novo ministro ao tomar posse no MEC

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) empossou hoje à tarde o novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, em cerimônia no Palácio do Planalto. Ele substituirá Ricardo Vélez Rodriguez, exonerado do cargo ontem após uma série de polêmicas na pasta e "falta de gestão", segundo o próprio presidente.

Em discurso, Weintraub disse que seu objetivo primeiro é "acalmar os ânimos" e não ser radical, mas aberto a diálogo.

"Eu tenho convicções políticas e elas guiam meus passos, mas não estou acima do mandato que o presidente recebeu do povo, da República, da Constituição, das leis. [...] Na função de ministro da Educação esse vai ser meu papel: entregar o que foi prometido no plano de governo. Bem sucintamente é [fazer] mais com o mesmo que a gente já gasta", declarou.

"Bem resumidamente, o objetivo é acalmar os ânimos, colocar a bola no chão, pôr para rodar republicanamente respeitando diferentes opiniões. Tem gente que fala que eu sou muito radical. Não sou radical. Sou aberto ao diálogo. O que você não pode é descumprir a lei, pregar a violência e esperar a tolerância", afirmou.

O novo ministro comparou a troca no ministério a um técnico de futebol que está escalando times e disse que, às vezes, alguém sai de campo não porque sej ruim, mas apenas por não ser o mais adequado para a função naquele momento. Vélez não compareceu à solenidade.

"Vejo a substituição como algo natural e, se eventualmente acontecer outras, inclusive comigo, tem de ser visto como algo natural. Não é uma coisa difícil. A gente tende sempre a ver os problemas, e não os acertos", falou, acrescentando não se tratar de algo pessoal.

Segundo ele, o foco do governo tem de ser entregar serviços e produtos melhores para a população em todas as frentes e se disse confiante na missão. "Eu acho que consigo entregar, tenho certeza de que vou conseguir entregar o resultado esperado."

Weintraub reconheceu que a escolha dele não é unanimidade, mas ressaltou que, em

suas contas, cerca de 70% dos ministros da Educação nos últimos 16 anos eram professores universitários, como ele próprio o é na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e suas aulas eram extremamente disputadas. Após ser anunciado, o novo ministro foi criticado por alguns setores da educação por ter mais experiência na área financeira.

O novo ministro ressaltou ser técnico, ter experiência internacional, além de capacidade de gestão.

Ainda no discurso, Abraham Weintraub afirmou que o educador Paulo Freire é unanimidade no meio acadêmico e questionou o motivo pelo qual o Brasil não alcança resultados melhores mesmo investindo o mesmo que países ricos proporcionalmente ao PIB (Produto Interno Bruto) no setor. Ele também lamentou os resultados obtidos pelos estudantes brasileiros no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes).

Em determinado momento, de maneira descontraída, brincou com a dificuldade de as pessoas pronunciarem o seu nome. "Eu gostaria de falar também que, assim, as pessoas têm que relaxar um pouco ao falar meu nome, porque não é culpa de ninguém que meus pais resolveram colocar um nome complicado desse. Pode me chamar de Abrão só que está ótimo", disse.

O presidente iniciou o discurso brincando não saber quem é o mais bonito dentre os irmãos Weintraub, mas falou que, se fosse para ver o mais feio, seria difícil escolher entre ambos. Mais tarde, elogiou a inteligência dos irmãos. Bolsonaro contou como se conheceram e a missão de Abraham Weintraub organizar uma viagem para ele - quando ainda deputado e pré-candidato - para conhecer modelos educacionais no Japão, na Coreia do Sul e em Taiwan.

Bolsonaro falou da necessidade de investimentos na geração de conhecimento, como pesquisas em ciência e tecnologia, para tirar as pessoas de crises financeiras. Ele falou que a intenção é recuperar a rede pública de ensino e citou que, hoje, até certas escolas privadas deixam a desejar.

"O que a gente quer é que [o ministro] faça dos nossos jovens, filhos e netos melhores do que seus pais e avós. É isso o que eu espero e toda a sociedade brasileira espera do Abraham. [...] Nós queremos uma garotada que comece a não se interessar por política como é atualmente nas escolas, mas aprender coisas que quem sabe possa levá-la ao espaço no futuro", disse.

Quem é o novo chefe do MEC

O novo ministro não é um nome ligado à educação.

Apesar de atuar como professor da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), Abraham fez sua carreira no mercado financeiro, com mais de 20 anos de atuação no setor bancário, passando pela Quest Investimentos, Banco Votorantim e outras instituições.

Tanto Abraham como seu irmão, Arthur Weintraub, já atuam no governo Bolsonaro.

Abraham ocupava o cargo de secretário-executivo da Casa Civil, pasta comandada por

Onyx Lorenzoni (DEM). Ele também fez parte da equipe de transição após a eleição de Bolsonaro, sendo um dos responsáveis pela área da Previdência.

Abraham acompanhou o presidente na viagem internacional a Israel, no começo da semana passada, e compareceu à reunião da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara sobre a reforma da Previdência, na quinta-feira (4).

Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Velez pelos serviços prestados.

? Jair M. Bolsonaro (@jairbolsonaro) April 8, 2019

Abraham é formado em Ciências Econômicas pela USP (Universidade de São Paulo), e tem mestrado e MBA em fundos de investimento e finanças internacionais pela FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Desde junho de 2014, atua como professor da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e atua como diretor Executivo do CES (Centro de Estudos em Segurança). Ao contrário do que o presidente afirmou, o título de doutor não consta no currículo lattes do novo ministro.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Raquel defende recursos de acordo entre Petrobras e Lava Jato na educação

Depois de a Advocacia-Geral da União (AGU) propor que os recursos da ordem de R\$ 2,5 bilhões previstos no acordo firmado entre a Força-Tarefa da Lava Jato (Ministério Público Federal no Paraná) e a Petrobras fossem destinados ao Fundo Penitenciário Nacional (Funpen), foi a vez da Procuradoria-Geral da República (PGR) indicar ao STF outra destinação para o dinheiro, desta vez para a Educação.

Os dois órgãos são contrários a previsão firmada no acordo, que destina parte do montante a um fundo a ser gerido por entidade privada. Os polêmicos R\$ 2,5 bilhões são resultado de uma multa paga pela estatal em ação nos Estados Unidos, a qual definiu que 80% do valor deveria ser remetido ao Brasil.

A PGR é autora do processo que questionou o acordo entre a Lava Jato e a Petrobras no STF, suspenso por ordem do ministro Alexandre de Moraes. Em manifestação enviada na semana passada, a Petrobras explicou que o tratado com os EUA impedia que qualquer valor da multa enviado ao Brasil fosse destinado ao acionista majoritário da estatal, que é a União.

No parecer, no entanto, a PGR propõe que, ao encaminhar os bilhões para a União, haja um direcionamento específico do dinheiro, dando como exemplo o Ministério da Educação. "É importante realçar que há mecanismos de ingresso desses valores no orçamento da União, em ações orçamentárias específicas e que não impliquem em transferência, direta ou indireta, para a Petrobras, como, por exemplo, ações orçamentárias a favor do Ministério da Educação", afirma Raquel.

Segundo a procuradora, o dinheiro poderia incrementar recursos nos programas de apoio ao desenvolvimento da educação básica, apoio à infraestrutura para a educação básica, aquisição de veículos para transporte escolar, dentre outros serviços públicos.

As iniciativas de indicar o destino de dinheiro recuperado da corrupção vêm sendo alvo de críticas entre ministros do STF. Recentemente, Raquel pediu à Suprema Corte que multas somadas em R\$ 71,6 milhões referentes ao acordo de delação do marqueteiro João Santana, de sua mulher, Mônica Moura, e de André Luis Reis Santana também fossem destinados ao Ministério da Educação, em vez de serem transferidos diretamente para o caixa da União.

O pedido, no entanto, foi negado no fim de fevereiro pelo relator do caso, ministro Edson Fachin, segundo quem cabe à União, e não ao Poder Judiciário, definir como a receita será utilizada.

Manutenção

No parecer enviado nesta segunda-feira, 8, ao STF, a PGR também pediu mais tempo para se inteirar do processo, devido as informações enviadas nos últimos dias por outras autoridades envolvidas na ação.

A procuradoria ainda solicitou que seja determinada à Caixa Econômica Federal que, enquanto a situação no processo não for definida, mantenha a remuneração mensal do valor depositado a pelo menos 100% da taxa Selic, sem cobrança de qualquer taxa bancária. Além disso, a PGR quer que a instituição apresente no prazo de dez dias informações sobre a melhor rentabilidade dos ativos.

AGORA SÃO PAULO - SP - BRASIL

Novo ministro tem carreira curta e pouca produção acadêmica

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos — todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, 2 desses 1+ textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria 134 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de "refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área".

Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na

Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação em redes sociais.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

topo ↕

FOLHA DE PERNAMBUCO - PE - BRASIL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças Novo ministro da educação coleciona desavenças acadêmicas e um currículo com apenas quatro artigos em periódicos científicos

Novo Ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenação de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de "refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área". Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias.

Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências. Em "outras informações relevantes", o novo chefe do MEC diz: "uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto".

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem.

Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles.

Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: "acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal".

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer "briguinhas de casal" tinha "conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual".

Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando "a entender que ele teria cometido crimes graves".

Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

J. DO COMMERCIO - AM - NOTÍCIAS

Pesquisa sobre fábricas chinesas em Manaus recebe menção honrosa no Prêmio Capes

Investigar o estilo gerencial das fábricas chinesas instaladas em Manaus foi objetivo da pesquisa desenvolvida, com apoio da Fapeam (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas), pelo amazonense Cleiton Ferreira Maciel Brito. O estudo realizado durante seu curso de doutorado na UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos), em São Paulo, recebeu Menção Honrosa no Prêmio **Capes** de Tese 2018, na área de Sociologia, pela **Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)**.

Publicada em revistas acadêmicas, a tese intitulada "Made in China/produzido no Polo Industrial da Zona Franca de Manaus: o trabalho nas fábricas chinesas" buscou compreender a forma da organização do trabalho e o tipo de gestão implantado em quatro fábricas chinesas instaladas na ZFM (Zona Franca de Manaus).

Segundo o pesquisador, o estudo mostrou como as fábricas chinesas vêm operando na região e a mudança da ZFM com a chegada da China. "Tentei investigar como a ZFM se comporta nesse contexto de ascensão da China. Pode-se compreender que ela não é mais a Zona Franca de anos atrás. Um exemplo bem nítido é que boa parte dos celulares, que antes tinha produção local. Hoje, com o barateamento dos componentes da China, as empresas começaram a importar. Ou seja, atualmente, 90% são importados, as máquinas vão montando os celulares com todas as peças importadas", explicou.

O estudo também constatou que os chineses trabalham com formas organizacionais peculiares.

"As empresas chinesas têm organização de trabalho baseada em uma gestão mais técnica e menos participativa. Os chineses chamam essa política de no feelings. Nesse sentido, no lugar de uma política de produção de colaboradores, que vinha sendo realizado nas fábricas sob influência da gestão japonesa, os chineses introduziram a produção de operadores. Eles não incentivam conversas, diálogos.

O famoso almoço com o chefe, funcionário do mês, premiações, somente são realizadas sob iniciativa dos brasileiros, porque os chineses não adotam esse tipo de política na empresa", detalhou.

Conforme Brito, outro ponto observado é que existe interesse do país na própria Amazônia e no que ela pode oferecer como incentivo à expansão asiática na região.

"As conversas com gestores chineses e com diretores da ZFM revelaram que as fábricas se instalam na região, mas desembarca também toda uma burocracia chinesa que vem

prospectar oportunidades de investimentos na área mineral, madeireira, na piscicultura, na esfera naval e até mesmo no agronegócio no Sul da região amazônica", relata.

topo ↕

MEIO NORTE - PI - EDUCAÇÃO

Ufpi : doutorado em Ciências Agrárias e Farmacêuticas

A Capes divulgou na primeira semana de abril uma notícia muito aguardada pela comunidade acadêmica da Ufpi. A Universidade conseguiu aprovação para oferecer os curso de doutorado em Ciências Farmacêuticas, no Campus Senador Petrônio Portella, em Teresina, e em Ciências Agrárias, no Campus Professora Cinobelina Elvas, em Bom Jesus - o primeiro curso de doutorado da Instituição fora da capital. Com a aprovação dos novos cursos, a Univesidade Federal do Piauí passa a contar com 19 doutorados.

Em seis anos de gestão do Reitor José Arimateia Dantas Lopes, esse número mais que triplicou. Inicialmente existiam 6 opções de cursos de doutorado. "Nós estamos muito contentes e vamos continuar trabalhando nesse sentido de apoiar a pesquisa e pós-graduação na Universidade. Agora vamos focar mais ainda na qualidade. Quantitativamente, estamos bem. Agora precisamos crescer a nota dos nossos cursos", disse o Reitor José Arimateia Dantas Lopes, em reunião no Salão Nobre da Reitoria, que contou com a presença da Vice-Reitora Nadir Nogueira; do coordenador dos Programas de Pós- Graduação Strictu Sensu, Welter Cantanhêde; do diretor do Campus Professora Cinobelina Elvas, Stélio Bezerra; e os professores do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas, Professores Daniel Arcanjo e João Marcelo de Castro.

De acordo com o Coordenador de Programas Stricto Sensu da PróReitoria de Pós-Graduação, a qualidade dos cursos de pós-graduação ofertados na Ufpi tem se mantido graças ao trabalho de acompanhamento dos PPGs. "Por meio de seminários, realizados todo ano, antes do envio de coleta de dados do programa, para fazermos as devidas melhoras antes do envio para a CAPES e também constituímos um comitê de assessoramento da PRPG, composto por professores de reconhecida competência de avaliação da CAPES", disse Welter Cantanhêde.

O curso de doutorado em Ciências Farmacêuticas da Ufpi é o primeiro ofertado na Região do Meio Norte do país, e deve atrair além de farmacêuticos profissionais, biomédicos, biólogos, enfermeiros e fisioterapeutas. Com oferta inicial de 15 vagas, o curso deve receber a primeira turma de alunos no primeiro semestre de 2020. Segundo Luciano da Silva Lopes, Coordenador do Programa, a conquista do doutorado foi resultado de uma longa jornada de árduo trabalho de diversos professores que passaram pelo curso e que essa conquista será importante no desenvolvimento de substâncias para novos medicamentos, uma marco na história do PPG, que inicia suas comemorações de 10 anos da primeira turma. Também está previsto para o primeiro semestre de 2020 o ingresso dos primeiros alunos do Curso de Doutorado em Ciências Agrárias, do Campus da Ufpi em Bom Jesus.

O PPGCA surgiu da fusão do PPG Solos e Nutrição de Plantas com o PPG Fitotecnia, que obteve nota quatro em sua primeira avaliação, pela CAPES. Com esse resultado, o corpo docente dos dois programas se reuniu e estudou os indicativos de cada PPG, concluindo que a fusão abriria a oportunidade para pleitear o doutorado.

WELTER | Coordenador de Programas Stricto Sensu

topo ↕

ZERO HORA - RS - POLÍTICA +

O QUE ESPERAR DA TROCA NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Sob comando de Ricardo Vélez Rodriguez, a confusão no Ministério da Educação era tanta que a esperança está no que se convencionou chamar de Lei Tiririca: pior do que está não fica. Vélez foi demitido porque mostrou incapacidade absoluta de gestão. Seu substituto, o economista Abraham Weintraub, 48 anos, seria candidato natural a ministro da Previdência, se a pasta não tivesse sido extinta.

Previdência é a especialidade dele e do irmão Arthur, assessor da Presidência da República. Na Educação, a indicação provocou surpresa. Weintraub saiu do posto de número do 2 na Casa Civil para a cadeira de ministro da Educação. Ponto para Onyx Lorenzoni, seu padrinho, que mostrou estar mais forte do que imaginavam os adversários internos.

Professor universitário, homem de exatas e conhecedor da situação fiscal do país, Weintraub entra com a missão de colocar ordem no caos gerencial deixado por Vélez, mas a orientação política será a mesma: caçar comunistas instalados na estrutura do MEC e combater o marxismo cultural supostamente entranhado nas escolas. Weintraub também reza pela cartilha do guru Olavo de Carvalho. Em dezembro, na Cúpula Conservadora das Américas, em Foz do Iguaçu, afirmou:

— Quando ele (um comunista) chegar para você com o papo `nhoini nhoim, xinga. Faz como o Olavo de Carvalho diz para fazer. E quando você for dialogar, não pode ter premissas racionais.

O diagnóstico de que o MEC é um antro da esquerda foi feito ainda na transição, a partir de informações repassadas por interlocutores do governo Michel Temer. Em relação às universidades, a opinião é a mesma, corroborada pela resistência à candidatura de Bolsonaro entre professores e alunos. A tensão está no ar.

Pelo pouco que se conhece das ideias de Weintraub para a educação, pode-se esperar uma devassa nas universidades e uni corte radical nas bolsas de pós-graduação. Vélez enredou-se no cipó do MEC e não conseguiu avançar na guerra santa contra o alegado perigo comunista.

A Fundação **Capex (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** será uma das primeiras a entrar na mira do novo ministro.

topo ↕

DIÁRIO DA AMAZÔNIA - RO - ESPLANDA MEC

A nomeação do economista Abraham Weintraub para o comando do Ministério da Educação não agradou setores da ala militar do Governo que tentavam, até ontem, emplacar o substituto de Vélez Rodrigues.

topo ↕

ESTADO DE MINAS - MG - GERAIS

Entenda como cortes na Fapemig afetam até pesquisa contra a dengue na UFMG Enquanto a doença beira os 100 mil casos em Minas, estudo de vacina é um dos prejudicados por redução nos repasses da agência, que financia 40% da pesquisa produzida pela federal

A Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig) fará cortes significativos em seus repasses, que atingem diretamente a maior universidade pública de Minas Gerais e uma das mais importantes da América Latina. Diante da redução, a Universidade Federal de Minas Gerais deixa de receber neste ano bolsas de iniciação científica que totalizam R\$ 2,5 milhões e R\$ 13 milhões referentes a pesquisas. Os reflexos da queda no investimento já podem ser percebidos, e um deles é o atraso em pesquisa de antígenos e vacinas para as arboviroses, como a dengue, cujo número de casos prováveis no estado já beira os 100 mil apenas neste ano.

Os cortes de bolsas e redução nos repasses estaduais e federais podem levar ao desmonte da ciência em Minas, alertam pesquisadores. Diante do cenário, a reitora da UFMG, Sandra Regina Goulart Almeida, chamou para uma reunião na Reitoria parlamentares das três esferas de governo. “É um momento muito complicado para o país, por causa crise econômica. Isso afeta o investimento em ciência, educação e tecnologia. Nosso objetivo é trazer os parlamentares aqui e mostrar o que temos para oferecer. Minas tem o maior parque educacional, em termos de universidades públicas federais. Temos duas estaduais de peso. Temos muito a contribuir para este momento difícil”, afirma a reitora.

Uma das pesquisas ameaçadas pelos cortes pode resultar em uma vacina contra a dengue, um dos maiores desafios no país em termos de saúde pública. As dificuldades coincidem com um repique da doença neste ano, que já tem registro de 12 mortes (leia abaixo). “Estamos testando agora uma vacina contra a dengue. Começamos os testes há três anos e vamos testar por mais cinco. A fórmula foi descoberta há 15 anos”, afirma o professor Mauro Martins Teixeira, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG.

O professor lembra que os cortes em pesquisa resultam no não desenvolvimento de uma vacina eficaz. “Nos últimos cinco anos o investimento em ciência vem se deteriorando de forma significativa. Isso significa falta de continuidade. Estamos falando de pesquisas que levam de 10 a 15 anos. Interrupção não significa prejuízo apenas no tempo dessa paralisação. Significa muito retrocesso. E em 2019 o financiamento será menor do que nos últimos dois anos, que já foram caóticos”, afirma o professor.

A UFMG e a Unicamp lideram o ranking nacional de depósito de patentes e transferência de tecnologia. Segundo a reitora Sandra Goulart, a cada R\$ 1 que a UFMG ganha por transferência de tecnologia, o estado ganha R\$ 30. A Fapemig financia 40% da pesquisa produzida pela federal, o que leva ao temor dos pesquisadores em relação ao fim dessa fonte de financiamento. “A partir do momento em que a Fapemig não consegue arcar com esse apoio à pesquisa, temos de fato preocupação com nosso estado e nosso país.”

Desastroso Na avaliação da reitora, se nada for feito o desmonte da ciência brasileira é uma certeza. “A previsão é de 47% de cortes no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), grande financiador da pesquisa no país. O impacto a curto prazo é social e científico. A longo prazo, é desastroso”, diz Sandra Goulart. Os pesquisadores destacam que os cortes podem trazer impacto para a produção científica do Brasil, que ocupa o 13º lugar em elaboração de artigos científicos em ranking mundial.

O não repasse de bolsas da Fapemig afeta também estudantes que vêm de camadas

populares, e que ingressaram na UFMG nos últimos anos, em decorrência de políticas que democratizaram o acesso à universidade. “O primeiro aspecto que temos que pensar é na indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. Um exemplo muito concreto que temos vivido é o rompimento de barragens em Mariana e Brumadinho. Interromper pesquisas que estão sendo desenvolvidas para colaborar com a reconstrução das vidas das atingidas e atingidos, nessa articulação entre pesquisa e extensão, é uma perda muito grande”, afirma a pró-reitora de extensão, Cláudia Mayorga.

Para ela, o perfil da universidade pública mudou, com o ingresso de estudantes de trajetórias populares, negros e indígenas. “Eles recebem bolsas para desenvolver estudos acadêmicos, e elas também têm a função de colaborar com questões concretas para a permanência desses alunos na universidade. Não receber essas bolsas tem impacto para ciência, mas também para a permanência de estudantes na nossa instituição”, completa.

Por meio de nota, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas (Sedectes) disse que, apesar de haver previsão orçamentária, o recurso financeiro não está disponível “devido ao fluxo de caixa”. Ainda de acordo com o texto, os cortes nos repasses se devem à “severa crise econômica e fiscal” do estado. “O governo de Minas Gerais reconhece a importância do investimento nas áreas de ciência, tecnologia e inovação e informa que não medirá esforços para a execução dos projetos”, diz a nota. O texto afirma ainda que “não há descontinuidade do fomento à pesquisa”, mas que algumas ações tiveram que ser priorizadas. “As bolsas de mestrado e doutorado estão mantidas, e as bolsas de iniciação científica (BIC) e a iniciação científica JR (BIC JR) estão temporariamente suspensas pela Fapemig”, citou.

TRÊS PERGUNTAS PARA...

Adelina Martha dos Reis, secretária regional da Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência (SBPC)

Qual é a situação hoje da ciência em Minas e no Brasil?

A ciência está passando por um dos seus momentos mais difíceis, desde que faço ciência há mais de 40 anos. Até 2015, nos 20 anos anteriores, houve acréscimo no orçamento para ciência e tecnologia. De 2015 para cá tem havido redução desses investimentos. Agora chegamos ao ponto mais crítico, tanto em nível nacional, com cortes de verba do CNPq e da Finep (Financiadora de Inovação e Pesquisa), quanto em Minas, com o corte de verba da Fapemig.

O que representam esses cortes em termos de valores?

O tesourômetro, na entrada do campus da UFMG, mostra quanto de dinheiro está deixando de ser repassado para ciência e tecnologia em nível nacional: R\$ 17 bilhões nos últimos dois anos. Em Minas Gerais, 1% do orçamento vai para Fapemig, agência que faz a distribuição de recurso no estado. Isso corresponde pela LOA (Lei Orçamentária Anual) a R\$ 300 milhões por ano, que deveriam ser repassados em 12 parcelas mensais – o que não tem ocorrido. O governo está se propondo a repassar cerca de R\$ 6 milhões por mês, o que daria entre R\$ 70 milhões e R\$ 80 milhões por ano, muito abaixo do valor garantido pela Constituição de Minas Gerais para investir em ciência e tecnologia para o desenvolvimento do estado. A Constituição mineira não está sendo cumprida.

Podemos falar em desmonte da ciência?

Sim. Em anos anteriores, a liberação cada vez maior de recursos permitiu a expansão da pesquisa em todas as universidades e institutos de pesquisa, compra de equipamentos de valores altíssimos, que não estão podendo ser usados, por falta de manutenção. Temos bom parque de equipamentos, mas não há dinheiro para manutenção, verba para técnico, não temos bolsas para os alunos. A situação é catastrófica. Temos os equipamentos e não podemos usá-los.

topo ↕

ESTADO DE MINAS - MG - NACIONAL

MUDANÇA PARA TENTAR ENCERRAR CRISE NO MEC

Bolsonaro demite Vélez Rodríguez e põe economista Abraham Weintraub, que é ligado a Onyx Lorenzoni, no ministério, para apaziguar disputa entre Olavo de Carvalho e técnicos da pasta

Foram 97 dias de polêmicas e recuos até que a crise no Ministério da Educação atingisse de vez o colombiano Ricardo Vélez Rodríguez, substituído ontem pelo economista Abraham Weintraub. Ex-aluno de Olavo de Carvalho – guru de Jair Bolsonaro (PSL) –, o novo ministro promete uma gestão “técnica” com a missão de cumprir o programa de governo de forma “serena, tranquila e eficiente”. Coube a Bolsonaro anunciar pelo Twitter a indicação do professor universitário com experiência em gestão, mestrado em administração e MBA executivo. “Aproveito para agradecer ao professor Velez pelos serviços prestados”, escreveu Bolsonaro nas redes sociais. Pela manhã, ele havia se reunido com o agora ex-ministro da Educação no Palácio do Planalto.

Essa foi a segunda troca de ministro no governo Bolsonaro em menos de 100 dias de governo. Em fevereiro, o ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Gustavo Bebianno, foi demitido depois da crise envolvendo seu nome e do seu partido, o PSL, do qual era presidente em 2018, com candidaturas de laranjas.

Antes de chegar ao ministério, que tem um dos maiores orçamentos do governo federal, Abraham Weintraub ocupou a Secretaria-Executiva da Casa Civil – segundo cargo mais importante da pasta comandada por Onyx Lorenzoni. Weintraub também participou da elaboração do plano de governo do então candidato a presidente, incluindo pontos para a educação. Integrante da equipe de transição entre os governos Michel Temer (MDB) e Bolsonaro, ele debateu a reforma da Previdência. “Sinto-me preparado para o cargo”, disse

Aluno inscrito do curso de Olavo de Carvalho, Weintraub reafirmou ter grande admiração pelo professor, o que não significa necessariamente um alinhamento automático. “Ele tem ideias muito boas, mas não sigo ipsis litteris tudo o que ele fala. Não é porque gosto de música clássica que não escuto rock and roll de vez em quando”, disse. Nos bastidores, a indicação do economista e professor é vista como tentativa de apaziguar os ânimos entre os militares, seguidores de Olavo de Carvalho e técnicos da pasta e finalmente fazer o Ministério da Educação funcionar.

A crise na pasta remonta ao segundo dia da gestão Bolsonaro. De lá para cá, foram vários episódios que expuseram a inércia no setor. Desde então, foram 14 demissões no alto escalão do MEC, incluindo o secretário-executivo, além da publicação de documentos oficiais, logo anulados, e frases polêmicas de Vélez, como a declaração de que o brasileiro em viagem é um canibal. “Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo”. As trapalhadas do

ministro o levaram a perder o apoio de seu padrinho, Olavo de Carvalho, a quem chamou de “traíçoeiro”.

Na sexta-feira passada, durante café da manhã com jornalistas, Bolsonaro começou uma “fritura pública” do aliado. Afirmou que o MEC “não estava dando certo”. “É uma pessoa bacana, honesta, mas está faltando gestão, que é uma coisa importantíssima. Vamos tirar a aliança da mão esquerda e pôr na mão direita ou na gaveta”, afirmou na ocasião. Edição extra do Diário Oficial da União, publicada ontem, trouxe a nomeação de Weintraub e a exoneração de Ricardo Vélez Rodríguez.

Repercussão A indicação de mais um nome estranho à educação foi vista com ressalvas pelo movimento Todos pela Educação, o principal grupo ligado ao setor. “Esse é um perfil que se assemelha ao anterior, que legou ao MEC um cenário de completa inoperância. Mesmo entre pessoas do próprio governo parecer haver consenso de que o perfil do novo ministro precisava ser bastante diferente, de alguém com bastante experiência na área”, afirmou Olavo Nogueira Filho, diretor de políticas educacionais do grupo.

Ele observou, no entanto, a proximidade do novo ministro a Onyx Lorenzoni, homem forte do governo Bolsonaro. “Prioridade política para a educação é sempre importante. A pergunta é, de que forma isso será usado?”. Olavo Nogueira afirmou que, embora desconhecido do setor, é preciso dar o “benefício da dúvida” para que ele apresente suas ideias. “É um desafio adicional do novo ministro, que é não só montar uma equipe que tenha conhecimentos que ele não tem, mas fazer a virada de maneira muito rápida. A janela de oportunidade de início de governo para mudanças mais estruturantes está sendo desperdiçada”, lamentou.

Durante reunião com empresários e conselheiros da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o presidente da entidade, Paulo Skaf, disse não conhecer o novo ministro, mas que a entidade está “de portas abertas” para ele. A informação da escolha de Weintraub para o Ministério da Educação circulou durante o evento. (Com agências)

CRISE SOBRE CRISE

A gestão de Ricardo Vélez no Ministério da Educação foi marcada por controvérsias e paralisia no setor. Relembre as principais polêmicas em quase 100 dias de governo:

» No segundo dia de governo, o MEC publica edital permitindo a compra de material didático com erros e propagandas. Texto é anulado uma semana depois e 11 pessoas são demitidas, incluindo o chefe de gabinete do FNDE, que assinou o edital.

» Murilo Rezende é nomeado diretor de avaliação de educação básica do Inep – ato tornado nulo pelo ministro chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni.

» Em entrevista à revista Veja, Ricardo Vélez afirma que o brasileiro é como um “canibal” quando está viajando. “Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo”, disse. Em documento ao STF, dias depois, classificou sua fala como “infeliz”.

» Vélez anunciou que MEC iria impulsionar o Projeto Rondon e retomar o ensino de

moral e cívica nas escolas e universidades. Também prometeu rever a formação dos professores do ensino básico.

» MEC envia comunicado às escolas para que os professores filmassem os alunos cantando o Hino Nacional. Diante da polêmica em torno da necessidade de autorização dos pais para a divulgação de imagens dos filhos, o ministro admite que errou.

» Em dois dias, ocupantes de 10 cargos de alto escalão do MEC são exonerados ou pedem demissão.

» Iolene Dias fica apenas oito dias como secretária-executiva do MEC, o segundo cargo mais importante da pasta.

» Inep cria comissão para avaliar questões do Enem e verificar se são “pertinentes com a realidade social”. No ano passado, Jair Bolsonaro criticou uma questão de linguagens que falava sobre o pajubá, um conjunto de expressões associadas aos gays e travestis. Na ocasião, ele disse que tomaria conhecimento do teor antes da aplicação da prova.

» Ocupantes de mais três cargos do MEC são exonerados, entre eles, o ministro Ricardo Vélez.

topo ↕

J. DO COMMERCIO - PE - BRASIL

Diálogo é um desafio para o novo ministro

O economista Abraham Weintraub toma posse hoje no lugar de Ricardo Vélez

mazevedo@jc.com.br

Anunciado ontem como novo ministro da Educação, o economista paulistano Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub, 47 anos, que substitui o colombiano Ricardo Vélez, terá que apostar no diálogo e em articulações para destravar a pauta educacional, paralisada nos últimos três meses devido, em parte, à inabilidade do seu antecessor.

Entrevistados pelo JC esperam que a mudança do titular da Educação não seja apenas uma troca de nomes e que as questões ideológicas não atrapalhem. A expectativa é de que o até então secretário-executivo da Casa Civil corra contra o tempo para tocar temas urgentes como o novo Fundeb, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um programa para melhorar a alfabetização e a recomposição orçamentária das universidades federais. Weintraub toma posse hoje, no Palácio do Planalto, às 14h.

“A simples mudança do ministro não aumenta nem diminui a percepção de que a situação do MEC é muito preocupante. Não vimos, até hoje, planejamento, prioridades, diretrizes de trabalho. Não se faz educação básica sem articulação com as secretarias municipais e estaduais de Educação. É preciso esperar os próximos passos. Aguardar que essa mudança se reverta em algo positivo”, destacou o secretário de Educação de Pernambuco e vice-presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação, Frederico Amancio.

Cotado ano passado para ser ministro da Educação de Bolsonaro (não foi por pressão da bancada evangélica), o pernambucano Mozart Neves Ramos ficou surpreso com a nomeação de Weintraub. “Foi uma verdadeira surpresa. Não o conheço, não sei qual sua trajetória na educação. Se ele não tiver autonomia, blindagem do presidente pra montar sua equipe e ficar ao lado de Olavo de Carvalho, vai ter grandes dificuldades”,

comentou o ex-secretário de Educação de Pernambuco e hoje diretor de Articulação e Inovação do Instituto Ayrton Senna.

“O novo ministro terá agenda complexa e urgente. O Fundeb é essencial para financiamento da educação básica e tem que ser renovado até 2020. A impressão do Enem é outro ponto prioritário. Assim como as condições de acessibilidade dos alunos no Fies e o custo-aluno-qualidade”, enfatizou Mozart Neves Ramos.

Ex-ministro da Educação na gestão passada, o também pernambucano Mendonça Filho afirmou que os desafios da educação no Brasil são gigantescos e urgentes. “Desejo êxito ao novo ministro. Espero que ele leve adiante ações que integram uma pauta da educação que é consensual: a reforma do ensino, a elaboração de currículos compatíveis com a BNCC, as escolas em tempo integral, uma política de formação de professores e de alfabetização.”

“Nossa expectativa é de que as ações não fiquem atreladas a questões ideológicas. E que o novo ministro fortaleça as universidades públicas, investindo em ensino, pesquisa e extensão”, defendeu o vice-reitor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Marcelo Carneiro Leão. “É essencial recompor o orçamento das federais, que vem diminuindo muito nos últimos anos”, destacou o reitor da Federal de Pernambuco, Anísio Brasileiro.

Sinceramente, peço a Deus que não seja pouco mais do mesmo. Espero que o novo ministro consiga ter autonomia e ingerência interna e externa no seu time”, afirmou Mozart Neves Ramos

Um ministério da Educação, com o tamanho e a importância que tem, não se faz sozinho. Não adianta trocar o ministro se não houver mudança na linha de trabalho”, destacou Fred Amancio

topo 

J. DO COMMERCIO - PE - EDITORIAL

Recomeço no MEC

A saída de Ricardo Vélez do Ministério da Educação já vinha sendo ensaiada há semanas, e não chegou a ser surpresa a consumação da segunda troca do governo Jair Bolsonaro em menos de 100 dias. Colecionador de polêmicas, numa das áreas mais visadas da gestão federal, Vélez teve que lidar com as baixas públicas de uma disputa interna voraz, culminando com a sua própria retirada de cena da Esplanada. Enquanto assuntos menores tomaram conta da pauta, o MEC demonstrou estar a caminho da paralisia em variados setores, com programas à mercê de uma arrumação política e administrativa demorada. O grau de insatisfação com o colombiano chegou aos comandantes das Forças Armadas, no que pode ter sido a gota d'água na pressão pela queda, depois que Vélez declarou ser favorável à modificação do conteúdo dos livros didáticos, em relação ao golpe militar de 1964 – para excluir a palavra “golpe” da história ensinada aos brasileiros.

Esta e outras batatas quentes agora vão para o colo do economista Abraham Weintraub. Ao que tudo indica, mais uma indicação, como Vélez, de Olavo de Carvalho, intelectual tido como o guru ideológico da gestão Bolsonaro.

Com a experiência da atuação de décadas no mercado financeiro, o novo titular do MEC

foi deslocado do posto de número 2 da Casa Civil, sob o comando do demista Onyx Lorenzoni, após integrar a equipe de transição para o novo governo. A primeira missão do ministro não será fácil: pacificar um ministério cercado por arengas pelo poder. As informações iniciais apontam que a realocação dos olavistas demitidos por Ricardo Vélez seria uma das suas primeiras tarefas. Se concretizada a reincorporação, o MEC pode continuar palco de assuntos que pouco ou nada têm a ver com os imensos problemas da educação brasileira. Perdendo mais tempo que não poderia mais ser pedido.

Seguir tratando a educação como agenda ideológica é continuar apostando alto no risco de paralisia. É insistir no erro de ir na mesma direção de Vélez Rodriguez, minimizando as grandes demandas em detrimento da construção de trincheiras para o mero combate político. Melhor é acreditar que o novo ministro aproveite o marco dos 100 dias de Bolsonaro, anunciando um recomeço de fato para o MEC. A rápida erosão do capital eleitoral aconselharia esse recomeço. O investimento correto na educação, através de políticas voltadas para a melhoria da qualidade do ensino e do aprendizado, desde os primeiros anos de escola, teria muito a acrescentar à imagem de um governo que, até o momento, não acertou o passo em diversas frentes – inclusive a articulação necessária ao apoio das medidas do Executivo no Congresso.

Como responsável pela elaboração de parte do plano de governo de Bolsonaro, o novo olavista da Educação chega ao MEC não para começar do zero, mas com o propósito de retomar o fio da meada do guru. Pela importância estratégica da educação para o País, o ideal é um recomeço sem reprises do caos visto no MEC nesses três meses.

topo ↕

JORNAL DE BRASÍLIA - DF - ESPLANADA MEC

A nomeação do economista Abraham Weintraub para o comando do Ministério da Educação não agradou setores da ala militar do Governo que tentavam, até ontem, emplacar o substituto de Vélez Rodrigues.

topo ↕

O POVO - CE - BRASIL

Deputado quer convocar novo ministro

Deputado federal pelo PDT do Ceará, o ex-secretário da Educação do Estado Idilvan Alencar quer convocar o novo titular do Ministério da Educação (MEC) a apresentar um plano de trabalho na Câmara.

A intenção, conta Alencar, é que Abraham Weintraub, anunciado ontem pelo presidente Jair Bolsonaro como substituto de Ricardo Vélez na pasta, apresente um conjunto de metas e ideias para a educação brasileira.

"Estou entrando amanhã (hoje) com requerimento para convocar o novo ministro da Educação", afirmou o parlamentar. "Estamos com 100 dias de governo e não temos ação nem projeto do MEC, apenas demissões e pronunciamentos."

Ex-presidente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Alencar cita ainda que pretende questionar o novo ministro, caso o requerimento seja aprovado, na Comissão de Educação da Casa.

Um dos integrantes do colegiado, o pedetista antecipa as principais questões que deve

lançar a Weintraub. "Quero saber o que ele pensa sobre educação em tempo integral, na qual o Ceará tem bons resultados, e também sobre o novo Fundeb, que acaba ano que vem", detalha.

Além disso, o deputado vai abordar aspectos da reforma da Previdência que afetam os profissionais da educação. "Quero saber se ele concorda que professoras tenham que trabalhar mais 15 anos para se aposentar", projeta.

Segundo Idilvan, a gestão de Ricardo Vélez Rodríguez deixa um passivo difícil de superar. "Foram 100 dias sem rumo, e isso dificulta o trabalho do sucessor."

Para Alencar, no entanto, é preciso esperar a formação da equipe do novo ministro antes de afirmar se a crise na pasta permanece ou se será dissipada após a alteração no comando.

"Só depois é que vamos saber se ele vai formar uma equipe técnica ou se vai continuar nessa briga de olavetes e militares", diz, referindo-se às brigas constantes entre os dois grupos que se enfrentam pelo controle do MEC.

Alencar garante que o próprio ministério "tem bons quadros" com os quais Weintraub poderia trabalhar. O deputado avalia que o fato de que "o novo ministro não conhece a área não coloca tudo em risco". E acrescenta: "Pior não tem como ficar". (Henrique Araújo)

topo 

BEM PARANÁ - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças

SÃO PAULO, SP (FOLHAPRESS) - Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de "refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área".

Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a

Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias.

Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em "outras informações relevantes", o novo chefe do MEC diz: "uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto".

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem.

Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles.

Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de

sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: "acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal".

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer "briguinhas de casal" tinha "conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual".

Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando "a entender que ele teria cometido crimes graves".

Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

CLIC RBS - TEMPO REAL

**Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças
Abraham Weintraub tem quatro artigos publicados em periódicos científicos,
todos em revistas de baixo prestígio**

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos — todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da Coordenadoria de Administração de Pessoal (Capes), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a Capes, a classificação é feita com a finalidade de "refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área".

Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação. Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de

um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em Ciências Econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias.

Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em "outras informações relevantes", o novo chefe do MEC diz: "uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto".

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem.

Desavenças com alunos

Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles. Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5 mil por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: "acredito que muitas outras (pessoas) não têm nenhum interesse em briguinhas de casal".

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer "briguinhas de casal" tinha "conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual".

Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando "a entender que ele teria cometido crimes graves".

Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

INDÚSTRIA E COMÉRCIO - PR - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de "refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área".

Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista

brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias.

Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em “outras informações relevantes”, o novo chefe do MEC diz: “uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto”.

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem.

Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles.

Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: “acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal”.

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer “briguinhas de casal” tinha “conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual”.

Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando “a entender que ele teria cometido crimes graves”.

Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

JORNAL DIA A DIA - TEMPO REAL

Reitor do Mackenzie se encontra com conselheiros da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE), em Brasília Na reunião, Benedito Aguiar Neto entrega propostas para melhorias na educação brasileira

No dia 3 de abril, Benedito Guimarães Aguiar Neto, reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), e presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) participou de uma reunião com os conselheiros da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE), em Brasília (DF), a convite do presidente da Câmara, Antônio de Araújo Freitas Júnior, para conversas sobre o futuro e desafios da universidade brasileira.

O reitor apresentou uma visão panorâmica da preocupante situação da educação básica e superior no país e entregou proposta para melhoria da educação brasileira, baseada em documento já entregue ao MEC pelo CRUB.

O documento engloba a revisão dos propósitos do ENADE, corrigindo o protagonismo adquirido na avaliação do Instituto de Ensino Superior (IES); resgate da autonomia diante dos Conselhos de Classe na regulação do ensino superior; revisão da resolução CNE 01/2018 que permite a oferta de cursos de Pós-graduação Lato Sensu por instituições que não sejam de Ensino Superior e defesa da criação de programa de valorização dos cursos de licenciatura. Foi também reforçada a importância de construção de um modelo semelhante ao FIES para as licenciaturas no setor privado.

Sobre o Mackenzie

A Universidade Presbiteriana Mackenzie está entre as 100 melhores instituições de ensino da América Latina, segunda a pesquisa QS Quacquarelli Symonds University Rankings, uma organização internacional de pesquisa educacional, que avalia o desempenho de instituições de ensino médio, superior e pós-graduação.

Sobre o CRUB

O CRUB é uma entidade sem fins lucrativos, criada há 52 anos para refletir estrategicamente sobre o sistema universitário, propondo medidas para seu pleno desenvolvimento e acesso à educação em todos os níveis. Defende a manutenção integral, na Lei Orçamentária Anual para 2019, das verbas referentes à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**.

Mais informações

Assessoria de Imprensa Universidade Presbiteriana Mackenzie
imprensa@mackenzie.br

topo ↕

MIX VALE - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças

SÃO PAULO, SP (FOLHAPRESS) – Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de “refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área”.

Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias.

Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em “outras informações relevantes”, o novo chefe do MEC diz: “uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto”.

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem.

Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles.

Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: “acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal”.

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer “briguinhas de casal” tinha “conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual”.

Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando “a entender que ele teria cometido crimes graves”.

Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

PORTAL DO HOLANDA - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças

SÃO PAULO, SP (FOLHAPRESS) - Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenação de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de "refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área".

Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social

que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias.

Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em "outras informações relevantes", o novo chefe do MEC diz: "uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto".

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem.

Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles.

Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: "acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal".

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer "briguinhas de casal" tinha

"conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual".

Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando "a entender que ele teria cometido crimes graves".

Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo 

PORTAL ÉPOCA - TEMPO REAL

Com novo ministro, guerra de olavetes e militares deve continuar no MEC Ligado à ala ideológica do governo, Weintraub pode rifar militares que controlavam espaços de poder no ministério

A chegada do economista Abraham Weintraub ao Ministério da Educação (MEC), rachado por disputas de poder, sinaliza uma vitória — ao menos momentânea — do grupo "ideológico" da pasta. É o núcleo do qual fazem parte seguidores do ideólogo da direita Olavo de Carvalho, autodenominados de "olavetes", que ganharam assento e influência na estrutura da Educação do país.

A avaliação nos bastidores do governo é de que sai perdendo a chamada ala "militar", que se aliou em dado momento aos "técnicos" para afastar a influência dos "ideológicos olavetes" do MEC. O plano, tocado com o aval do agora demitido Ricardo Vélez Rodríguez, não deu certo. A última cartada dos militares foi a nomeação, chancelada pelo presidente Jair Bolsonaro há apenas dez dias, do tenente-brigadeiro Ricardo Machado Vieira para secretário-executivo da pasta.

Com a chegada de Weintraub, que entra com a bênção de Olavo de Carvalho e carta branca para montar sua equipe, Machado não sabe nem se esquentará a cadeira. Ele é ligado ao ministro da Secretaria de Governo, Santos Cruz, que é general da cúpula militar do governo e se tornou alvo do escritor recentemente. Olavo tem desferido ofensas a Santos Cruz nas redes sociais, após o ministro ter feito críticas na imprensa ao "linguajar chulo" e "desequilíbrio evidente" do escritor.

Outro na berlinda é o coronel Marcelo Mendonça, assessor parlamentar do MEC. Ele se aproximou de Vélez após o então ministro ser obrigado por Bolsonaro a demitir um de seus auxiliares mais próximos, o coronel-aviador Ricardo Roquetti. O militar está entre

as demissões da pasta no último mês. Ele foi exonerado por pressão de Olavo e seguidores, que o acusavam de tramar a retirada do grupo dos cargos estratégicos do MEC. Agora, os "olavetes" comemoram a chegada de Weintraub e acalentam a pretensão de voltar aos quadros da pasta.

Assim como Vélez, Weintraub tem entre seus inimigos o "marxismo cultural" nas universidades e os "comunistas", mas com muito mais energia do que o antecessor. A retórica violenta, irônica e performática contra a esquerda encanta o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), que chancelou a indicação do economista ao pai, o presidente Jair Bolsonaro.

Weintraub também foi recomendado pelo ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, admirador de primeira hora do economista, que desde 2017 passou a auxiliar o núcleo bolsonarista com análises sobre a Previdência. Não à toa, Weintraub era secretário-executivo da Casa Civil, ou seja, o número 2 de Onyx Lorenzoni.

Nomes defendidos pelos militares e por parte dos evangélicos aliados de Bolsonaro, como o de **Anderson Correia**, atual presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, foram rifados. Sugestões do mundo político, como o senador Izalci Lucas (PSDB-DF), também acabaram descartadas por Bolsonaro.

A escolha de Weintraub — que tem currículo como economista, tanto na iniciativa privada quanto como professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) — foi uma tentativa de melhorar a gestão do MEC sem perder o viés ideológico de vista. A grande preocupação entre educadores, analistas e os próprios militares do governo é de que o foco permaneça em questões secundárias, como o combate à chamada "ideologia de gênero", deixando de lado os verdadeiros problemas do país, como baixa aprendizagem, evasão escolar e qualificação dos professores.

topo ↕

PORTAL O DIA - TEMPO REAL

**Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças
A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica.**

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos - todos em revistas de baixo prestígio. Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1. Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de "refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área". Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista

brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil). Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora. Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias. Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em "outras informações relevantes", o novo chefe do MEC diz: "uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto". Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a conclusão desta reportagem. Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles.

Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL. No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais. Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: "acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal". Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer "briguinhas de casal" tinha "conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual". Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de de

transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando "a entender que ele teria cometido crimes graves". Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

REVISTA GESTÃO UNIVERSITÁRIA - TEMPO REAL

Pró-Reitores do Centro-Oeste se reúnem para debater a pós-graduação

Nos dias 10 e 11 de abril acontece a reunião do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (Foprop) do Centro-Oeste. Sônia Bão e Connie McMannus, diretoras das áreas de Avaliação e Relações Internacionais, respectivamente, participarão do encontro. Este ano, a Universidade de Brasília (UnB) vai sediar a reunião.

No primeiro dia, serão apresentados dados da pós-graduação na região e as mudanças na avaliação e propostas de novos cursos. Uma das palestras vai tratar do planejamento estratégico das pós-graduações nas instituições e as ações da Diretoria de Relações Internacionais da **CAPES**.

Na quinta-feira, os participantes vão planejar o Workshop de Pesquisa da Região Centro-Oeste, que deve ocorrer em setembro.

Criado há 33 anos, o Foprop é composto por representantes de 248 instituições de ensino e de pesquisa associadas. O Fórum tem, entre outras ações, a missão de propor às agências de fomento nacionais, regionais e estaduais a adoção de políticas de pesquisa, inovação e pós-graduação no País, além de colaborar com as associações de dirigentes universitários e outras entidades com foco no desenvolvimento do setor.

(Brasília – CCS/CAPES) - 08.04.2019

topo ↕

AGÊNCIA ESTADO - TEMPO REAL

O MEC é o retrato do Governo

A falta de articulação e outras mazelas do atual Governo são notórias, mas nada chega perto do Ministério da Educação.

Ninguém discute, o Governo Federal brasileiro não precisa de inimigos. É suficientemente competente para se complicar sozinho. O bate cabeças apavora. A cada cinco minutos surge algo novo e complicado no cenário.

A exceção é o Ministro da Economia, que vai fazendo mágica para tocar o barco e manter a credibilidade nacional.

Tenho que dizer que eu votei no Presidente Bolsonaro. Nunca tive grandes esperanças, mas tirar o PT fazia sentido. Só não imaginava um quadro como o atual.

A capacidade de desarticulação é tão grande que o guru, o filósofo da Virginia – de quem eu nunca ouvi falar até o Presidente tomar posse – tem uma rede na internet para atacar os aliados que ele imagina que não são tão aliados assim, incluído o próprio Presidente da República, que, teoricamente, seria o chefe.

Além dele, os filhos do Presidente deixam as comédias onde os filhos atrapalham os negócios do pai no chinelo. No Brasil, a vida é muito mais competente do que a arte.

A falta de articulação se espalha em declarações e atos inusitados, como atacar o Presidente da Câmara, que é aliado do Governo na reforma da previdência, mas nada chega perto do Ministério da Educação.

Lá já aconteceu de tudo, a começar pela nomeação de um Ministro que, se era considerado competente, a realidade se encarregou de modificar a avaliação.

Daí para frente o céu é o limite e os despautérios se sucedem numa velocidade impressionante. Em algum momento vai explodir, mas, enquanto não explode, o mundo ri das nossas mazelas. É a forma dos países ricos se esquecerem do que acontece na casa deles.

topo ↕

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

MEC não repassou R\$ 3 bilhões em recursos do Fies a instituições de ensino superior

Renovação e validação de novos contratos do programa de financiamento estudantil apresentam problemas por causa do sistema, diz ministério

SÃO PAULO — Cerca de 1.300 entidades de ensino superior que têm alunos beneficiados pelo Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), um dos principais programas do Ministério da Educação, ainda não receberam nenhum repasse de recursos neste ano.

A informação é do diretor-executivo do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (Semesp), que calcula que R\$ 3 bilhões estão em atraso, em todo o país.

— Há 1 milhão de contratos do Fies que ainda não foram renovados. A instituição de ensino abre o processo pelo sistema do MEC para que fique comprovado que o aluno existe. O estudante valida o processo, mas a instituição não recebe o retorno de finalização do sistema. Sem a finalização, não há o repasse dos recursos — disse ao GLOBO Rodrigo Capelato, diretor-executivo do Semesp.

Como a mensalidade dos contratos do Fies fica em R\$ 1 mil, na média, as instituições de ensino que fazem parte do programa recebem R\$ 1 bilhão por mês.

Sem receber há três meses, o total atrasado soma R\$ 3 bilhões, calcula Capelato. Ele afirma que a regularização desses repasses é um dos primeiros desafios do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub.

Segundo Capelato, os contratos novos do Fies também estão na mesma situação. Foram oferecidos pelo governo 100 mil novos financiamentos do programa, mas apenas 65 mil

foram preenchidos.

— Os alunos também não conseguem finalizar no sistema. Mas as escolas já matricularam esses estudantes e isso gera muita insegurança. É o reflexo da falta de gestão que há no ministério. Estamos em abril e não é possível que não tenha alguém na pasta cuidando de um problema no sistema de um dos principais programas de financiamento do MEC — disse Capelato.

Em comunicado enviado às entidades mantenedoras de ensino superior, a Caixa Econômica Federal, que faz o repasse dos recursos, informou que o sistema do Fies continua apresentando inconsistência nas opções de Aditamento de Renovação e Transferência.

O Ministério da Educação também informa ao Semesp que se trata de um problema de sistema.

Procurado pelo GLOBO, o MEC não informou a razão dos atrasos e pediu que as informações sobre o aditamento (renovação) de contratos fossem procuradas junto ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

O FNDE afirmou que cerca de 625 mil contratos antigos, formalizados até 31 de dezembro de 2017, deverão ser renovados neste primeiro semestre de 2019.

O prazo para realização desses aditamentos teve início em 9 de janeiro e se estenderá até o próximo dia 30 de abril, não tendo ocorrido nenhuma interrupção nesse período.

Do total de aditamentos previstos, mais de 45% já foram contratados ou validados pelas instituições de ensino para formalização junto ao agente financeiro.

"Os repasses correspondentes aos aditamentos já realizados, condição essencial para o pagamento dos encargos educacionais financiados, estão sendo realizados rigorosamente de acordo com o cronograma estabelecido para 2019, sem qualquer atraso", informou o FNDE, em nota.

O restante dos aditamentos previstos aguarda a solicitação por parte da instituição de ensino (29%) ou a validação pelo estudante (26%) para posterior contratação no agente financeiro.

topo 

CORREIO WEB - TEMPO REAL

Escolha de Abraham Weintraub para o MEC fortalece Onyx Lorenzoni Secretário executivo da Casa Civil foi a saída de última hora, na tentativa de evitar mais problemas na pasta

A indicação de Abraham Weintraub para substituir Ricardo Vélez Rodríguez no Ministério da Educação foi a "solução caseira" encontrada pela equipe do presidente Jair Bolsonaro para resolver uma disputa interna e fortalece o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Secretário executivo da Casa Civil, Weintraub não havia sido lembrado até então para ocupar a cadeira com mais polêmicas no governo, mas foi a saída de última hora, na tentativa de evitar mais problemas.

Em dois encontros de auxiliares com Bolsonaro, no fim de semana, a meta era achar um

perfil de ministro que também ajudasse na articulação da reforma da Previdência no Congresso. Conselheiros do presidente sugeriam um político para o cargo. Nesse arranjo, a secretaria executiva do MEC ficaria sob a responsabilidade de alguém com mais capacidade de gestão.

Uma das possibilidades aventadas era fazer uma dobradinha entre o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e Ivan Camargo, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB). Outro nome mencionado era o do deputado João Roma (PRB-BA). Havia, porém, outros citados, como os generais Oswaldo Ferreira e Alessio Ribeiro Souto. Bolsonaro parecia mais inclinado por Camargo.

A surpresa veio mais tarde, quando ele anunciou a decisão de entregar a pasta, mais uma vez, para aliados do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo. Passaram a ser cotados para ministro, então, o secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, e o ex-secretário executivo adjunto Eduardo Melo.

Saída ideal

Diante desse quadro, Onyx sugeriu Weintraub. Era, na definição do chefe da Casa Civil, a saída ideal: um técnico ligado a Olavo, mas que também tinha a confiança do Planalto. A reportagem apurou que já é dada como certa a retirada dos militares do MEC.

Com dificuldades para demitir, Bolsonaro chegou a pedir desculpas a Vézex, nessa segunda-feira (8/4), na última conversa. A interlocutores, definiu a situação como constrangedora, mas afirmou que o MEC não poderia continuar sangrando.

Perfil

Economista, Weintraub foi levado para a campanha de Bolsonaro por Onyx, que o conheceu no Congresso em um seminário sobre Previdência, em 2017. Entusiasmado com suas propostas e com as de Arthur, seu inseparável irmão, o então deputado do DEM os convenceu a dar uma espécie de "consultoria" ao colega de Câmara.

"Eu me lembro do dia no qual nós desejávamos que ele (Bolsonaro) compreendesse o quanto era importante a independência do Banco Central para dar solidez à economia. Ele foi falar 20 minutos com um tal professor paulista da Unifesp (Weintraub). Ficou duas horas. Era contra e saiu a favor. A partir daí, fizemos o plano de governo", contou Onyx nesta segunda.

Em 2018, os irmãos acompanharam o pré-candidato na viagem ao Japão e à Coreia do Sul. Questionado no ano passado, sobre a decisão de apoiar Bolsonaro, Weintraub falou sobre patriotismo. "Diante de ameaças é necessário lutar pelo país em que se vive. Os venezuelanos descobriram isso muito tarde. Perderam o controle de sua Pátria e hoje são colônia dos ditadores que controlam Cuba. São escravos", escreveu. Na entrevista, por e-mail, rechaçou a pecha de direitista. "Esquerda ou direita, acho que é uma rotulação pobre. Somos humanistas, democratas, liberais, lemos a Bíblia (Velho e Novo Testamento) e a temos como referência." As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Novo ministro da Educação toma posse nesta terça e já participa da primeira reunião ministerial

Abraham Weintraub foi nomeado para o comando do Ministério da Educação nesta segunda (8). Ele substituiu Ricardo Vélez, que deixou a pasta após se envolver em uma série de polêmicas.

Por G1 — Brasília

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, toma posse no primeiro escalão na tarde desta terça-feira (9), às 14h, em uma cerimônia que contará com a presença do presidente Jair Bolsonaro. Logo após a solenidade, às 14h30, o novo titular do Ministério da Educação (MEC) participa da primeira reunião do Conselho de Governo, que reúne todos os ministros da gestão Bolsonaro.

Economista, Abraham Weintraub foi nomeado ministro da Educação nesta segunda-feira (8) em uma edição extraordinária do "Diário Oficial da União". Ele substituirá o professor Ricardo Vélez Rodríguez na chefia do MEC.

Colombiano naturalizado brasileiro, Vélez protagonizou uma série de polêmicas ao longo dos três meses que comandou o Ministério da Educação.

Relembre as polêmicas de Vélez no MEC

Ele foi demitido nesta segunda por Bolsonaro após passar o final de semana demissionário, após o presidente da República ter anunciado na última sexta (5) que no início desta semana seria o dia do "fico ou não fico".

Abraham Weintraub já trabalhava no governo Bolsonaro como secretário-executivo da Casa Civil, segundo cargo mais importante da pasta alocada no Palácio do Planalto.

O novo titular do MEC atuou na equipe do governo de transição. Junto com o irmão, Arthur Weintraub, foi responsável pela área de Previdência no período. Os dois foram indicados a Bolsonaro pelo ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni.

O chefe da Casa Civil conheceu os irmãos Weintraub em um seminário internacional sobre Previdência realizado, em 2017, no Congresso Nacional.

Abraham Weintraub é formado em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (1994) e mestre em administração na área de finanças pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Ele é professor licenciado da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e atuou no mercado financeiro por mais de 20 anos. Na iniciativa privada, trabalhou no Banco Votorantim por 18 anos, onde foi economista-chefe e diretor, e foi sócio na Quest Investimentos.

[topo](#)

G1 - TEMPO REAL

Amapá teve redução de 13,7% no número de escolas com EJA na última década. Dados do Inep apontam perda na etapa de ensino fundamental, entre 2009 e 2018.

O número de escolas que ofertam a modalidade de ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Amapá sofreu uma redução de 13,7% entre 2009 e 2018, segundo o último Censo divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), do Ministério da Educação (MEC).

Em uma década, o ensino no Brasil ganhou 12% a mais de escolas de educação básica, mas perdeu 34% das instituições que ofertavam EJA do ensino fundamental.

Os números fazem parte de um levantamento do G1, na série “Adultos sem diploma”, com base nas informações do Inep divulgadas em março.

O EJA é uma modalidade de ensino ofertada para pessoas com mais de 15 anos, que não concluíram a escolarização na idade esperada.

A redução na rede amapaense deixou o estado na quinta posição do ranking negativo entre os estados do Norte – encabeçando a lista está Rondônia, com -51,2%. No país, somente o Distrito Federal terminou a década com aumento no número de escolas com a oferta.

Especialistas ouvidos pelo G1 explicam que a queda na oferta não está apenas relacionada ao aumento da escolarização dos adultos, que provocaria menor demanda.

Em entrevista ao portal, a Secretária Municipal de Educação (Semed) de Macapá justifica que o índice negativo em 10 anos foi resultado de cortes na rede estadual. O coordenador do EJA na capital, Miguel Vitorino, afirma que o Município passou a ofertar mais vagas na rede.

“Essa diminuição ocorreu no Estado, devido justamente deixar de ofertar o primeiro segmento do ensino fundamental nas escolas estaduais. [...] Estamos buscando em todos os bairros onde não temos essa modalidade de ensino, estamos estruturando para que, a partir do próximo semestre ou do próximo ano, a gente possa garantir esse direito”, certificou Vitoriano.

O coordenador reforça que os alunos do EJA enfrentam muitas dificuldades para permanecerem na escola. Ele cita que o Município investe numa merenda mais reforçada e em atendimento com multiprofissionais para manter o estudante frequentando as aulas.

Dificuldades que o serralheiro Reginaldo Machado, de 41 anos, sabe bem quais são. Ele parou os estudos quando era jovem e voltou para a sala de aula 21 anos depois. Ele frequenta o ensino fundamental do EJA na Escola Municipal Prof^a Odete Almeida Lopes e está focado em terminar os estudos básicos, ensino médio e chegar até fazer um curso de nível superior.

“Para quem estava muito tempo parado, sem estudar, voltei legal. Pretendo continuar agora até terminar uma faculdade, se Deus quiser”, comentou Machado.

Atualmente a rede municipal atende cerca de 2 mil alunos e ainda há vagas abertas.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Professores de três universidades estaduais da Bahia iniciam greve por tempo indeterminado

Docentes pedem aumento de investimento nas instituições de ensino, reposição salarial, promoções, entre outros. Só na Uneb, cerca de 30 mil estudantes estão sem aulas.

Os professores da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) iniciaram na manhã desta terça-feira (9) uma greve por tempo indeterminado. Diante da suspensão das atividades, os estudantes estão sem aula nos campi das três instituições estaduais.

De acordo com as associações dos docentes das universidades, a paralisação foi aprovada em assembleia, realizada na última semana.

Os professores da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc) não participa do ato, mas estão em estado de greve e podem deflagrar a paralisação ainda nesta semana. O G1 entrou em contato com o governo do estado e aguarda posicionamento.

Os professores pedem aumento de investimento nas instituições de ensino, reposição salarial, promoções, entre outros. [Confira abaixo as reivindicações detalhadas]

Após anúncio da greve dos professores, o governo do estado informou que o governador Rui Costa determinou a liberação de R\$ 36 milhões para investimento nas quatro universidades estaduais baianas. O anúncio foi feito durante reunião na segunda-feira (8), em Salvador, com os reitores das instituições de ensino.

O governo informou ainda que Rui Costa apresentou um levantamento feito pela Secretaria da Administração do Estado (Saeb), que mostra um aumento de 19,35%, nos últimos quatro anos, na folha de pagamento dos servidores dessas instituições e que o estado está no limite da capacidade financeira para remuneração de pessoal, não podendo desprezar a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF).

Na reunião com os reitores, Rui também anunciou que publicará projeto de lei redistribuindo 68 vagas do quadro do magistério da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), o que pode resultar na promoção de até 151 professores. Entretanto, não há informações sobre possíveis promoções nas demais universidades.

Apesar da greve dos professores, 30% dos serviços estão mantidos nas três universidades, como núcleos de pesquisa, por exemplo. De acordo com a Associação dos Docentes da Uneb (Aduneb), só a Uneb possui cerca de 25 mil estudantes presenciais e mais de cinco mil no sistema de ensino à distância. Ainda de acordo com a Aduneb, são 24 campi da Uneb em toda a Bahia que contam com 2.400 professores e 1.500 técnicos.

O campus da Uefs fica em Feira de Santana e a Uesb possui campi nas cidades de Jequié, Itapetinga e Vitória da Conquista.

Confira as reivindicações dos professores:

Destinação de, no mínimo, 7% da Receita Líquida de Impostos (RLI) do Estado da Bahia para o orçamento anual das universidades estaduais. Atualmente, esse índice é de aproximadamente 5%, segundo categoria;

Reposição integral da inflação do período de 2015 a 2017, em uma única parcela, com índice igual ou superior ao IPCA;

Reajuste de 5,5% ao ano no salário base dos docentes para garantir a política de recuperação salarial, referente aos anos de 2015, 2016 e 2017;

Cumprimento dos direitos trabalhistas, a exemplo das promoções na carreira,

progressões e mudança de regime de trabalho. Atualmente, conforme categoria, só na Uneb, mais de 400 professores possuem seus direitos à promoção negados pelo Estado; Ampliação e desvinculação de vaga/classe do quadro de cargos de provimento permanente do Magistério Público das Universidades do Estado da Bahia.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Vélez cai e economista assume o MEC; Viúva afirma que militares atiraram apesar de apelos. Jornais de terça (9)

A decisão do presidente Jair Bolsonaro de retirar Ricardo Vélez do comando do Ministério da Educação e escolher o economista Abraham Weintraub para o cargo repercutem nos principais jornais brasileiros. O Globo informa que o novo ministro é especialista em Previdência e que seus comentários recentes ligados à educação tinham como alvo críticas ao que ele chamou de "marxismo cultural".

Em entrevista à rádio Jovem Pan após a demissão de Ricardo Vélez, o presidente Bolsonaro afirmou que não podia deixar o MEC "sangrando", fez elogios ao ex-ministro, mas enfatizou que ele não conseguiu fazer a gestão da pasta. "É uma pessoa simpática, amável é competente, mas a questão da gestão deixou a desejar", disse Bolsonaro.

Após o anúncio da decisão, Vélez usou sua rede social para deixar uma mensagem de sucesso ao novo ministro. "Confio em sua decisão e me despeço desejando ao professor Abraham Weintraub sucesso no cumprimento de sua missão", escreveu Vélez. "Bolsonaro demite Vélez do MEC e escala economista", destaca a manchete do Globo.

A Folha de S.Paulo dá ênfase ao fato de que Abraham Weintraub não tem experiência na área da educação e atuava no governo como o número dois do ministro Onyx Lorenzoni na Casa Civil. Segundo o matutino, Abraham é economista, mestre em administração e professor da Universidade de São Paulo. A falta de experiência do novo ministro preocupa especialistas, que temem que os projetos permaneçam parados e que as disputas dentro da pasta continuem.

A Folha ressalta que Abraham não faz parte de nenhum grupo, mas tem pensamento alinhado ao de Olavo de Carvalho e é próximo do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP). O matutino lembra que o MEC esteve em uma disputa interna entre os grupos de seguidores de Olavo e outras alas dentro da pasta, como os militares. "Vélez cai, e Bolsonaro anuncia Abraham Weintraub no MEC", sublinha o título principal da Folha.

O Estado de S.Paulo dá destaque à entrevista concedida pelo novo ministro ao matutino: "minha missão é cumprir o que foi escrito no programa de governo de forma serena, tranquila e eficiente, de forma a gerar bem-estar ao cidadão", enfatizou Abraham Weintraub. O Estadão também mostra que educadores estão preocupados com o andamento dos trabalhos do MEC. A pasta, que possui orçamento de R\$ 130 bilhões, está praticamente parada desde o início da gestão Bolsonaro.

A presidente do movimento Todos Pela Educação, Priscila Cruz, diz que havia a expectativa de que o governo indicasse alguém com experiência para o cargo "depois de quase 100 dias de um MEC inoperante". "Bolsonaro demite Vélez e põe economista no MEC", aponta o título principal do Estadão.

Na sua primeira página, O Globo repercute o fuzilamento de um carro no Rio de Janeiro que terminou com uma pessoa morta após disparos realizados por um grupo de militares. O matutino carioca ressalta que a tropa disparou pelo menos 80 tiros de fuzil contra o Ford Ka onde estavam o músico Evaldo Rosa – atingido e morto por tiros – e outras duas pessoas.

A viúva de Evaldo Rosa, Luciana Nogueira, afirmou que os militares não pararam de atirar mesmo após o pedido de ajuda. Para a Polícia Civil, o grupo do Exército confundiu o carro de Evaldo com um veículo que teria sido roubado mais cedo. Depois de afirmar que os militares tinham reagido a uma “injusta agressão” de criminosos dentro de um carro, o Exército decidiu prender os dez envolvidos no fuzilamento por “inconsistência nos fatos reportados”.

Também na página principal, o jornal relata o caos que atingiu ruas do Rio de Janeiro com a forte tempestade desta segunda-feira (8). De acordo com o matutino, a chuva matou um homem na Rua Marquês de São Vicente, na Gávea, deixou pessoas ilhadas, arrastou veículos, interditando avenidas importantes da capital.

No fim do dia, a prefeitura do Rio decretou estágio de atenção e muitos motoristas, sem saber o que fazer diante da tempestade, abandonaram seus carros nas ruas para fugir da enxurrada. Dados da Defesa Civil mostram que 34 sirenes dispararam em comunidades do Rio para alertar moradores de áreas de risco.

topo 

GAZETA DE VOTORANTIM - TEMPO REAL

Uniso recebe aprovação para o Doutorado Profissional

A Uniso obteve a aprovação para a implantação do Doutorado Profissional em Processos Tecnológicos e Ambientais, o único da Região e um dos primeiros do País autorizados na área interdisciplinar, o que coloca o Curso entre os melhores.

O relatório referente à aprovação do Doutorado Profissional foi publicado na sexta-feira (5/4), pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, órgão responsável pela avaliação das propostas de implantação de cursos de Pós-Graduação.

O professor Daniel Bertoli Gonçalves, Coordenador do Programa, comenta que os avaliadores destacaram a produtividade científica dos docentes e mestrandos, uma das mais altas do País.

Ele lembra que o curso de Mestrado Profissional também se destaca com a nota 4 alcançada em apenas três anos de funcionamento. A maior parte dos cursos recebeu nota 3, conferida aos programas em fase de consolidação.

Com 32 mestres formados, 34 mestrandos e 13 professores, o Programa tem área de concentração em "Inovação, Tecnologia e Ambiente" e três linhas de pesquisa: "Processamento e caracterização de materiais e produtos", "Desenvolvimento e controle de processos produtivos" e "Processos Ambientais", que são subsidiados por três grupos de pesquisa.

A partir de uma abordagem interdisciplinar gerada pela convergência das áreas de exatas, biológicas, ensino e saúde, o Programa está totalmente dedicado à resolução dos

desafios tecnológicos, produtivos e ambientais, especialmente da Região de Sorocaba.

Conforme explica o professor Daniel Bertoli, o foco principal é formar pesquisadores profissionais para atuarem em setores de Pesquisa & Desenvolvimento das empresas, uma carência dos diversos setores da economia regional. “Grande parte das empresas da Região não trabalham no desenvolvimento de produtos, tecnologias ou processos, por falta de conhecimento, know-how e mão de obra especializada”, comenta. Apesar do formato profissionalizante, os cursos possuem a mesma rigorosidade de um mestrado ou doutorado acadêmico. A criação do curso passa pela avaliação criteriosa da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, que desde o ano passado, tornou mais rígidas as regras para criação e avaliação da pós-graduação stricto sensu. Para a aprovação, são analisadas as condições de infraestrutura, a qualidade do corpo docente e a relevância da produção científica, dentre outros critérios.

A primeira turma do Doutorado Profissional deverá começar no segundo semestre de 2019, com inscrições para o processo seletivo a partir de maio. Informações sobre o Programa: <http://pta.uniso.br/>.

Programas de Pós-Graduação

Com essas aprovações, a Uniso passa a oferecer formação completa nos quatro Programas de Pós-Graduação stricto sensu: Mestrado e Doutorado em Comunicação e Cultura, Mestrado e Doutorado em Ciências Farmacêuticas, Mestrado e Doutorado em Educação, e o Mestrado e Doutorado Profissional em Processos Tecnológicos e Ambientais, todos reconhecidos pelo MEC. Conheça os programas: <http://posgraduacao.uniso.br/mestrado-e-doutorado>.

Nota máxima no MEC

A qualidade da Pós-Graduação e da Pesquisa está entre as dimensões que garantiram à Uniso a nota máxima atribuída pelo MEC na avaliação de recredenciamento institucional no sistema de Ensino Superior, realizada em setembro de 2018.

A Uniso recebeu a nota 5 e se tornou a única universidade da Região com a nota máxima, incluindo as públicas. Esse conceito distingue a instituição não apenas em nível regional: No Estado de São Paulo, ela está entre as cinco universidades que possuem essa nota, dentre 38 instituições privadas, comunitárias e públicas. Em âmbito nacional, a Uniso passa a figurar entre as 22 universidades com conceito máximo, de um total de 201.

Para ampliar a divulgação dos projetos científicos da Universidade também foi criado, há um ano, o projeto Uniso Ciência, que possui um jornal no formato tabloide, de periodicidade trimestral, um blog e a revista semestral bilíngue Science@Uniso, que teve a sua segunda edição lançada no dia 10 de dezembro. Confira as publicações: em: <http://uniso.br/unisociencia>.

Assessoria de imprensa

topo ↕

METRÓPOLES - TEMPO REAL
Escolha para o MEC fortalece Onyx

Ministro da Casa Civil indicou Abraham Weintraub como “solução” na pasta; nome é ligado a Olavo de Carvalho e tem trânsito no Planalto

A indicação de Abraham Weintraub para substituir Ricardo Vélez Rodríguez no Ministério da Educação foi a “solução caseira” encontrada pela equipe do presidente Jair Bolsonaro para resolver uma disputa interna e fortalece o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Secretário executivo da Casa Civil, Weintraub não havia sido lembrado até então para ocupar a cadeira com mais polêmicas no governo, mas foi a saída de última hora, na tentativa de evitar mais problemas.

Em dois encontros de auxiliares com Bolsonaro, no fim de semana, a meta era achar um perfil de ministro que também ajudasse na articulação da reforma da Previdência no Congresso. Conselheiros do presidente sugeriam um político para o cargo. Nesse arranjo, a secretaria executiva do MEC ficaria sob a responsabilidade de alguém com mais capacidade de gestão.

Uma das possibilidades aventadas era fazer uma dobradinha entre o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e Ivan Camargo, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB). Outro nome mencionado era o do deputado João Roma (PRB-BA). Havia, porém, outros citados, como os generais Oswaldo Ferreira e Alessio Ribeiro Souto. Bolsonaro parecia mais inclinado por Camargo.

A surpresa veio mais tarde, quando ele anunciou a decisão de entregar a pasta, mais uma vez, para aliados do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo. Passaram a ser cotados para ministro, então, o secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, e o ex-secretário executivo adjunto Eduardo Melo.

Diante desse quadro, Onyx sugeriu Weintraub. Era, na definição do chefe da Casa Civil, a saída ideal: um técnico ligado a Olavo, mas que também tinha a confiança do Planalto. A reportagem apurou que já é dada como certa a retirada dos militares do MEC.

Com dificuldades para demitir, Bolsonaro chegou a pedir desculpas a Vélez, nesta segunda-feira (8/4), na última conversa. A interlocutores, definiu a situação como constrangedora, mas afirmou que o MEC não poderia continuar sangrando.

Economista, Weintraub foi levado para a campanha de Bolsonaro por Onyx, que o conheceu no Congresso em um seminário sobre Previdência, em 2017. Entusiasmado com suas propostas e com as de Arthur, seu inseparável irmão, o então deputado do DEM os convenceu a dar uma espécie de “consultoria” ao colega de Câmara.

“Eu me lembro do dia no qual nós desejávamos que ele (Bolsonaro) compreendesse o quanto era importante a independência do Banco Central para dar solidez à economia. Ele foi falar 20 minutos com um tal professor paulista da Unifesp (Weintraub). Ficou duas horas. Era contra e saiu a favor. A partir daí, fizemos o plano de governo”, contou Onyx, nesta segunda.

Em 2018, os irmãos acompanharam o pré-candidato na viagem ao Japão e à Coreia do Sul. Questionado no ano passado sobre a decisão de apoiar Bolsonaro, Weintraub falou sobre patriotismo. “Diante de ameaças é necessário lutar pelo país em que se vive. Os venezuelanos descobriram isso muito tarde. Perderam o controle de sua Pátria e hoje são colônia dos ditadores que controlam Cuba. São escravos”, escreveu. Na entrevista, por

e-mail, rechaçou a pecha de direitista. “Esquerda ou direita, acho que é uma rotulação pobre. Somos humanistas, democratas, liberais, lemos a Bíblia (Velho e Novo Testamento) e a temos como referência.”

topo ↕

PORTAL EXAME - TEMPO REAL

Como Abraham Weintraub no MEC pode fortalecer Onyx e a Previdência Secretário executivo da Casa Civil, Weintraub não havia sido lembrado até então para ocupar a cadeira com mais polêmicas no governo

Brasília – A indicação de Abraham Weintraub para substituir Ricardo Vélez Rodríguez no Ministério da Educação foi a “solução caseira” encontrada pela equipe do presidente Jair Bolsonaro para resolver uma disputa interna e fortalece o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Secretário executivo da Casa Civil, Weintraub não havia sido lembrado até então para ocupar a cadeira com mais polêmicas no governo, mas foi a saída de última hora, na tentativa de evitar mais problemas.

Em dois encontros de auxiliares com Bolsonaro, no fim de semana, a meta era achar um perfil de ministro que também ajudasse na articulação da reforma da Previdência no Congresso. Conselheiros do presidente sugeriam um político para o cargo. Nesse arranjo, a secretaria executiva do MEC ficaria sob a responsabilidade de alguém com mais capacidade de gestão.

Uma das possibilidades aventadas era fazer uma dobradinha entre o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e Ivan Camargo, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB). Outro nome mencionado era o do deputado João Roma (PRB-BA). Havia, porém, outros citados, como os generais Oswaldo Ferreira e Alessio Ribeiro Souto. Bolsonaro parecia mais inclinado por Camargo.

A surpresa veio mais tarde, quando ele anunciou a decisão de entregar a pasta, mais uma vez, para aliados do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo. Passaram a ser cotados para ministro, então, o secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, e o ex-secretário executivo adjunto Eduardo Melo.

Diante desse quadro, Onyx sugeriu Weintraub. Era, na definição do chefe da Casa Civil, a saída ideal: um técnico ligado a Olavo, mas que também tinha a confiança do Planalto. A reportagem apurou que já é dada como certa a retirada dos militares do MEC.

Com dificuldades para demitir, Bolsonaro chegou a pedir desculpas a Vélez nesta segunda-feira, 8, na última conversa. A interlocutores, definiu a situação como constrangedora, mas afirmou que o MEC não poderia continuar sangrando.

Economista, Weintraub foi levado para a campanha de Bolsonaro por Onyx, que o conheceu no Congresso em um seminário sobre Previdência, em 2017. Entusiasmado com suas propostas e com as de Arthur, seu inseparável irmão, o então deputado do DEM os convenceu a dar uma espécie de “consultoria” ao colega de Câmara.

“Eu me lembro do dia no qual nós desejávamos que ele (Bolsonaro) compreendesse o quanto era importante a independência do Banco Central para dar solidez à economia. Ele foi falar 20 minutos com um tal professor paulista da Unifesp (Weintraub). Ficou duas horas. Era contra e saiu a favor. A partir daí, fizemos o plano de governo”, contou Onyx nesta segunda.

Em 2018, os irmãos acompanharam o pré-candidato na viagem ao Japão e à Coreia do Sul. Questionado no ano passado, sobre a decisão de apoiar Bolsonaro, Weintraub falou sobre patriotismo. “Diante de ameaças é necessário lutar pelo país em que se vive. Os venezuelanos descobriram isso muito tarde. Perderam o controle de sua Pátria e hoje são colônia dos ditadores que controlam Cuba. São escravos”, escreveu. Na entrevista, por e-mail, rechaçou a pecha de direitista. “Esquerda ou direita, acho que é uma rotulação pobre. Somos humanistas, democratas, liberais, lemos a Bíblia (Velho e Novo Testamento) e a temos como referência.”

topo ↕

PORTAL ISTOÉ - TEMPO REAL

Vélez não conseguiu organizar as coisas, diz Mourão

O vice-presidente da República, Hamilton Mourão, disse que a substituição de Ricardo Vélez foi necessária porque ele não conseguiu organizar o Ministério da Educação (MEC). O presidente Jair Bolsonaro dará posse ao economista Abraham Weintraub amanhã (9) à tarde, no comando do MEC.

“[Vélez] é uma pessoa bem-intencionada, com uma capacidade intelectual muito grande, mas acho que ele acabou não conseguindo organizar as coisas no ministério”, declarou o vice-presidente, em Washington, onde se reúne com o vice-presidente dos Estados Unidos, Mike Pence.

Estados Unidos

Sobre a reunião com Pence, Mourão disse que “primeiramente, vamos efetivamente nos apresentar. Porque, com isso, abrimos um canal de diálogo. A partir do momento em que você conhece uma pessoa é muito mais fácil conversar sobre o assunto que você deseja”.

Segundo ele, temas tratados por Bolsonaro e o presidente Donald Trump podem voltar à pauta, hoje.

“Talvez conversemos algo sobre espaço, já que estamos com este acordo de salvaguardas tecnológicas na Base de Alcântara, o que é uma janela de oportunidades muito boa para o Brasil”, disse Mourão.

O vice-presidente se referiu ao acordo para que os Estados Unidos utilizem o Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão. O acordo ainda precisa ser aprovado pelo Congresso.

Livros

Sobre a proposta do governo norte-americano de construir um muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México, Mourão lembrou que Bolsonaro já manifestou seu apoio à iniciativa. “Estou que nem um paraquedas com ele [Bolsonaro]. Estou com ele e não abro.”

Além do encontro com Pence, Mourão agendou reuniões com empresários, diplomatas e estudantes brasileiros que vivem nos Estados Unidos. Ontem (7), ele participou de uma conferência organizada por estudantes de Boston.

Passaram pelo mesmo evento, o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias

Toffoli, e o ministro Luís Roberto Barroso, a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, o ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, o presidente do BNDES, Joaquim Levy, entre outras autoridades.

No intervalo da agenda, o vice-presidente foi a uma livraria, onde adquiriu quatro livros. Um sobre o que classificou como “radicalismo que pode estar ocorrendo nos Estados Unidos”. Outro sobre a posição da Rússia em relação à Europa. Outros dois sobre a Segunda Guerra Mundial e sobre a Guerra da Coreia.

Questionado sobre sua percepção do momento pelo qual passa o Brasil, Mourão voltou a mencionar a situação política na Venezuela. “O Brasil vive um momento muito feliz na América Latina. Estamos muito bem posicionados e vemos uma proximidade muito grande com todos os nossos vizinhos, com exceção da Venezuela – onde a solução tem que ser dada pelos próprios venezuelanos. O auxílio que a comunidade internacional está prestando é a pressão política e econômica sobre o regime do presidente Maduro”, concluiu.

topo ↕

PORTAL ISTOÉ - TEMPO REAL

Pelo Twitter, Vélez agradece a Bolsonaro e deseja sorte ao sucessor no MEC

Pelo Twitter, o ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, agradeceu ao presidente Jair Bolsonaro e desejou sorte ao seu sucessor, Abraham Weintraub.

“Agradeço ao presidente, Jair Bolsonaro, a oportunidade de estar à frente do Ministério da Educação. Confio em sua decisão e me despeço desejando ao professor, Abraham Weintraub, sucesso no cumprimento de sua missão”, escreveu.

Vélez foi comunicado da decisão em reunião com Bolsonaro, pela manhã, no Palácio do Planalto. A decisão foi formalizada em edição extra do Diário Oficial da União (DOU). A posse de Abraham ocorrerá nesta terça-feira, 9, no Planalto, às 14h, antes da reunião do Conselho de Governo.

topo ↕

PORTAL VEJA - TEMPO REAL

Bolsolavismo vence outra vez

O presidente Jair Bolsonaro jamais decepciona seus devotos nem seus adversários. Os militares empregados no governo não podem ser confundidos com os devotos. E foram eles mais uma vez que perderam para a dupla formada por Bolsonaro e o autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho a disputa pela escolha do novo ministro da Educação.

Os militares apoiariam qualquer nome que não fosse o de um discípulo de Olavo. Querem distância do guru da família Bolsonaro. Ele os ataca com virulência nas redes sociais e tenta afastá-los do presidente da República. De resto, acham que Olavo faz mal ao governo com suas ideias delirantes e confusas. Pois bem: Olavo os derrotou novamente.

Foi do falso astrólogo travestido de filósofo a indicação para o Ministério da Educação do professor Ricardo Vélez Rodríguez, com quem se desentenderia depois. Foi de Olavo, em aliança com os garotos Bolsonaro, a indicação para o lugar de Rodríguez de Abraham Weintraub. Os militares queriam um nome técnico e com boa reputação entre educadores. Weintraub está longe disso.

Carece de experiência em gestão pública. Não é um formulador de políticas públicas para a educação básica. Seu foco está no ensino superior e no combate à ideologia marxista. Em cinco anos como professor Universidade Federal de São Paulo produziu apenas quatro artigos, todos publicados em revistas de baixo prestígio científico. Em uma delas, seu irmão Arthur era o editor-adjunto.

No final do segundo governo de Lula, em artigo publicado no jornal Valor Econômico, Weintraub revelou-se otimista com o futuro do país. Frustrou-se com o governo Dilma. Ele e o irmão aderiram então à campanha de Bolsonaro no segundo semestre de 2017. Arthur é hoje assessor do presidente. Até ontem, Weintraub era o número 2 na Casa Civil.

Em setembro do ano passado, em diálogo com um candidato a deputado federal por São Paulo, Weintraub expôs uma de suas ideias preconceituosas: “Em vez de as universidades do Nordeste ficarem aí fazendo sociologia, fazendo filosofia no agreste, [devem] fazer agronomia, em parceria com Israel. Acabar com esse ódio de Israel.” Bolsonaro gostou do que ouviu.

Na mesma ocasião, apresentou o que disse serem os dois pilares do plano de governo de Bolsonaro: “a lógica greco-romana” e “os valores judaico-cristãos”. E comentou: “Quando a gente fala na lógica greco-romana, parece uma coisa meio óbvia: ‘Ué, todo mundo aceita a lógica greco-romana’. Não! Não o PT, o pessoal lá, os bolivarianos, o pessoal na universidade”.

Em dezembro último, na 1ª Cúpula Conservadora das Américas, evento organizado pelo garoto Eduardo, os irmãos Weintraub fizeram uma palestra. “Socialista é a Aids. Comunista é a doença socialista”, disse Arthur. Weintraub exaltou o pensamento de Olavo, atacou o comunismo e xingou uma professora da Universidade de Harvard que depois seria indicada para ministra da Corte Suprema.

Weintraub no Ministério da Educação será um prato cheio para os que sonham à esquerda com a ressurreição do movimento estudantil, apagado desde que se atrelou aos governos do PT. Não haverá a menor chance de o novo ministro tocar adiante o que pensa sem acender o rastilho de um barril de pólvora que por ora está adormecido. Bolsonaro tudo faz para inviabilizar seu governo.

topo ↕

PORTAL VEJA - TEMPO REAL

**Após demissão, Vélez diz que confia em Bolsonaro e deseja sorte a sucessor
Abraham Weintraub tomará posse como novo ministro da Educação nesta terça-feira, no Planalto, às 14h**

Por Da Redação

Pelo Twitter, o ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, agradeceu ao presidente Jair Bolsonaro e desejou sorte ao seu sucessor, Abraham Weintraub. “Agradeço ao presidente, Jair Bolsonaro, a oportunidade de estar à frente do Ministério da Educação. Confio em sua decisão e me despeço desejando ao professor, Abraham Weintraub, sucesso no cumprimento de sua missão”, escreveu.

Vélez foi comunicado da decisão em reunião com Bolsonaro, pela manhã, no Palácio do Planalto. A decisão foi formalizada em edição extra do Diário Oficial da União (DOU). A posse de Abraham ocorrerá nesta terça-feira, 9, no Planalto, às 14h, antes da reunião

do Conselho de Governo.

Na sexta-feira 5, Bolsonaro já havia sinalizado que poderia demiti-lo. A saída de Vélez é a segunda baixa na Esplanada dos Ministérios em pouco mais de três meses de governo. Em fevereiro, Gustavo Bebianno (Secretaria-Geral da Presidência) foi demitido após entrar em rota de colisão com o vereador Carlos Bolsonaro (PSC-RJ), filho do presidente.

Neste mesmo período, o MEC registrou nada menos que dezessete baixas em cargos de alto escalão. Reportagem publicada por VEJA mostrou que, sob o comando de Vélez, o ministério tornou-se o epicentro de um pandemônio no governo federal, com brigas ideológicas e projetos emperrados. Enfraquecido, Vélez passou a ser bombardeado por evangélicos, militares e partidos políticos.

Com a demissão iminente, o escritor Olavo de Carvalho, “guru” do governo Bolsonaro e a quem é reputada a indicação de Vélez Rodríguez, virou-se contra o ministro: “Não vou fazer nada contra ele, mas garanto que não vou lamentar se o botarem para fora do ministério”, escreveu.

O primeiro desgaste da pasta sob o comando de Vélez aconteceu logo no início do governo, com a publicação de um edital que alterava as regras para compras de livros didáticos. O documento previa que as obras não precisassem mais de referências bibliográficas e afrouxava o controle de erros.

O texto também revogava itens que previa conteúdos sobre diversidade cultural brasileira e violência contra mulheres. O edital foi anulado no mesmo dia em que foi divulgado (9 de janeiro) – o ex-ministro culpou o governo anterior, de Michel Temer (MDB). Vélez exonerou o então chefe de gabinete do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Rogério Fernando Lot, e mais nove pessoas que ocupavam cargos comissionados no órgão.

Outras demissões ajudaram a mostrar a falta de rumo do Ministério da Educação. O economista Murilo Resende Ferreira foi indicado para o cargo de coordenador do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no dia 16 de janeiro e demitido um dia depois, após uma acusação de plágio ter sido revelada. Funcionários de médio e baixo escalões identificados como “petistas” também foram afastados do ministério.

Após entrevista a VEJA, Vélez voltou a ser questionado por uma declaração que deu ao defender o retorno da disciplina de educação moral e cívica ao currículo escolar: “O brasileiro viajando é um canibal. Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertida na escola”.

Em outro episódio, o ministro enviou cartas a diretores de escolas pedindo que eles filmassem alunos cantando o Hino Nacional e determinando a leitura de mensagem com o slogan de campanha de Bolsonaro “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Após críticas e sob o risco de ter de responder por improbidade administrativa, voltou atrás.

Na semana passada, já com o cargo em risco, o ministro anunciou mudanças em livros didáticos, para revisar a maneira como são retratados nas escolas o golpe de Estado que

retirou o presidente João Goulart do poder, em 1964, e o regime militar que o seguiu.

(Com Estadão Conteúdo)

topo ↕

R7 - TEMPO REAL

Os desafios que o novo ministro de Bolsonaro vai enfrentar no MEC

Abraham Weintraub assume o MEC com corte de 25% no orçamento da pasta, a necessidade de renovar o Fundeb e manter os prazos do Enem

O economista Abraham Weintraub, que acaba de assumir o MEC (Ministério da Educação), enfrentará uma série de desafios pela frente.

Enem

A falência da gráfica RR Donneley, que imprimia as provas do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) desde 2009, causou apreensão entre estudantes de todo o país. De acordo com o edital, as provas do Enem estão marcadas para novembro e, para que sejam realizadas, devem ser impressas até o mês de maio.

O exame é a porta de entrada para as principais universidades do Brasil e até mesmo aceito em instituições de Portugal. A importância também está na dimensão: em 2018, o Enem recebeu 5,5 milhões de inscrições e foram impressas 11 milhões de provas.

Por meio de um comunicado oficial, o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) informou que o Enem deve transcorrer normalmente, que o cronograma está mantido, com as provas marcadas para 3 e 10 de novembro, conforme prevê o Edital.

No entanto, não informou que medidas serão tomadas, nem quais as gráficas poderiam fazer a impressão das provas.

Fundo para Educação

O MEC sofreu um corte de 25% no seu orçamento este ano. Por meio de uma publicação extra no Diário Oficial da União, o governo reduziu verba de todos os ministérios. No caso da Educação, a pasta perdeu mais de R\$ 5 bilhões.

Corte que atinge desde as universidades federais até a compra de itens básicos para o serviço público.

Verba é o ponto central. O novo ministro precisa rever o Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), uma das pautas prioritárias do ministério para este ano.

O Fundeb é o principal mecanismo de financiamento da Educação Básica pública no Brasil. Foi criado por Emenda Constitucional e pode deixar de existir em 2020. Há propostas no Senado para que o Fundo seja permanente, mas a pauta precisa ser votada.

Para entender melhor a importância do Fundeb, ele tem como objetivo redistribuir os recursos destinados à Educação Básica que provêm de impostos de Estados, Distrito Federal e Municípios.

Com esse dinheiro são pagos os professores e os custos de sua formação continuada,

assim como o transporte escolar, o material didático, a construção de novas escolas e sua manutenção, que vão da creche ao Ensino Médio. A revisão e renovação do Fundeb é fundamental dada a dependência de toda a rede pública do país dessa verba.

Fies

Outro problema grave que afeta estudantes de todo o Brasil é a dificuldade em realizar matrícula pelo Fies (Fundo de Financiamento Estudantil). Foi detectada uma falha no sistema que impedia o estudante de assinar o contrato de financiamento com a Caixa Econômica Federal.

Por meio de uma nota divulgada no site do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), o MEC informou que a falha no sistema foi corrigida, mas prorrogou o prazo das inscrições pela terceira vez.

A nota informa que "foi solucionado o problema que impedia a troca de informações com o agente financeiro e, conseqüentemente, a contratação do financiamento com a instituição bancária".

De acordo com a nota, os estudantes que já estão assistindo as aulas não devem se preocupar. "Após a contratação, as instituições serão ressarcidas retroativamente. O prazo foi estendido até o dia 12 para que todos os alunos tenham a validação completa", explica o diretor de gestão de Fundos e Benefícios do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Luiz Blumm.

Ainda de acordo com o FNDE, as informações sobre os novos prazos foram enviadas a todos os estudantes, por e-mail e SMS. Por isso, é importante que todos fiquem atentos às suas caixas de entrada.

A partir do momento da validação das informações, o MEC tem três dias úteis para repassar as informações dos estudantes às instituições bancárias. A partir daí começa a contar o prazo de 10 dias para que o estudante faça a contratação do financiamento junto ao banco.

Significa que os estudantes que não conseguiram efetuar a matrícula até o momento, só vão começar o semestre neste mês de abril.

[topo](#)

R7 - TEMPO REAL

Escolha para o Ministério da Educação fortalece Onyx Lorenzoni

Indicação de Abraham Weintraub foi a "solução caseira" encontrada pela equipe de Bolsonaro para resolver uma disputa interna na pasta

A indicação de Abraham Weintraub para substituir Ricardo Vélez Rodríguez no Ministério da Educação foi a "solução caseira" encontrada pela equipe do presidente Jair Bolsonaro para resolver uma disputa interna e fortalece o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Secretário executivo da Casa Civil, Weintraub não havia sido lembrado até então para ocupar a cadeira com mais polêmicas no governo, mas foi a saída de última hora, na tentativa de evitar mais problemas.

Novo ministro da Educação defende vencer o marxismo cultural

Em dois encontros de auxiliares com Bolsonaro, no fim de semana, a meta era achar um

perfil de ministro que também ajudasse na articulação da reforma da Previdência no Congresso. Conselheiros do presidente sugeriam um político para o cargo. Nesse arranjo, a secretaria executiva do MEC ficaria sob a responsabilidade de alguém com mais capacidade de gestão.

Uma das possibilidades aventadas era fazer uma dobradinha entre o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e Ivan Camargo, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB). Outro nome mencionado era o do deputado João Roma (PRB-BA). Havia, porém, outros citados, como os generais Oswaldo Ferreira e Alessio Ribeiro Souto. Bolsonaro parecia mais inclinado por Camargo.

A surpresa veio mais tarde, quando ele anunciou a decisão de entregar a pasta, mais uma vez, para aliados do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo. Passaram a ser cotados para ministro, então, o secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, e o ex-secretário executivo adjunto Eduardo Melo.

Diante desse quadro, Onyx sugeriu Weintraub. Era, na definição do chefe da Casa Civil, a saída ideal: um técnico ligado a Olavo mas que também tinha a confiança do Planalto. A reportagem apurou que já é dada como certa a retirada dos militares do MEC.

Com dificuldades para demitir, Bolsonaro chegou a pedir desculpas a Vêlez nesta segunda-feira (8) na última conversa. A interlocutores, definiu a situação como constrangedora, mas afirmou que o MEC não poderia continuar sangrando.

Economista, Weintraub foi levado para a campanha de Bolsonaro por Onyx, que o conheceu no Congresso em um seminário sobre Previdência, em 2017. Entusiasmado com suas propostas e com as de Arthur, seu inseparável irmão, o então deputado do DEM os convenceu a dar uma espécie de "consultoria" ao colega de Câmara.

"Eu me lembro do dia no qual nós desejávamos que ele (Bolsonaro) compreendesse o quanto era importante a independência do Banco Central para dar solidez à economia. Ele foi falar 20 minutos com um tal professor paulista da Unifesp (Weintraub). Ficou duas horas. Era contra e saiu a favor. A partir daí, fizemos o plano de governo", contou Onyx nesta segunda.

Em 2018, os irmãos acompanharam o pré-candidato na viagem ao Japão e à Coreia do Sul. Questionado no ano passado, sobre a decisão de apoiar Bolsonaro, Weintraub falou sobre patriotismo. "Diante de ameaças é necessário lutar pelo país em que se vive. Os venezuelanos descobriram isso muito tarde. Perderam o controle de sua Pátria e hoje são colônia dos ditadores que controlam Cuba. São escravos", escreveu. Na entrevista, por e-mail, rechaçou a pecha de direita. "Esquerda ou direita, acho que é uma rotulação pobre. Somos humanistas, democratas, liberais, lemos a Bíblia (Velho e Novo Testamento) e a temos como referência."

topo ↕

R7 - TEMPO REAL

Novo ministro da Educação toma posse nesta terça-feira

Após a cerimônia, que contará com a presença do presidente Jair Bolsonaro (PSL), Abraham Weintraub participará de reunião com ministros

O economista Abraham Weintraub toma posse como ministro da Educação nesta terça-feira (9), às 14h. A cerimônia contará com a presença do presidente Jair Bolsonaro

(PSL).

Novo ministro da Educação toma posse nesta terça-feira

Após a solenidade, Weintraub, já no comando do MEC (Ministério da Educação), deverá participar da reunião do Conselho de Governo, que reúne todos os ministros do governo Bolsonaro.

Quem é Abraham Weintraub, o novo ministro da Educação de Bolsonaro

Weintraub foi nomeado ministro da Educação no lugar do colombiano Ricardo Vélez Rodríguez, que durante nos primeiros meses de governo promoveu 15 demissões no alto escalão do MEC e se envolveu em uma série de polêmicas.

O nome do novo ministro foi publicado nesta segunda-feira (8) em uma edição extraordinária do "Diário Oficial da União".

topo ↕

TERRA - TEMPO REAL

Escolha para o MEC fortalece Onyx Lorenzoni

A indicação de Abraham Weintraub para substituir Ricardo Vélez Rodríguez no Ministério da Educação foi a "solução caseira" encontrada pela equipe do presidente Jair Bolsonaro para resolver uma disputa interna e fortalece o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Secretário executivo da Casa Civil, Weintraub não havia sido lembrado até então para ocupar a cadeira com mais polêmicas no governo, mas foi a saída de última hora, na tentativa de evitar mais problemas.

Em dois encontros de auxiliares com Bolsonaro, no fim de semana, a meta era achar um perfil de ministro que também ajudasse na articulação da reforma da Previdência no Congresso. Conselheiros do presidente sugeriam um político para o cargo. Nesse arranjo, a secretaria executiva do MEC ficaria sob a responsabilidade de alguém com mais capacidade de gestão.

Uma das possibilidades aventadas era fazer uma dobradinha entre o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e Ivan Camargo, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB). Outro nome mencionado era o do deputado João Roma (PRB-BA). Havia, porém, outros citados, como os generais Oswaldo Ferreira e Alessio Ribeiro Souto. Bolsonaro parecia mais inclinado por Camargo.

A surpresa veio mais tarde, quando ele anunciou a decisão de entregar a pasta, mais uma vez, para aliados do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo. Passaram a ser cotados para ministro, então, o secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, e o ex-secretário executivo adjunto Eduardo Melo.

Diante desse quadro, Onyx sugeriu Weintraub. Era, na definição do chefe da Casa Civil, a saída ideal: um técnico ligado a Olavo, mas que também tinha a confiança do Planalto. A reportagem apurou que já é dada como certa a retirada dos militares do MEC.

Com dificuldades para demitir, Bolsonaro chegou a pedir desculpas a Vélez nesta segunda-feira, 8, na última conversa. A interlocutores, definiu a situação como constrangedora, mas afirmou que o MEC não poderia continuar sangrando.

Economista, Weintraub foi levado para a campanha de Bolsonaro por Onyx, que o conheceu no Congresso em um seminário sobre Previdência, em 2017. Entusiasmado com suas propostas e com as de Arthur, seu inseparável irmão, o então deputado do DEM os convenceu a dar uma espécie de "consultoria" ao colega de Câmara.

"Eu me lembro do dia no qual nós desejávamos que ele (Bolsonaro) compreendesse o quanto era importante a independência do Banco Central para dar solidez à economia. Ele foi falar 20 minutos com um tal professor paulista da Unifesp (Weintraub). Ficou duas horas. Era contra e saiu a favor. A partir daí, fizemos o plano de governo", contou Onyx nesta segunda.

Em 2018, os irmãos acompanharam o pré-candidato na viagem ao Japão e à Coreia do Sul. Questionado no ano passado, sobre a decisão de apoiar Bolsonaro, Weintraub falou sobre patriotismo. "Diante de ameaças é necessário lutar pelo país em que se vive. Os venezuelanos descobriram isso muito tarde. Perderam o controle de sua Pátria e hoje são colônia dos ditadores que controlam Cuba. São escravos", escreveu. Na entrevista, por e-mail, rechaçou a pecha de direitista. "Esquerda ou direita, acho que é uma rotulação pobre. Somos humanistas, democratas, liberais, lemos a Bíblia (Velho e Novo Testamento) e a temos como referência." As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

topo ↕

TERRA - TEMPO REAL

5 questões urgentes da educação brasileira que o novo ministro Abraham Weintraub vai enfrentar

Pasta tem troca de comando após três meses de crises e polêmicas sob Ricardo Vélez; fundo de financiamento da educação, base curricular e realização do Enem estão entre temas espinhosos a serem resolvidos no MEC.

Depois de uma série de crises, o presidente Jair Bolsonaro anunciou nesta segunda-feira a exoneração de Ricardo Vélez que deixou o Ministério da Educação (MEC). Ele será substituído no posto pelo economista Abraham Weintraub.

Em três meses de gestão, Vélez deixou um rastro de problemas e polêmicas, exemplificadas pelas disputas internas dentro do MEC - entre alas distintas, como a técnica, a ideológica e a militar -, por nomeações a cargos-chave que não se concretizaram e pela convocação (rapidamente revogada) para que escolas filmassem os alunos cantando o hino nacional.

Especialistas e pesquisadores da educação queixavam-se também da paralisia da pasta, uma das mais importantes do governo e responsável pela política educacional que norteia o trabalho das 184 mil escolas existentes no Brasil e pela aplicação de provas como o Enem (cuja realização no prazo previsto está em risco), entre outras atribuições.

Weintraub é formado em Economia pela USP, tido como próximo ao ministro da Casa Civil Onyx Lorenzoni e ao ideólogo Olavo de Carvalho (assim como seu antecessor) e trabalhava na reforma da Previdência. Seu nome não é unanimidade no setor e sofre críticas por não ter experiência na área de gestão educacional.

Daniel Cara, coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, diz que o Brasil tem a tradição de "nomear ministros homens acadêmicos que não entendem

de Pedagogia ou de políticas para a educação básica".

A seguir, ele e mais outros dois especialistas em educação consultados pela BBC News Brasil enumeram - e explicam - as que consideram ser as questões mais urgentes a serem enfrentadas pelo MEC na nova gestão:

1. Modelo de financiamento está prestes a expirar

A maior parte do dinheiro que financia a educação básica pública do Brasil vem do Fundeb, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, que repassa dinheiro para que Estados e Municípios apliquem em suas redes escolares.

São cerca de R\$ 150 bilhões por ano, vindos de impostos como o ICMS e de transferências federais obrigatórias pela Constituição.

O problema é que o Fundeb tem prazo para acabar: 2020. Depois do ano que vem, portanto, o modelo de financiamento da educação pública passará a ser uma incógnita.

"É a questão mais urgente do MEC, porque o Fundeb financia cerca de 80% de todas as 40 milhões de matrículas públicas (da educação básica)", opina Daniel Cara.

No Congresso, diz Cara, estão em debate as possibilidades de estender, reformar ou mesmo eliminar o modelo do Fundeb, mas a discussão está "parada".

No âmbito do MEC, "a pasta precisa apresentar uma proposta para a revisão do Fundeb e dizer se isso ficará a seu cargo ou do Ministério da Economia (uma vez que o fundo está vinculado à arrecadação tributária)", diz João Marcelo Borges, diretor de estratégias políticas da organização Todos Pela Educação.

No ano passado, a deputada federal Dorinha Seabra Rezende (DEM-TO) afirmou que o fim do Fundeb sem uma substituição clara "seria um caos à educação pública. Em cerca de 1,8 mil municípios mais pobres, quase a totalidade dos recursos investidos em educação vem de fora, da complementação do Fundeb. Há municípios que (sem o fundo) não terão dinheiro para pagar pessoal nem transporte escolar", disse, segundo a Agência Brasil.

2. Colocar em prática a Base Curricular

Em dezembro de 2017, o MEC homologou a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que aponta as aprendizagens consideradas essenciais para as escolas públicas e particulares brasileiras, da educação infantil ao ensino fundamental (o ensino médio foi alvo de reforma separada, tema do próximo item).

Um dos principais objetivos é estabelecer parâmetros que ajudem a trazer equidade à educação brasileira, independentemente de onde estude o aluno. Agora, à medida que a base é incorporada pelas redes municipais, estaduais e privadas, "o urgente é a responsabilidade do governo federal em traduzir (as diretrizes) em currículo escolar e fazer um papel de coordenação, para que isso aconteça bem", diz Claudia Costin, diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais (CEIPE) da FGV Rio. "Isso significa formar professores e criar materiais adequados."

Para Daniel Cara, porém, um grande empecilho é que a BNCC conta com pouco apoio na base de professores, por ser vista, segundo ele, como algo imposto pelo governo (ainda na gestão Michel Temer) sem um canal de diálogo e de escuta com os docentes e sua realidade prática.

Ao mesmo tempo, Borges, do Todos Pela Educação, lembra que o MEC lançou no início de abril um projeto de apoio à implementação da BNCC, que prevê para este ano grande parte da capacitação de professores e da revisão dos projetos pedagógicos das escolas públicas.

"Agora, precisamos saber se haverá continuidade desse programa (com a nova gestão do MEC), para transformar isso em prática na sala de aula", diz.

3. Dar rumo à reforma do ensino médio

Em paralelo à BNCC, no final de 2018, o Conselho Nacional de Educação, ainda sob a gestão Temer, aprovou uma reforma específica para o ensino médio, que prevê que os alunos dessa etapa tenham uma carga horária de estudos maior e a possibilidade de escolher algumas disciplinas que queiram ou não cursar.

A previsão era de colocar as mudanças em vigor já em 2020. Essa reforma, porém, caminha a passos lentos, segundo os especialistas ouvidos pela BBC News Brasil.

Cara, da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação, lembra que a reforma - que também foi alvo de críticas durante sua tramitação - exigirá aplicação de mais recursos nos Estados (responsáveis pela maioria das escolas públicas de ensino médio), algo que deve esbarrar em disputas político-econômicas.

A qualidade do ensino médio é especialmente preocupante porque é, atualmente, o principal gargalo da educação brasileira - uma etapa na qual poucas políticas públicas têm surtido efeitos até agora.

Segundo os dados mais recentes do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), nenhum Estado brasileiro atingiu a meta prevista para o ensino médio em 2017, e alguns Estados inclusive registraram piora no desempenho dos alunos.

É, também, uma etapa com alto índice de evasão: cerca de 3 milhões de jovens abandonam o ensino médio por ano, em média.

4. Formação de professores

Costin, da FGV, lembra que a formação dos professores brasileiros é considerada excessivamente teórica e distante da realidade que os docentes enfrentam na sala de aula. Com isso, se torna um importante obstáculo para uma educação de qualidade.

No final do ano passado, o MEC apresentou uma proposta inicial de reforma - a Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica -, que traz sugestões, como tornar os cursos de Pedagogia mais voltados à prática e às competências previstas na BNCC dos estudantes.

Borges e Costin afirmam, no entanto, que o documento está parado no MEC desde então, sem avanços. A assessoria de imprensa do ministério disse à BBC News Brasil que consultará a área responsável para informar a respeito de um cronograma da base docente. Esta reportagem será atualizada com a resposta.

5. Enem, prova de alfabetização e demais avaliações a perigo

O anúncio da falência da gráfica que imprime desde 2009 o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) criou tensões sobre a realização da prova, prevista para novembro. Por se tratar de uma impressão com fortes exigências de segurança e logística, ela tem de ocorrer com meses de antecedência.

Em nota de 2 de abril, o MEC afirma que o cronograma para o Enem está mantido, "com todas as datas transcorrendo normalmente e as provas marcadas para 3 e 10 de novembro".

"Em relação à falência da gráfica contratada para a diagramação e impressão dos cadernos de prova da edição deste ano do Enem, a autarquia está avaliando alternativas seguras", prossegue a nota.

O problema se torna maior com as turbulências no Inep, órgão do MEC responsável pelo Enem e por outras avaliações da educação brasileira. O presidente do órgão, Marcus Vinícius Rodrigues, foi demitido por Ricardo Vélez, dois meses depois de assumir o cargo, em meio a uma crise por conta de outra avaliação: a de alfabetização de crianças.

Eis a polêmica: em março, o MEC anunciou que suspenderia por dois anos a avaliação de crianças em fase de alfabetização, mas, diante da repercussão negativa da medida, voltou atrás. Rodrigues perdeu o cargo nesse episódio.

Para Borges, do Todos Pela Educação, o cronograma do Enem é "motivo para grande preocupação" e o mesmo se repete com outras avaliações. "A Prova Brasil (que avalia o aprendizado de alunos do 5º e do 9º anos do ensino fundamental) também teve seus preparativos atrasados. Foram perdidos três meses e meio (de gestão do MEC)".

Para Claudia Costin, é importante garantir que avaliações do tipo aconteçam dentro do cronograma porque "a educação é uma área propensa ao autoengano".

"O Brasil construiu uma tradição de obter dados da educação, ainda que não use bem esses dados. Mas essas informações são um primeiro passo para melhorar a educação", opina.

[topo](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Análise : Com MEC paralisado, inexperiência do novo ministro pesará mais

A inexperiência em políticas e gestão educacionais de Abraham Weintraub, anunciado ontem para o lugar de Ricardo Vélez no Ministério da Educação (MEC), pesará diante do cenário de paralisação que caracteriza a pasta há quase cem dias. A avaliação é de especialistas no setor.

Um diagnóstico divulgado ontem pela organização Todos Pela Educação indica que de

sete temas considerados prioritários o país na área, cinco não avançaram nos últimos três meses.

O contexto atual, segundo o diretor de políticas educacionais da organização, Olavo Nogueira Filho, difere do momento em que Vélez, também sem experiência na área, assumiu o ministério.

Acabou o benefício da dúvida

"No caso do ministro Vélez, que também era um nome desconhecido, houve o benefício da dúvida, dando-se um tempo para que ele pudesse apresentar seu projeto. Mas o projeto não foi apresentado, e o MEC já está há três meses sem funcionar", diz.

Para ele, a expectativa era pela nomeação de alguém com experiência prévia em gestão pública, teoricamente mais apto a por o MEC mais rapidamente nos trilhos. "[Seria] alguém para se contrapor a esse início de governo inoperante, que atrapalhou a formatação de qualquer tipo de agenda de ação efetiva para a educação", diz.

Sob os holofotes depois de ter confrontando Vélez, a deputada federal Tabata Amaral (PDT-SP) também criticou o currículo do sucessor para a pasta em sua página no Facebook.

"Me causa mais tristeza do que surpresa que o ministério da educação continue sendo uma das poucas pastas para as quais admitimos ter um ministro com pouca ou nenhuma experiência na área", escreveu a parlamentar.

Quais os projetos do MEC?

Maria Helena Guimarães de Castro, membro do Conselho Nacional de Educação e ex-secretária-executiva do MEC, reclama da falta de projetos. A opinião é compartilhada pelo filósofo e professor Mario Sergio Cortella, para quem "não tivemos um Ministério da Educação nesses primeiros dias".

Para ambos, o governo até agora não explicou como tratará de questões complexas e essenciais, como é o caso da distribuição do Fundeb, principal mecanismo de financiamento da educação básica, cujo modelo vence no próximo ano. "Sou um cidadão do país que precisa que o MEC demonstre quais são suas políticas, o que não foi demonstrado até o momento", diz Cortella.

Sugestão: foco na equipe

Maria Helena e Cortella dizem respeitar a escolha de Bolsonaro. "Essa é uma escolha do governante", diz Cortella, que foi secretário municipal de Educação de São Paulo (1991-1992) e chefe de gabinete de Paulo Freire, a quem sucedeu na secretaria.

"Espero que ele [Weintraub] tenha muita vontade de dialogar com todos os atores, movimentos, ONGs, universidades, para poder entender qual a agenda de política que está em curso", diz Maria Helena.

Para compensar a falta de preparo do novo ministro, ela dá uma sugestão: que o titular se cerque de uma equipe bem preparada. Os colegas de Maria Helena concordam.

"Se pegarmos o Mendonça Filho, concordando ou não com sua linha de atuação, ele foi

capaz de montar um time de qualidade técnica, de pessoas que conhecem educação e que permitiram avançar uma agenda em período bastante curto", diz Nogueira Filho, do Todos pela Educação.

Desafio pela frente

O cientista político Mauricio Fronzaglia, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, alerta que, de todo modo, não será uma tarefa fácil.

"Não é algo simples. Nosso sistema de educação é bem complexo, exige conhecimento técnico e de gestão", diz. "É uma área de resultados demorados, que normalmente já sofre com problemas de comunicação entre o ministério e as secretarias, para a implementação de políticas públicas."

Para Maria Helena, porém, é preciso dar um crédito de confiança para que Weintraub "organize uma equipe alinhada", que não apresente as dissidências internas observadas sob o comando de Vélez.

"Eu, como brasileira e educadora, quero que a educação brasileira dê certo. Estou aqui desejando boa sorte ao ministro e acredito que todas as pessoas em educação pensam da mesma forma", diz.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Onyx se fortalece com escolha de Weintraub para ministro da Educação

A indicação de Abraham Weintraub para substituir Ricardo Vélez Rodríguez no Ministério da Educação foi a "solução caseira" encontrada pela equipe do presidente Jair Bolsonaro para resolver uma disputa interna e fortalece o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni (DEM-RS). Weintraub era secretário executivo da Casa Civil, não havia sido lembrado até então para ocupar a cadeira com mais polêmicas no governo, mas foi a saída de última hora, na tentativa de evitar mais problemas.

Em dois encontros de auxiliares com Bolsonaro, no fim de semana, a meta era achar um perfil de ministro que também ajudasse na articulação da reforma da Previdência no Congresso. Conselheiros do presidente sugeriam um político para o cargo. Nesse arranjo, a secretaria executiva do MEC ficaria sob a responsabilidade de alguém com mais capacidade de gestão.

Uma das possibilidades aventadas era fazer uma dobradinha entre o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e Ivan Camargo, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB). Outro nome mencionado era o do deputado João Roma (PRB-BA). Havia, porém, outros citados, como os generais Oswaldo Ferreira e Alessio Ribeiro Souto. Bolsonaro parecia mais inclinado por Camargo.

A surpresa veio mais tarde, quando ele anunciou a decisão de entregar a pasta, mais uma vez, para aliados do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo. Passaram a ser cotados para ministro, então, o secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, e o ex-secretário executivo adjunto Eduardo Melo.

Diante desse quadro, Onyx sugeriu Weintraub. Era, na definição do chefe da Casa Civil, a saída ideal: um técnico ligado a Olavo, mas que também tinha a confiança do Planalto. A reportagem apurou que já é dada como certa a retirada dos militares do MEC.

Com dificuldades para demitir, Bolsonaro chegou a pedir desculpas a Vélez ontem, na última conversa. A interlocutores, definiu a situação como constrangedora, mas afirmou que o MEC não poderia continuar sangrando.

Economista, Weintraub foi levado para a campanha de Bolsonaro por Onyx, que o conheceu no Congresso em um seminário sobre Previdência, em 2017. Entusiasmado com suas propostas e com as de Arthur, seu inseparável irmão, o então deputado do DEM os convenceu a dar uma espécie de "consultoria" ao colega de Câmara.

"Eu me lembro do dia no qual nós desejávamos que ele (Bolsonaro) compreendesse o quanto era importante a independência do Banco Central para dar solidez à economia. Ele foi falar 20 minutos com um tal professor paulista da Unifesp (Weintraub). Ficou duas horas. Era contra e saiu a favor. A partir daí, fizemos o plano de governo", contou Onyx nesta segunda.

Em 2018, os irmãos acompanharam o pré-candidato na viagem ao Japão e à Coreia do Sul. Questionado no ano passado, sobre a decisão de apoiar Bolsonaro, Weintraub falou sobre patriotismo. "Diante de ameaças é necessário lutar pelo país em que se vive. Os venezuelanos descobriram isso muito tarde. Perderam o controle de sua Pátria e hoje são colônia dos ditadores que controlam Cuba. São escravos", escreveu. Na entrevista, por e-mail, rechaçou a pecha de direitista. "Esquerda ou direita, acho que é uma rotulação pobre. Somos humanistas, democratas, liberais, lemos a Bíblia (Velho e Novo Testamento) e a temos como referência." As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

5 questões urgentes da educação brasileira que o novo ministro Abraham Weintraub vai enfrentar

Pasta tem troca de comando após três meses de crises e polêmicas sob Ricardo Vélez; fundo de financiamento da educação, base curricular e realização do Enem estão entre temas espinhosos a serem resolvidos no MEC.

Depois de uma série de crises, o presidente Jair Bolsonaro anunciou nesta segunda-feira a exoneração de Ricardo Vélez que deixou o Ministério da Educação (MEC). Ele será substituído no posto pelo economista Abraham Weintraub.

Em três meses de gestão, Vélez deixou um rastro de problemas e polêmicas, exemplificadas pelas disputas internas dentro do MEC - entre alas distintas, como a técnica, a ideológica e a militar -, por nomeações a cargos-chave que não se concretizaram e pela convocação (rapidamente revogada) para que escolas filmassem os alunos cantando o hino nacional.

Especialistas e pesquisadores da educação queixavam-se também da paralisia da pasta, uma das mais importantes do governo e responsável pela política educacional que norteia o trabalho das 184 mil escolas existentes no Brasil e pela aplicação de provas como o Enem (cuja realização no prazo previsto está em risco), entre outras atribuições.

Weintraub é formado em Economia pela USP, tido como próximo ao ministro da Casa Civil Onyx Lorenzoni e ao ideólogo Olavo de Carvalho (assim como seu antecessor) e

trabalhava na reforma da Previdência. Seu nome não é unanimidade no setor e sofre críticas por não ter experiência na área de gestão educacional.

Quem é Abraham Weintraub, o novo ministro da Educação do governo Bolsonaro? Afinal, a Reforma da Previdência reduz privilégios ou arrocha os mais pobres?

Daniel Cara, coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, diz que o Brasil tem a tradição de "nomear ministros homens acadêmicos que não entendem de Pedagogia ou de políticas para a educação básica".

A seguir, ele e mais outros dois especialistas em educação consultados pela BBC News Brasil enumeram - e explicam - as que consideram ser as questões mais urgentes a serem enfrentadas pelo MEC na nova gestão:

1. Modelo de financiamento está prestes a expirar

A maior parte do dinheiro que financia a educação básica pública do Brasil vem do Fundeb, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, que repassa dinheiro para que Estados e Municípios apliquem em suas redes escolares.

São cerca de R\$ 150 bilhões por ano, vindos de impostos como o ICMS e de transferências federais obrigatórias pela Constituição.

O problema é que o Fundeb tem prazo para acabar: 2020. Depois do ano que vem, portanto, o modelo de financiamento da educação pública passará a ser uma incógnita.

"É a questão mais urgente do MEC, porque o Fundeb financia cerca de 80% de todas as 40 milhões de matrículas públicas (da educação básica)", opina Daniel Cara.

No Congresso, diz Cara, estão em debate as possibilidades de estender, reformar ou mesmo eliminar o modelo do Fundeb, mas a discussão está "parada".

No âmbito do MEC, "a pasta precisa apresentar uma proposta para a revisão do Fundeb e dizer se isso ficará a seu cargo ou do Ministério da Economia (uma vez que o fundo está vinculado à arrecadação tributária)", diz João Marcelo Borges, diretor de estratégias políticas da organização Todos Pela Educação.

No ano passado, a deputada federal Dorinha Seabra Rezende (DEM-TO) afirmou que o fim do Fundeb sem uma substituição clara "seria um caos à educação pública. Em cerca de 1,8 mil municípios mais pobres, quase a totalidade dos recursos investidos em educação vem de fora, da complementação do Fundeb. Há municípios que (sem o fundo) não terão dinheiro para pagar pessoal nem transporte escolar", disse, segundo a Agência Brasil.

2. Colocar em prática a Base Curricular

Em dezembro de 2017, o MEC homologou a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que aponta as aprendizagens consideradas essenciais para as escolas públicas e particulares brasileiras, da educação infantil ao ensino fundamental (o ensino médio foi alvo de reforma separada, tema do próximo item).

Um dos principais objetivos é estabelecer parâmetros que ajudem a trazer equidade à educação brasileira, independentemente de onde estude o aluno. Agora, à medida que a base é incorporada pelas redes municipais, estaduais e privadas, "o urgente é a responsabilidade do governo federal em traduzir (as diretrizes) em currículo escolar e fazer um papel de coordenação, para que isso aconteça bem", diz Claudia Costin, diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais (CEIPE) da FGV Rio. "Isso significa formar professores e criar materiais adequados."

Para Daniel Cara, porém, um grande empecilho é que a BNCC conta com pouco apoio na base de professores, por ser vista, segundo ele, como algo imposto pelo governo (ainda na gestão Michel Temer) sem um canal de diálogo e de escuta com os docentes e sua realidade prática.

Ao mesmo tempo, Borges, do Todos Pela Educação, lembra que o MEC lançou no início de abril um projeto de apoio à implementação da BNCC, que prevê para este ano grande parte da capacitação de professores e da revisão dos projetos pedagógicos das escolas públicas.

"Agora, precisamos saber se haverá continuidade desse programa (com a nova gestão do MEC), para transformar isso em prática na sala de aula", diz.

3. Dar rumo à reforma do ensino médio

Em paralelo à BNCC, no final de 2018, o Conselho Nacional de Educação, ainda sob a gestão Temer, aprovou uma reforma específica para o ensino médio, que prevê que os alunos dessa etapa tenham uma carga horária de estudos maior e a possibilidade de escolher algumas disciplinas que queiram ou não cursar.

A previsão era de colocar as mudanças em vigor já em 2020. Essa reforma, porém, caminha a passos lentos, segundo os especialistas ouvidos pela BBC News Brasil.

Cara, da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação, lembra que a reforma - que também foi alvo de críticas durante sua tramitação - exigirá aplicação de mais recursos nos Estados (responsáveis pela maioria das escolas públicas de ensino médio), algo que deve esbarrar em disputas político-econômicas.

A qualidade do ensino médio é especialmente preocupante porque é, atualmente, o principal gargalo da educação brasileira - uma etapa na qual poucas políticas públicas têm surtido efeitos até agora.

Segundo os dados mais recentes do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), nenhum Estado brasileiro atingiu a meta prevista para o ensino médio em 2017, e alguns Estados inclusive registraram piora no desempenho dos alunos.

É, também, uma etapa com alto índice de evasão: cerca de 3 milhões de jovens abandonam o ensino médio por ano, em média.

4. Formação de professores

Costin, da FGV, lembra que a formação dos professores brasileiros é considerada excessivamente teórica e distante da realidade que os docentes enfrentam na sala de aula. Com isso, se torna um importante obstáculo para uma educação de qualidade.

No final do ano passado, o MEC apresentou uma proposta inicial de reforma - a Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica -, que traz sugestões, como tornar os cursos de Pedagogia mais voltados à prática e às competências previstas na BNCC dos estudantes.

Borges e Costin afirmam, no entanto, que o documento está parado no MEC desde então, sem avanços. A assessoria de imprensa do ministério disse à BBC News Brasil que consultará a área responsável para informar a respeito de um cronograma da base docente. Esta reportagem será atualizada com a resposta.

5. Enem, prova de alfabetização e demais avaliações a perigo

O anúncio da falência da gráfica que imprime desde 2009 o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) criou tensões sobre a realização da prova, prevista para novembro. Por se tratar de uma impressão com fortes exigências de segurança e logística, ela tem de ocorrer com meses de antecedência.

Em nota de 2 de abril, o MEC afirma que o cronograma para o Enem está mantido, "com todas as datas transcorrendo normalmente e as provas marcadas para 3 e 10 de novembro".

"Em relação à falência da gráfica contratada para a diagramação e impressão dos cadernos de prova da edição deste ano do Enem, a autarquia está avaliando alternativas seguras", prossegue a nota.

O problema se torna maior com as turbulências no Inep, órgão do MEC responsável pelo Enem e por outras avaliações da educação brasileira. O presidente do órgão, Marcus Vinícius Rodrigues, foi demitido por Ricardo Vélez, dois meses depois de assumir o cargo, em meio a uma crise por conta de outra avaliação: a de alfabetização de crianças.

Eis a polêmica: em março, o MEC anunciou que suspenderia por dois anos a avaliação de crianças em fase de alfabetização, mas, diante da repercussão negativa da medida, voltou atrás. Rodrigues perdeu o cargo nesse episódio.

Para Borges, do Todos Pela Educação, o cronograma do Enem é "motivo para grande preocupação" e o mesmo se repete com outras avaliações. "A Prova Brasil (que avalia o aprendizado de alunos do 5º e do 9º anos do ensino fundamental) também teve seus preparativos atrasados. Foram perdidos três meses e meio (de gestão do MEC)".

Para Claudia Costin, é importante garantir que avaliações do tipo aconteçam dentro do cronograma porque "a educação é uma área propensa ao autoengano".

"O Brasil construiu uma tradição de obter dados da educação, ainda que não use bem esses dados. Mas essas informações são um primeiro passo para melhorar a educação", opina.